

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação nasce a partir da confrontação da pesquisadora com efetivas situações transferenciais da clínica hospitalar, nas quais um componente de feminilidade¹ parecia estar associado com a produção de fenômenos desorganizadores para o psiquismo dos sujeitos. Algumas experiências clínicas evidenciavam momentos em que as construções delirantes do paciente pareciam estar associadas a uma esfera de passividade insuportável para o indivíduo. Contudo, a demarcação clara da natureza desse elemento feminino ainda era algo a ser esclarecido.

É possível recortar diferentes acontecimentos da clínica que ilustram e delimitam o que podemos considerar como sendo um conteúdo associado à feminilidade apassivadora à qual nos referimos. Na instituição hospitalar, é comum presenciarmos situações aparentemente banais, nas quais, por exemplo, o paciente se queixa do som alto da TV. O que muitas vezes não é constatado, é que essa queixa pode estar associada a um afeto angustiado e a falas em que o sujeito afirma estar sendo agredido verbalmente por alguém. Tais situações parecem apontar para uma abertura e uma fragmentação significativa das barreiras defensivas do psiquismo. Nesse sentido, os estímulos do ambiente passam a invadir e violentar o paciente, em uma dimensão de transitivismo corpo-ambiente/outro. Isso nos autoriza a considerar que essas sentenças verbais do paciente carregam a verdade sobre o corpo fragilizado, tomado pela confusão mental, totalmente apassivado e invadido pelo cenário de cuidado hospitalar, ainda que na situação não estejam explícitos os mecanismos de intrusão da alteridade.

A relação de cuidado hospitalar, que envolve a manipulação invasiva do corpo e o contato íntimo com o outro, muitas vezes com uma figura masculina associada

¹ Os termos relativos à feminilidade (passividade, conteúdo feminino, feminilidade) aqui empregados não devem ser confundidos com a acepção dada à palavra dentro de uma perspectiva teórica de categorização de gênero. Tentaremos esclarecer essa questão no percurso da nossa investigação. A definição do termo de gênero envolve aspectos sociais e comportamentais que não necessariamente estão atrelados à sexualidade inconsciente (Celes, 2005). É possível perceber que, em função da própria natureza enigmática da feminilidade, o termo concentra, mesmo na perspectiva psicanalítica, muitas discussões teóricas contraditórias, das quais nos ocuparemos mais tarde. Como será delimitado mais à frente neste trabalho, os termos relativos à feminilidade empregados nessa investigação remetem as características da feminilidade em sua condição de passividade originária, tal como ela aparece nos momentos mais iniciais do desenvolvimento humano.

imaginariamente a posição viril, provoca a manifestação de conteúdos delirantes associados à feminização. *“Esse cara é veado, acha que sou veado também. Eu não sou gay”*, era o conteúdo defensivo endereçado pelo paciente em estado confusional ao perceber a presença de um enfermeiro no quarto.

Em outra situação, uma paciente se queixava de ter sido violentada pelo médico. Segundo ela, sua vagina havia sido penetrada pelo médico e por isso sangrava. Menstruada, agitada, desorganizada, agressiva, delirante, ela havia sido examinada na maca de um corredor de pronto-socorro, mas sem ser submetida a nenhum procedimento que envolvesse manipulação ou exposição de suas partes íntimas. Contida química e mecanicamente, assujeitada, sentindo-se invadida pelo toque do outro, ela denunciava pela via delirante o insuportável sentimento de ser objeto da intrusão do outro.

Destacando essa situação clínica de tratamento, muito presente nas instituições hospitalares, tentaremos retomar os métodos privilegiados no passado. Segundo esclarece Teixeira (2006), consideraremos que a verdade sobre a doença se produz no momento de sua eclosão. Nesse sentido, é possível pensar que a hospitalização para tratamento de afecções orgânicas funciona, não intencionalmente, como fator de estímulo às manifestações do que podemos considerar como um elemento de verdade sobre determinados padecimentos psíquicos. Partindo dessa noção tentaremos estabelecer nosso objeto de investigação e o norte de investigação privilegiado.

Contudo, é preciso afirmar que o objetivo dessa pesquisa não é o de privilegiar as relações das afecções orgânicas e das variáveis envolvidas no cuidado hospitalar com a eclosão do estado psicótico dos sujeitos. Esses aspectos serão considerados como fatores facilitadores para o estabelecimento de uma condição especial que a instituição hospitalar acaba por produzir. No entanto, tentaremos evidenciar que não consideramos somente os aspectos do corpo que concorrem para determinação da aparição dos fenômenos associados com a feminilidade originária e com as psicoses.

A QUESTÃO COMO NORTE DO DESENHO METODOLÓGICO

Eu não digo que eu tenha muito, mas tenho ainda a procura intensa e uma esperança violenta.

Clarice Lispector

Antes mesmo de propor a questão de pesquisa desse trabalho, foi preciso buscar bases teóricas que permitissem estabelecer bases mais claras sobre o problema. Para tanto, foi imprescindível levantar alguns textos que possibilitariam o rastreamento da noção de feminilidade na literatura psicanalítica.

Desde o início, era de interesse levantar alguns aspectos da teorização lacaniana sobre o estágio do espelho, a sexuação feminina e o empuxo-à-mulher, sobretudo por termos a intenção de localizar na psicose o campo para estudo da feminilidade. Daí a eleição inicial de textos de algumas obras do autor. Contudo, o estabelecimento do objeto de estudo, sob a definição do termo feminilidade, foi condição fundamental para que a proposta de pesquisa pudesse ser estendida muito além do estudo da obra lacaniana. Foi nesse percurso de busca por outros autores que a prática investigativa teve seu encontro com a obra de Jacques André sobre “*As Origens Femininas da Sexualidade*” (1996). Aliás, esse é o autor que mais contribui para a circunscrição do objeto a ser pesquisado.

Entendemos que, para empreender um estudo sobre os efeitos da feminilidade originária nas psicoses, é necessário estabelecer uma interlocução entre as propostas teóricas de Jacques André, de Laplanche e de Lacan. Essa troca investigativa entre os autores exige a construção de um recorte teórico próprio que tenta clarear e, de algum modo, ampliar a leitura dos autores privilegiados.

Ainda como forma de dar corpo à investigação proposta, tentaremos, a partir da exposição de recortes da prática clínica da pesquisadora, destacar e, sobretudo, interrogar sobre a ação da feminilidade como o conteúdo desorganizador privilegiado nas psicoses. Isso porque é necessário compreender que a psicanálise não é mais uma teoria face a um objeto, “Mas a psicanálise, como sempre sustentou Freud, é antes um ‘método’ do qual, evidentemente, a situação psicanalítica é indissociável” (Laplanche, 1992b, p. 18).

Desse modo, é necessário fazer uma articulação teórica de recortes clínicos que possibilitem uma interrogação mais profícua da teoria, tendo sempre em vista que “a clínica é ensinamento que se faz no leito, diante do corpo do paciente, com a presença do sujeito” (Viganó, 1999, p. 13), como ensino que ocorre a partir do particular e na clínica do real. Isso para não cairmos em uma clínica do imaginário, presa a uma produção metapsicológica sem sujeito (Moura & Nikos, 2000).

Lembramos que o caso é um relato evocado a partir de uma restauração da memória subjetiva do pesquisador. Desse modo, não segue, como no estudo de caso, uma ordem cronológica, uma ordem objetiva (Moura & Nikos, 2000). Nesse sentido, é necessário destacar que, em função da natureza literária desse processo, mudam-se os tempos da fala e da escuta na exposição clínica almejada. Isso possibilita que uma leitura dirigida pela escuta faça o pesquisador identificar novos significantes e novos sentidos. Desse modo, o pesquisador se depara com a emergência de impasses e conteúdos negligenciados no momento da condução da direção de tratamento. Daí afirmarmos que a construção de caso clínico será apresentada na situação psicanalítica de pesquisa a partir da reunião de recortes do material clínico da prática da pesquisadora.

Como metodologia em ato, como ação que desenha seus efeitos *a posteriori*, a construção de caso clínico parte da vivência da prática de construção do caso na própria instituição e toma como norte a noção de que “a posição de analista na instituição é aquela de construir o caso clínico” (Viganó, 1999, p. 14). Sob tal perspectiva, esse desenho metodológico registra momentos e recolhe passagens subjetivas a partir da escuta do analista ou da equipe. A construção envolve elementos da história do indivíduo, do romance familiar, da passagem em outras instituições, dos atendimentos com a equipe, das intervenções do Outro, das sessões clínicas de discussão. Pode-se dizer ainda que, segundo Fédida (1991), “a construção é teoria do analista em sua metáfora singular (e singularizante), formada na escuta do paciente em tratamento” (p. 179). Assim, reúne-se toda sorte de dispositivos que possam permitir uma leitura inventiva do enigma singular do sujeito e essa leitura implica o recolhimento do tecido significante e das marcas que balizam a experiência subjetiva (Vorcaro, 1997).

A noção de construção de caso clínico exposta por Viganó confere maior importância ao lugar da escuta analítica na instituição – obviamente, sem se distanciar da noção de que em primeiro plano está a produção do sujeito. Sendo assim, é a instituição que entra no lugar de interlocução, fazendo às vezes de uma alteridade supervisora. Nesse ponto, podemos localizar

uma das diferenças da metodologia de construção do caso clínico proposta por Fédida, na qual a alteridade privilegiada é a figura do supervisor clínico (Moura & Nikos, 2000).

Como os casos que serão apresentados nessa pesquisa foram protagonizados na cena hospitalar, com a atuação de vários atores de uma equipe, a visão dada por Viganó será bastante considerada. Mas sem que se perca de vista que “a construção de um caso é o discurso mesmo do psicanalista, que parte sempre do particular” (Viganó, 1999, p. 15). Isso como forma de perseguir o registro de transliteração que opera a decifração do código subjetivo do sujeito a partir do que ele é capaz de endereçar à escuta do outro (Vorcara, 1997). Desse modo, realizar a construção do caso dentro da esfera institucional implica um trabalho de significação da relação que esse sujeito mantém com o outro, como um modo de diagnóstico da forma de inserção do sujeito na relação com a alteridade e não de diagnóstico do próprio sujeito.

Ainda tomando por base o uso dessa metodologia, talvez possamos dizer sobre a intenção de produzir um rearranjo da prática de construção do caso clínico, tendo em vista que faremos da exposição clínica uma ficção de conteúdos reais que não tem por objetivo a descrição fidedigna da história clínica dos sujeitos. O objetivo da exposição do recorte clínico é dar visibilidade aos impasses indissociáveis e fundamentais da técnica psicanalítica. Desse modo, tentaremos enlaçar a teoria, a clínica e a pesquisa para sustentarmos uma hipótese metapsicológica.

Sem dúvida, a construção do caso se coloca como um método capaz de incluir a singularidade radical do sujeito na realização da pesquisa (Guerra, 2001). Para nós, uma forma de localizar os efeitos perturbadores da feminilidade na experiência psicótica.

A fonte teórica da pesquisa será fundamentada em textos que possibilitem um estudo organizado sobre a feminilidade e as psicoses em algumas obras de Jacques André e Lacan. Como forma de precisar os estados psicóticos de maior interesse, tentaremos definir alguns autores que tratem sobre a temática dos fenômenos elementares – dentre eles privilegiaremos os estudos de Clérambault sobre o automatismo mental.

Já de início é possível dizer que uma pesquisa rápida sobre a temática da feminilidade permitiu a percepção de como o assunto sustenta, na literatura psicanalítica, o movimento de desejo para muitos. Desde já afirmamos nosso interesse em consultar algumas obras de autores mais contemporâneos da psicanálise. A leitura desses autores será empregada como forma de ampliar e aprofundar a investigação das obras dos autores privilegiados nesse trabalho.

Obviamente, será indispensável o aprofundamento no estudo da obra lacaniana, sobretudo na investigação do “*Seminário 03, Sobre as psicoses*”, no “*Seminário 20, Mais Ainda*” e em alguns textos dos *Escritos*. O intuito é o de levantar o pensamento do autor referente à formulação sobre a estruturação psicótica, o empuxo-à-mulher e a sexuação feminina.

Outro trabalho essencial será o de investigar cuidadosamente a obra de Jacques André (1996), sobre *As Origens Femininas da Sexualidade*, percorrendo, a partir do norte focado pelo autor, alguns textos de Freud, principalmente os que tratam sobre a questão da feminilidade. Além deles, é possível destacar o interesse em percorrer alguns textos da obra laplancheana na tentativa de se fazer um uso mais seguro da Teoria da Sedução Generalizada para fundamentação do problema sob a ótica da participação do outro na situação originária e na constituição da feminilidade.

Enfim, empregamos o método como uma leitura orientada pela escuta analítica, ancorada pelo impasse evocado pela questão de pesquisa. Esse é o norte para o mapeamento dos pontos nodais do discurso dos autores que escrevem sobre a temática da feminilidade e sobre as psicoses. Dessa forma, faremos uma tentativa de construir uma rede subjacente de sentido, definindo os passos envolvidos em cada afirmação psicanalítica do trabalho de investigação que pretendemos empreender. Nesse sentido, a prática que propomos envolve:

Levar o efeito do significante ao seu extremo, ao ponto no qual um obstáculo ao saber possa ser entrevisto, uma questão possa ser formulada, provocando deslocamentos nos efeitos de verdade que as afirmações teóricas produzem (Guerra, 2001, p. 86).

1 ALGUMAS DEFINIÇÕES SOBRE AS PSICOSES

O delírio do verbo estava no começo, lá
 onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*
 A criança não sabe que o verbo escutar não
 funciona para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um
 verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
 de fazer nascimentos –
 O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros

Se fôssemos privilegiar apenas uma fonte teórica da psicopatologia para tentar descrever os quadros de psicose que nos interessam, cairíamos fatalmente em um impasse. Isso porque sabemos que não há equivalência entre as leituras da psicopatologia tradicional e a leitura psicanalítica das psicoses, e que a insistência numa aproximação artificial dos dois campos provavelmente nos conduziria a um “dinamismo genético dos instintos, [que], ainda que invocando Freud, remete ambos [os campos] à diacronia de uma psicofisiologia normativa” (Melman, 2004, p. 16).

Além disso, não pretendemos dar maior relevância à diferenciação das entidades clínicas da psicanálise (neurose, psicose, perversão) a não ser para abordar a forma como o componente de feminilidade opera nos momentos mais iniciais da constituição psíquica. Seguindo o ponto de vista de Jacques André, tentaremos sustentar a ideia segundo a qual a feminilidade desempenha um papel decisivo nos momentos de maior desorganização psíquica dos sujeitos psicóticos. Posto isso, é preciso afirmar que tentaremos compor um cenário teórico no campo da psicanálise sobre as psicoses que possa atender nossas pretensões em relação à hipótese metapsicológica levantada. Para tanto, nosso interesse se concentra inicialmente em descrever os momentos de desagregação psíquica, que coincidem com o conjunto de sintomas que a psicopatologia define como sendo próprio dos “fenômenos elementares ou automatismo mental”, sobre os quais falaremos em seguida. Cabe ainda ressaltar que consideraremos esses estados como fenômenos típicos das psicoses, ainda que estas tenham sua origem em uma condição clínica, ou mesmo fisiológica.

1.1 Fenômenos elementares: um breve esboço das perspectivas de Jaspers e Clérambault

Há várias nomenclaturas psicopatológicas empregadas para descrever os estados comumente conhecidos como surtos psicóticos. A maior parte das descrições se refere à independência da atividade psíquica, marcada pela irrupção de vozes, pela alteração de pensamento e por impressões que aparecem para o paciente como eco, roubo e publicação do pensamento. Além desses componentes, são comuns os fenômenos mentais que se confundem com vivências corporais (influenciação, transitivismo, decomposição, estranheza, fragmentação) e fenômenos de desrealização e despersonalização (vivência de experiências inefáveis, revelação, convicções delirantes) (Pereira, 1999). Estes são estados psicopatológicos frequentemente observados na clínica das psicoses e normalmente descritos sob diferentes definições e nomenclaturas na literatura científica. Dentre elas, podemos destacar os termos “automatismo mental”, “fenômenos elementares”, “vivências delirantes primárias”.

Jaspers e Clérambault narram situações em que o sujeito é tomado por uma experiência indefinida, estranha e extremamente inquietante. Essa condição pode estar associada a um momento inicial de eclosão da doença, unindo-se a uma produção delirante mais tardia, ou, ainda, pode estar relacionada ao quadro delirante propriamente dito nos momentos mais agudos de sua manifestação. Para tratarmos dos aspectos que compõem essa experiência psicótica, tomaremos como referência tanto o termo “fenômenos elementares”, atribuído por Lacan (1981/2008) à autoria de Clérambault, quanto o termo mais frequentemente descrito na literatura psiquiátrica como “automatismo mental”.

É preciso considerar que não tomaremos o estudo dos fenômenos elementares para destacar o momento de desencadeamento de uma psicose. Nosso interesse é de sublinhar o caráter essencial dessas experiências dentro da lógica de compreensão dos estados psicóticos. Nesse sentido, a relevância do estudo da temática sublinhada se encontra em destacar sua força estruturante e irreduzível a qualquer outro fenômeno, uma vez que, tal como Lacan propunha, “o importante do fenômeno elementar não é portanto ser um núcleo inicial” (Lacan, 1981/2008, p. 29), mas é, de outro modo, ter a característica basal ou elementar que “reproduz a sua própria força constituinte” (Lacan, 1981/2008, p. 30). O autor destacava essa lógica para que não se tentasse reduzir os componentes do delírio a seus elementos psicopatológicos

(humor delirante, falso reconhecimento, percepção delirante, automatismo mental, influenciação), rebaixando a produção delirante ao nível de uma composição dedutiva de seus fenômenos delirantes. Para o autor, o delírio é uma teia significativa irreduzível aos elementos que lhe dão vida, capaz de representar a própria natureza da teia inconsciente.

Em concordância com Lacan, empregamos o termo “fenômeno elementar” não para afirmar a importância de sua natureza redutível a soma dos vários sintomas que compõem um quadro psicopatológico, mas para colocar em evidência um conteúdo estrutural, um elemento de base, que funciona como alicerce fundamental de instalação da produção delirante e de sua rica sintomatologia.

1.1.1 O automatismo mental de Clérambault

Gaëtan Gatian De Clérambault (1872-1934), seguindo a tradição da psiquiatria francesa de sua época, já em processo de substituição pelas abordagens psicanalítica e neurofisiológica, tinha como objetivo classificar e sistematizar as entidades nosográficas por meio de um trabalho rigoroso de apreciação e de análise dos estados de desorganização mental. Desse modo, “a Clérambault cabia a difícil missão de investigar o agudo, o momentâneo e dentro dele distinguir o peregrino e o estrutural” (Pereira, 1999, p. 142). Dentro desse trabalho rigoroso, os principais resultados extraídos foram o isolamento e a descrição de duas síndromes, a erotomania e o automatismo mental, contribuições fundamentais do autor para a teoria psiquiátrica.

Em 1920, Clérambault iniciava seu trabalho descritivo sobre o que chamou de psicoses com base de automatismo (Pereira, 1999). Diferentemente de Lacan, que conferia pouca importância à querela da gênese psíquica ou orgânica dos fenômenos da psicose, Clérambault pretendia desconsiderar qualquer teorização que privilegiasse uma explicação de base psicogênica para as psicoses. Ele acreditava que, de forma muito diferente de seu discípulo, um quadro mórbido instalado na forma de funcionamento dos neurônios cerebrais seria o causador do estado doente explicitado na manifestação dos sintomas de automatismo mental. Assim, “Na teoria de Clérambault [...] esses sintomas seriam diretamente derivados da materialidade dos processos cerebrais doentes” (Pereira, 1999, p. 144).

Dentro da lógica linear e mecanicista de pensamento do autor, a síndrome de automatismo mental seria o marco inicial para instalação das psicoses alucinatórias crônicas.

Desse modo, partindo do conceito de automatismo mental, Clérambault descreveu um conjunto de sintomas de base sensorial e alucinatória que caracterizariam o terreno basal de manifestação das psicoses. Essa ideia central da teoria do autor, que consiste em estabelecer um baldrame estrutural para as psicoses, seria, sem dúvida, o ponto de enraizamento das teorizações posteriores de Lacan sobre o caráter elementar do delírio psicótico.

Na descrição de Clérambault, há uma diferença entre o que ele nomeou um *petit automatisme*, ou “síndrome de passividade”, e um *grand automatisme*, um estado associado ao primeiro. Por *petit automatisme* pode-se entender os bloqueios de pensamento, sentimentos de estranheza em relação à atividade de pensamento, imposição de memórias não evocada, palavras impostas, perplexidade sem objeto e publicação de pensamento (Pereira, 1999). Sintomas que levam o sujeito a um estado de angústia frente à vivificação e independência da própria atividade mental. Por *grand automatisme* define-se a presença de um automatismo sensorial (alucinações táteis, gustativas e cenestésicas, estereotipia), com a aparição do sentimento de que algo está por se revelar, associado à eclosão de alucinações verbais diversas (publicação, eco e roubo de pensamento) (Pereira, 1999).

Apesar de tentar diferenciar a atividade delirante e alucinatória dos elementos que compõem o automatismo mental propriamente dito, o autor considera que esses elementos da psicose estruturam uma base suplementar de ideias absurdas e de alterações afetivas importantes para instalação dos momentos de maior desorganização do psiquismo (Clérambault 1924/2004). Porém, é preciso reconhecer que o autor faz um esforço na tentativa de destacar a autonomia do processo que descreve daquilo que considera pertencer à dimensão do delírio e da alucinação, mas é possível considerarmos esse esforço como desnecessário e mesmo artificial, já que na clínica esses elementos aparecem frequentemente confundidos.

Para reunir o grupo de sintomas característico da síndrome de automatismo mental podemos enumerar os seguintes estados: o teor neutro do pensamento, caracterizado inicialmente por um pensamento vago e fragmentado, pela presença de pensamentos de natureza aparentemente estrangeira para o sujeito, e por mais uma enorme gama de sintomas (as palavras absurdas, as impulsões, os gestos forçados, a confissão forçada, o pensamento antecipado, a ideorreia, a semelhança, o falso reconhecimento, a estranheza, o desaparecimento de pensamento, a emancipação e a iminência de pensamento, os esquecimentos, os bloqueio de pensamento, a perplexidade, as dúvidas, a aprosexia e toda uma série de automatismos afetivos e volitivos) (Clérambault, 1924/2004). Além desses elementos, o autor isola a existência de alucinações estritamente psíquicas, inicialmente pouco

diferenciadas da atividade normal de pensamento e bastante distintas das alucinações existentes quando os quadros de maior desorganização já estão instalados, mas não nos deteremos nessa distinção. (Clérambault, 1924/2004).

Dentre as afecções mentais que se instalam após a aparição dos fenômenos de automatismo mental, o autor sublinha especialmente os quadros de psicoses tóxicas e orgânicas, condições clínicas que retiram a sintomatologia do campo exclusivo das psicoses funcionais ou psicogênicas. Clérambault (1926/2004) menciona ainda, mesmo que de forma inespecífica, a atuação de conteúdos inconscientes como parte da composição da síndrome de automatismo mental. Ele relata que os pensamentos que compõem a ideorrea do sujeito são provavelmente aqueles que seriam recalcados no sujeito normal. Contudo, o autor afirma que esses pensamentos são regidos por processos mecânicos elementares de natureza orgânica, afastando-se, novamente, da determinação inconsciente desses conteúdos, ponto essencial que tentaremos resgatar para clarear a entre as psicoses e a feminilidade originária.

Nesse sentido, tomando como referência os aspectos evidenciados pela síndrome de automatismo mental, é fundamental destacar que, apesar da base organogênica proposta por Clérambault, esse quadro psicopatológico possui uma importante relação com características psíquicas que remetem claramente ao apassivamento do sujeito e às tentativas de conformação da personalidade frente a esses processos intrusivos de caráter aparentemente independente do resto do funcionamento psíquico. Esse é, sem dúvida, o aspecto essencial da síndrome de automatismo mental que podemos recortar e relacionar com a aparição dos conteúdos relativos à posição feminina originária, da qual trataremos mais tarde.

1.1.2 As vivências delirantes primárias de Jaspers

Antes de iniciar a conceituação jasperiana sobre a temática de interesse, é preciso esclarecer que tomaremos a obra “Psicopatologia Geral” de Jaspers para recortar a descrição sobre as vivências delirantes primárias – descrição que em muito se aproxima da definição de Clérambault sobre o automatismo mental. Desse modo, é necessário enfatizar que colocaremos em segundo plano a tentativa de compreensão e de crítica do método fenomenológico empregado pelo autor, concentrando-nos apenas na psicologia descritiva privilegiada nessa obra. Esse cuidado deve ser tomado em concordância com o posicionamento de estudiosos que se interessam pela metodologia de Jaspers e que apontam

que “a fenomenologia seria uma ferramenta concebida para levar-nos de um ponto em que ainda não se dispõe de uma linguagem explícita para tratamento ao fenômeno psico(pato)lógico até o ponto em que estes estão devidamente caracterizados” (Rodrigues, 2005, p. 760).

Jaspers dedicava especial importância ao conceito de primariedade para descrever os fenômenos psíquicos reunidos pelo termo “vivências delirantes primárias”. Para o autor, a primariedade indicava a aparição extraordinária e original de uma parte essencial da disposição delirante do indivíduo, sem qualquer fator antecedente que pudesse remeter ao desenvolvimento ou à reação produzida por fenômenos psicopatológicos anteriores. A ideia delirante, então, teria uma função diferente do resto das conexões psíquicas de base, tendo como característica importante a ausência de funções de processamento e reflexão mediadoras do fenômeno delirante. A primariedade seria, assim, um componente próprio e exclusivo do delírio, impossível de ser reduzido a uma disposição psíquica anterior. Essa característica fundamental é que permitiria, para o autor, a separação da assertiva delirante da vivência delirante primária propriamente dita (Rodrigues, 2006).

De maneira geral, pode-se afirmar que as vivências delirantes primárias são caracterizadas por um estado totalmente estranho ao sujeito, um “resto enorme de algo incompreensível, inapreensível, imperceptível” (Jaspers, 1913/2000, p. 120). Essa condição de estranhamento e perplexidade teria para o sujeito um sentido totalmente novo e destituído de significação imediata, sendo por isso impossível de se qualificar.

Desse modo, a tentativa de descrição subjetiva do doente remeteria a uma atmosfera indefinível que dominaria sua percepção da realidade. Nesse sentido, há uma tensão suspeita, desagradável, alienante que toma a cena psíquica do paciente. Além disso, as descrições referem-se a uma sensação de um “algo presente”, como uma disposição delirante sem conteúdo específico e sentida como absurdamente insuportável.

Tomado por essa sensação terrificante, própria do temor evocado pelo terror diante de um perigo indeterminado, o sujeito em sofrimento psíquico buscaria o alívio desse estado perturbador por via da tentativa de construção de uma determinação mínima das ideias. Como saída necessária, ele seria conduzido à eleição de uma ideia segura, ainda que falsa, que teria como função o apaziguamento dessa sensação desprazerosa.

A esta experiência, também nomeada ‘trema’ ou ‘humor delirante’, habitualmente vivida com angústia e apreensão, se juntaria uma significação obtida à semelhança de uma revelação. Daí emergiria uma proposição — então dita delirante — com formato superficial de um juízo, e de efeito

relatado como tranquilizador e estabilizador para o psiquismo desmoroante.
(Rodrigues, 2006, p. 47)

Dessa operação resultariam as convicções persecutórias, incriminantes, megalomaniacas, construídas como resposta a condição enigmática que assola o indivíduo (Jaspers, 1913/2000).

Jaspers (1913/2000) amplia sua descrição das vivências delirantes primárias afirmando que “todo pensamento é pensamento de significações.” (p. 122), esclarecendo que as percepções de significação funcionam como representantes do estímulo apresentado aos sentidos. Essas significações, com as quais os sentidos operam, são obrigatórias e inerentes à percepção do objeto. Para o doente, tomado pela vivência delirante primária, é o próprio saber de significações que é sentido como algo vivo, independente, radical e inevitável.

Observadas as diferenças epistemológicas de cada teoria, podemos ler nesse pensamento do autor a mesma lógica empregada pelo pensamento lacaniano, lógica essa também aplicável à noção de vivência apofântica descrita por Conrad (Teixeira, 2006). Nesse estado, o indivíduo se encontra diante de um signo que toma a forma de uma significação plena, sobre a qual irá se sustentar a interpretação delirante. Isso quer dizer que, segundo Lacan, o indivíduo é tomado por um sentido isolado fora da cadeia significante, como uma fórmula vazia que não remete a mais nada além dele próprio (Teixeira, 2006). Desse modo, dá-se a vivência de uma certeza sem transcendência sobre a qual o próprio sujeito não pode dar elucidacões nem estabelecer um pensamento lógico que permita uma explicação de motivos e razões para o outro.

Nesse ponto, é possível entrever um encontro descritivo entre o que Jaspers denomina como esquizoforia e o que Conrad teoriza com uso da expressão “trema esquizofrênico”. Os dois termos remetem ao momento angustiante vivenciado pelo sujeito que espera que algo inespecífico se revele. O impasse dessa experiência só se dissolve com a iminência de uma sentença delirante, também descrita por Jaspers como consciência anormal de significação (Teixeira, 2006).

Como se pode notar, Jaspers também sublinha a importância da incompreensibilidade do fenômeno delirante, ao esclarecer sua natureza não partilhável. O autor considera o delírio como uma vivência inacessível ao outro, sendo, desse modo, impossível de ser compartilhada, ainda que se faça uma descrição psicológica cuidadosa daquilo que está à mostra nos momentos de maior desorganização psíquica do indivíduo (Rodrigues, 2006). Essa descrição o aproxima bastante da explicação de Lacan em relação ao signo carregado de um sentido

próprio, isolado fora da cadeia significativa e, também por isso, só compreensível para o próprio sujeito.

Para encerrar a definição jasperiana sobre a experiência delirante, é necessário esclarecer que as noções de primariedade e de incompreensibilidade estão necessariamente articuladas. A primeira destaca a inexistência de uma base etiológica psíquica para o delírio, afirmando a ausência de precedentes que compõe a disposição delirante evidenciada nos momentos de crise do indivíduo. A segunda noção reforça o conceito de primariedade ao enfatizar que o delírio é uma experiência incompreensível porque não decorre de derivações psicológicas. Desse modo, Jaspers enfatiza sua posição teórica de abandono de qualquer tentativa de explicação causal dos fenômenos mentais, tendo em vista que, segundo a concepção do autor, estes teriam uma ligação direta com bases somáticas (Teixeira, 2006).

1.1.3 O lugar do sintoma na psicose

A partir do percurso teórico realizado, é possível perceber que as descrições de Jaspers e Clérambault coincidem na forma como os dois autores descrevem a particularidade das manifestações que compõem os fenômenos elementares. Ambos destacam o estado de passividade e arrebatamento do sujeito diante da independência da atividade psíquica. De forma bastante evidente, as descrições dos autores se coadunam, inclusive no que concerne a defesa da concepção organogênica desses estados mentais. Contudo, é preciso estabelecer algumas diferenças fundamentais dos pensamentos de Jaspers e Clérambault, sobretudo para destacarmos porque consideramos a descrição de Clérambault mais interessante para os propósitos desta pesquisa.

Jaspers toma o sintoma como um indício de um processo orgânico ainda não revelado pela ciência, mas isso não define de forma precisa a posição teórica que o diferencia de Clérambault. O mais fundamental no que concerne a diferença de pensamento entre os dois autores está no fato de que, para Jaspers, o sintoma seria apenas um vestígio da materialidade orgânica da doença mental.

Jaspers (1913/2000) considera um erro que o sintoma ganhe lugar privilegiado na explicação da etiologia das doenças mentais. Seguindo a crítica do autor, é preciso levar em conta que “o que mais acontece é, em doenças mentais, considerar causa o que já é sintoma da existência respectiva” (p. 552). Nesse sentido, o autor consideraria o que chama a “existência

respectiva” como sendo uma estrutura biológica causadora da afecção mental, sendo ela anterior e de maior importância do que a função do sintoma no que concerne às bases etiológicas de compreensão da doença mental.

Lacan assume uma posição contrária a essa “concepção falaciosa de um processo psíquico no sentido de Jaspers” (Lacan, 1966/1998a, p. 543). Partindo da proposta de Clérambault, que destaca como os fenômenos elementares funcionam como ponto estruturante do delírio, Lacan (1966/1998a) dá ao sintoma clínico o estatuto de elemento ligado à própria constituição do sujeito: “o sintoma, se soubermos lê-lo, está mais claramente articulado na própria estrutura” (p. 543).

Dessa forma, o sintoma deixa o lugar de mero elemento descritivo de uma psicologia fenomenológica, ganhando “seu caráter estrutural que mostraria, por exemplo, que o delírio é, ele também, um fenômeno elementar” (Rosa, 2009). Assim, é possível afirmar com Lacan que “É sempre a mesma força estruturante, se é possível assim nos exprimirmos, que está trabalhando no delírio, quer o consideremos em uma de suas partes ou em sua totalidade” (Lacan, 1981/2008, p. 29).

Essa parece ser também a posição teórica de Freud. No texto “*O Sentido dos Sintomas*”, Freud (1916-1917/1996) afirma que a psiquiatria clínica de sua época estava pouco atenta à forma como o sentido do sintoma estava em direta conexão com a experiência singular do sujeito: “Quanto mais individual for a forma dos sintomas, mais motivos teremos para esperar que seremos capazes de estabelecer esta conexão” (p. 277). Apesar de destacar essa ideia para dizer sobre a importância do sintoma na neurose, o autor menciona um psiquiatra de sua época para concordar com sua assertiva de que “mesmo nas idéias delirantes do insano se poderia encontrar um sentido” (Freud, 1916-1917/1996, p. 265). É preciso dizer, porém, que o sentido buscado, nesse caso, é o sentido da estrutura sintomática, e não o sentido compreensivo da história delirante.

Para além dos sintomas que carregam os elementos de singularidade dos sujeitos, Freud destaca a natureza coletivizante dos sintomas típicos, apontando de que maneira a doença porta, em parte da manifestação sintomática, um conteúdo comum a todos os sujeitos. Esses componentes comuns permitem muito mais que uma classificação diagnóstica, uma coletivização estigmatizante dos sujeitos, eles “remontam a uma experiência que é típica em si mesma – comum a todos os seres humanos.” (Freud, 1916-1917/1996, p. 279). Seguindo o raciocínio freudiano, podemos talvez afirmar que, mais do que uma tipificação das experiências agudas, o estudo descritivo dos fenômenos elementares é fundamental para que

possamos entender a centralidade da atuação de alguns conteúdos inconscientes originários na composição dos estados de desorganização psíquica das psicoses.

É justamente por concordamos com a posição teórica de Lacan e Clérambault que destacamos nesse trabalho o estudo dos fenômenos elementares. Esse recorte possibilita a sustentação de nossa proposta teórica de sublinhar a importância fundamental dos mecanismos de formação e atuação da feminilidade originária em suas relações diretas com a produção delirante dos momentos de desorganização aguda das psicoses.

1.2 Bases psicopatológicas das psicoses

Ainda que não seja pretensão deste trabalho a realização de uma pesquisa extensa sobre os quadros de psicose a partir do uso de manuais da psiquiatria, faremos um breve percurso teórico para recortar, na literatura psicopatológica, os quadros diagnósticos que mais se aproximam da condição clínica descrita como síndrome de automatismo mental.

Os estados clínicos que apresentam fenômenos dessa natureza nos remetem à descrição psicopatológica das psicoses delirantes agudas, que se caracterizam pela emergência súbita de delírios polimorfos e transitórios. As formas delirantes agudas assumem diversas denominações na literatura, tais como *bouffées delirantes*, experiências delirantes primárias, automatismo mental, fenômenos elementares (Ey, Bernard, & Brisset, n.d.). O conteúdo delirante é variado (perseguição, ciúme, grandeza, influência, envenenamento, possessão) com número significativo de alucinações e presença de muitos elementos, tais como vozes, eco e roubo de pensamento, interpretações delirantes. O quadro clínico, embora variável, está marcado pela natureza mal encadeada e sem sistematização dos delírios.

Nesses estados, o delírio é vivenciado de forma inevitável, e a interpretação delirante se impõe como uma imediata convicção. Com o brotamento violento e súbito dessas vivências, o indivíduo é tomado de forte angústia, como um estado afetivo dominante (Ey et al., n.d.). Isso de tal forma que também podem estar presentes ideias de morte, mutismo e rejeição alimentar.

Segundo Ey et al. (n.d.), as psicoses delirantes agudas se diferenciam das psicoses delirantes crônicas principalmente pela evolução ou não do quadro delirante. Daí a eleição da descrição das formas delirantes agudas, tendo em vista que a evolução da doença não nos

interessa, mas a forma e o momento em que os delírios eclodem na estrutura fragilizada dos indivíduos.

As psicoses confusionais também nos interessam porque deflagram quadros de desagregação psíquica associados a condições médicas que também parecem operar de forma decisiva na etiologia dos estados associados à feminilidade originária, isto é, aos estados que fragmentam o funcionamento psíquico, deixando o sujeito em uma posição de passividade quase absoluta diante da invasão outro. Entre esses estados de desorganização psíquica, podemos citar os casos em que estão presentes quadros de intoxicações por substância psicoativa, a abstinência alcoólica e alguns estados infecciosos.

As psicoses confusionais são caracterizadas segundo Ey et al. (n.d.) pela presença de consciência obnubilada, variando do simples entorpecimento ao estupor quase comatoso, desorientação no tempo e no espaço e onirismo. Além desses, outros sintomas aparecem associados ao estado de confusão mental, tais como distúrbios de síntese e lentificação psíquica, amnésia, falsos reconhecimentos, perplexidade. A produção delirante desses quadros clínicos toma vivamente o estado mental do sujeito, mergulhando-o em uma condição de absoluto assujeitamento à condição onírica. Frequentemente, a temática alucinatória é de natureza terrificante. As causas desse tipo de desorganização estão associadas quase sempre aos quadros toxinfeciosos, mas também podem estar associadas a eventos traumáticos capazes de evocar reações afetivas mais importantes (Ey et al., n.d.).

Essa afecção mental é composta por um estado reacional do sistema nervoso ao ataque de agentes exógenos. A essa reação defensiva natural, podem se somar as alterações clínicas gerais tais como desnutrição, desidratação, febre, inapetência, constipação. Entre as psicoses confusionais, podemos destacar duas principais: a síndrome de Korsakov e o delírio agudo. A primeira se caracteriza pela alteração de memória, presença de fabulação, déficit de atenção, falso reconhecimento e encefalopatia. A causa mais frequente é o déficit nutricional gerado pelo curso crônico do etilismo. A segunda, o delírio agudo, é causada pela ação de agentes etiológicos diversos e se caracteriza principalmente pela confusão profunda, com um estado oniroide produtivo, agitação, hipertermia, desidratação e azotemia (aumento tóxico de ureia e outras substâncias na corrente sanguínea). É importante ressaltar que, para alguns autores, esses estados compõem um terreno biológico ideal para a desamarração psíquica do eu, bem como para a manifestação mais ostensiva dos conteúdos inconscientes (Ey et al, n.d.).

Na literatura médica, encontramos parte desses fenômenos mentais classificados pela síndrome neurocomportamental *Delirium*, causada por distúrbios sistêmicos que provocam a afetação transitória e secundária da atividade cerebral. O *Delirium* se manifesta pela produção

de uma insuficiência cerebral aguda, resultante da alteração da homeostase cerebral e da desorganização da atividade neuronal (Wacker, Nunes, & Forlenza, 2005).

Vários sintomas compõem o quadro de desorganização mental característico da síndrome, dentre eles, os principais são: alterações da consciência e da atenção, desorientação têmporo-espacial, comprometimento da memória, do pensamento e do juízo, alterações da senso-percepção, principalmente, alucinações ou ilusões visuais, perturbações da psicomotricidade, do comportamento (apatia e agitação) e do humor. O início é geralmente agudo, variando de algumas horas até poucos dias, com curso variações ao longo das 24 horas e flutuações do ciclo sono-vigília. Dentre todos esses sintomas, o comprometimento da consciência pode ser considerado a principal alteração (Wacker, Nunes, & Forlenza, 2005).

Segundo Kaplan, Sadock e Sadock (2007), diversas patologias podem produzir sintomas psicóticos. Os autores reúnem essas condições clínicas, baseando-se na definição do DSM-IV-TR, dentro da categoria de transtornos mentais devido a uma condição médica geral. Nesse diagnóstico é possível encontrar uma subdivisão dedicada à classificação dos transtornos psicóticos devido a uma condição médica geral na qual estão listadas categorias de doenças que estão associadas à instalação de quadros demenciais e de estados psicóticos.

De modo geral, podemos pensar que as descrições psicopatológicas, mais recentemente chamadas neuropsiquiátricas, são obscurecidas pela dificuldade de classificação e separação genuína dos sintomas dentro de uma dada nomenclatura. Isso ocorre em função da própria impossibilidade de se atingir esse objetivo quando consideramos que a singularidade das manifestações mentais rejeita a maior parte das tentativas de coletivização conceitual. Além disso, é preciso considerar que os estudos atuais afirmam a existência basal de componentes orgânicos em todos os transtornos psiquiátricos (Kaplan, Sadock & Sadock, 2007), o que impede uma separação que considere apenas uma etiologia orgânica para cada doença mental. Nesse sentido, parece que a psiquiatria foi capturada e engessada em seu objeto maior, isto é, a classificação descritiva e objetivada dos sintomas psíquicos.

Isso quer dizer que não chegamos a uma solução para o impasse existente entre uma provável etiologia orgânica e as manifestações psíquicas envolvidas nas doenças mentais. Ainda que alguns casos de psicose sejam relacionados a um fator orgânico direto, é preciso considerar que essa relação não é de maneira nenhuma uma relação de correspondência biunívoca (França Neto, 2009). A passagem da causa orgânica para a desorganização psíquica se dá sempre de forma enigmática, tanto que uma mesma lesão orgânica pode produzir uma vasta gama de sintomas mentais e psíquicos. Por isso, a sintomalogia que caracteriza os quadros agudos de desorganização é de difícil diferenciação. Cabe à escuta clínica apurada

fazer advir à singularidade do sujeito presente nos sintomas que caracterizam a doença, ainda que ela possua uma base orgânica evidente.

Apesar de considerarmos as descrições neuropsiquiátricas insuficientes para a explicação do que muitos autores definem como distúrbios psiquiátricos funcionais, isto é, que não possuem causalidade orgânica, não entraremos nessa discussão marcada pela dicotomia orgânico x psíquico, uma vez que ela em nada contribui para o desenvolvimento desta investigação. Desse modo, tomaremos como ponto fundamental o caráter singular das manifestações sintomáticas de cada sujeito.

Por fim, destacamos que a descrição dessas condições clínicas é importante para sublinharmos como elas envolvem uma alteração significativa da consciência do eu, apontando para os efeitos de fragmentação das barreiras defensivas do sujeito. Esse fato parece contribuir de modo relevante para a emergência dos conteúdos inconscientes mais desorganizadores. É preciso considerar também que a passividade do corpo doente fornece o arranjo ideal para a desorganização da atividade psíquica e para o assujeitamento do indivíduo à intrusão sexual do outro.

Considerando que o caso clínico permite que o analista se depare com a emergência de impasses e conteúdos negligenciados no momento da condução da direção de tratamento, apresentaremos o caso K, privilegiando a construção de caso clínico a partir da reunião de recortes do material clínico da prática da pesquisadora. Além disso, tomaremos como referência a escuta clínica guiada pela situação de pesquisa, considerando que, essa situação, tem seus efeitos na produção de sentidos sobre o caso no campo da investigação. Com o caso K, tentaremos resgatar a estrutura delirante determinante da condição de sofrimento mental da paciente.

1.3 Caso K

Segundo relatório médico, K, 37 anos, é portadora de trombose venosa profunda (doença cardiovascular causadora da formação de coágulos sanguíneos geralmente nas veias mais internas da perna). Chega ao hospital com quadro de dor torácica, cansaço, desnutrição, amenorreia, dispneia e edema. O agravamento da sintomatologia teve início uma semana antes da internação, com piora progressiva do quadro.

A história clínica da doença teve início três anos antes da atual internação. Previamente hígida, K apresentou um quadro de trombose venosa profunda no membro inferior direito, sem desencadeante identificável na ocasião. Após tratamento com internação recebeu alta, fazendo controle irregular da doença. Quatro meses após o primeiro episódio, foi mais uma vez internada para tratamento. Depois de liberada, interrompeu por contra própria o uso da medicação por estar assintomática. Meses depois iniciou com dispneia e com esforço respiratório progressivo até que procurou atendimento médico gerando a internação em questão.

Desde a alta da última internação, K afirma ter se tornado uma pessoa desanimada, desmotivada, que passava a maior parte do tempo deitada. As únicas atividades estavam relacionadas à auto-higiene. Desempregada, recebia os cuidados de alimentação de uma vizinha, de quem também recebeu ajuda para procurar a atual internação. Não sabe informar sobre a história de patologias do grupo parental, porque os familiares vivem em outro estado. Nega hábitos etílicos e tabagismo e outras comorbidades. Afirma nunca ter feito qualquer tratamento psicológico e psiquiátrico.

Durante a internação, evolui com melhora progressiva do quadro de edema, mas com episódios de dispneia associados com alguns momentos de confusão mental. Durante a internação recebeu os diagnósticos clínicos de trombofilia (alterações sanguíneas causadora de trombose); discrasia sanguínea (baixa de leucócitos no sangue) secundária a uso de Varfarin (medicação anticoagulante); depressão e desnutrição.

Abordada pelo serviço de psicologia, K relata sintomas que parecem, num primeiro momento, caracterizar um quadro depressivo. Conta sobre como vivia antes da internação em um estado de inércia, com sintomas que nomeava como depressivos. Fala de sintomas sugestivos de apatia, prostração, embotamento social e afetivo, alteração na qualidade e quantidade do sono, inapetência. À medida que a paciente relata o período de embotamento, é possível ouvir o estado insuportável evocado pelo mal-estar que a doença causa e pelo estado de apassivamento geral provocado pela ameaça concreta de morte. Nesses momentos, K falava das limitações do corpo, sempre tomado pelo sintoma respiratório e pelo cansaço, dizendo sobre sua impotência e sobre a posição de dependência e assujeitamento ao outro.

Em todos os atendimentos, K demonstrou estar organizada, orientada no tempo e no espaço, sem significativas alterações das funções psíquicas e com crítica preservada. O discurso coerente, sistematizado, encadeado, não denunciava quaisquer alterações do juízo de realidade. Contudo, a forma de endereçamento da fala do sujeito era sempre colorida de uma tonalidade apreensiva, agitada, resistente, algo hostil e de afeto raso. K parecia se defender

contra uma eventual inserção de seu caso no âmbito da psiquiatria, onde parecia equivocadamente situar as intervenções do serviço de psicologia.

Inicialmente, o discurso era permeado por longos períodos de silêncio e por interrogações que tentavam promover uma correspondência imaginária com o outro – um encontro pleno de sentidos na comunicação – como se fosse preciso certo mapeamento da alteridade para que se pudesse encontrar um lugar razoável de endereçamento da palavra. Essa tentativa de produzir uma continuidade de pensamento com o outro era o que frequentemente denunciava o estado de fragmentação das bordas psíquicas do sujeito. Isto é, esse processo representava a tentativa da paciente de localizar no campo da alteridade uma extensão do próprio funcionamento psíquico, identificando no outro a origem do próprio automatismo mental, dos pensamentos vivificados, externalizados.

Por muitas vezes, K repetia a queixa sobre a inércia do corpo, imposta pela condição da doença, uma condição do corpo que a aprisionava também a um estado permanente de medo e estranhamento. Esses sentimentos colocavam à mostra toda uma série de afetos associados com a imagem de um corpo aprisionado ao leito, ameaçado de morte. Um corpo forçado a reeditar cotidianamente a posição de um corpo sem vida.

Quando não estava tomada por essa esfera de morte insuportável da doença, K se rendia às queixas em relação à conduta de uma filha de 16 anos, a quem endereçava duras críticas.

Com um laço frágil com a figura materna, a filha nunca a visitou durante o período de um mês e meio de internação. Raramente ligava. Segundo o relato da paciente, enquanto estava em casa em situação de fragilidade, precisando de um outro que a oferecesse cuidados básicos, a filha mal ficava em casa, dormia várias noites fora e andava com figuras que a mãe desaprovava.

Curiosamente, K relatava que o funcionamento desgarrado da filha era assim desde o início da puberdade, quando a mãe ainda era saudável e contava com a vitalidade necessária para desempenhar seu papel materno, barrando os comportamentos que ela mesma classificava como inadequados. K nunca mencionava o pai da adolescente. Parecia ter mantido relação com vários parceiros, tendo filhos com três deles, sendo que apenas um desses homens colocava-se de fato no lugar de pai de seus filhos.

Mãe de quatro filhos, K morava apenas com essa filha adolescente. Outros dois filhos menores de oito anos de idade ficavam com um ex-companheiro e o filho mais velho, de 17 anos, cumpria medida de privação de liberdade em uma casa de detenção para menores. Em seu discurso, o filho mais velho e os dois mais novos nunca foram mencionados com

preocupação, era a filha de 16 anos que recebia todo investimento do afeto materno. A função materna claudicante era justificada pelos entraves impostos pela doença, mas a hostilidade e a mistura subjetiva entre mãe e filha eram evidentes. Tanto que, em muitos momentos, era possível ouvir no discurso materno como os significantes empregados para descrever o funcionamento da filha se enquadravam de modo perfeito na forma de funcionamento da genitora, que quase sempre era hostil, rígida e tinha dificuldades de estabelecer laços com os outros.

Aliás, K não contava com nenhuma figura de quem recebesse afeto e de quem pudesse receber ajuda. Parecia não sustentar qualquer laço razoável com o outro, a não ser quando esse outro aparecia alocado em uma posição persecutória. Por várias vezes, K marcava claramente em sua fala o mal-estar frente à relação com a alteridade, mal-estar contra o qual o atendimento psicológico trabalhava, tentando enlaçar o sujeito ao tratamento. A posição de desamparo e abandono também era um tema frequente em sua fala. K adotava um tom acusatório para expressar sua posição de vítima do outro, sem se dar conta de que seu funcionamento desgarrado barrava a sustentação de laços afetivos.

Queixava-se de “confusão” mental, um estado que a fazia ter lapsos de memória. Queixava-se do frequente esquecimento de palavras e nomes.

Por muitas vezes, a fala estampava um tom persecutório inicialmente generalizado e depois endereçado a algum membro da enfermagem, no qual a paciente localizava uma semelhança imaginária com a forma de funcionamento da filha. Esse movimento era desencadeado pela semelhança entre o nome da filha e da profissional da equipe.

Ainda no início do atendimento realizado com a psicóloga, K falava de uma estranheza que a tomava de assalto: “*estou me sentido muito esquisita, não sei o que é*”. Agitada, desconfortável, a paciente afirmava o mal-estar provocado pela constante sensação de sentir a presença de alguém que não conseguia definir.

Diante desse sentimento insuportável de estranheza, K, manifestando hostilidade na relação transferencial com a psicóloga, falava sobre a dificuldade de fazer uso da palavra. Mencionava uma desorientação temporal momentânea e queixava-se da perda do encadeamento e da sistematização do pensamento, falando sobre pontos de apagamentos mnêmicos. Frequentemente utilizava o termo “estranha” para descrever seu estado subjetivo. Uma forma de nomeação também presente no relato dos profissionais da equipe que a taxavam de “estranha” e “esquisita” (sic), dizendo sobre o medo e o mal-estar que a paciente evocava no outro. O nível de inquietude da paciente evidenciava uma posição de extrema

fragilidade psíquica. K chegava a se incomodar inclusive com as vozes que ouvia no corredor “*eu não suporto o barulho desse lugar, a voz dessa enfermeira*”.

Em sua fala havia sempre indícios de angústia que apontavam para um estado de despersonalização e desrealização. K também relatava a reedição da angústia de morte ao fundir imaginariamente sua subjetividade à condição clínica de uma paciente já falecida – alguém com quem havia convivido em uma passagem por outro hospital.

Nesse dia, apresentava ideias persecutórias em relação aos cuidados da enfermagem e buscava no outro uma definição de seu estado de sofrimento psíquico. Em alguns momentos, interrogava de forma hostil o que os funcionários da enfermagem anotavam enquanto a observavam no leito, chegando a falar sobre o desconforto de sentir o corpo penetrado pelo olhar do outro.

Perguntava se esse sentimento estranho poderia ser produto da depressão, diagnosticada por outros profissionais com quem tivera contato. Sem respostas, K voltava a insistir na sensação de estranhamento, na falta de desejo de viver e na avalanche de problemas que tinha de enfrentar. Falava do período em que havia se entregado a uma condição de embotamento social e psíquico, revivendo o mal-estar durante o atendimento. Muitas vezes, verbalizava um sentimento de desamparo, de “*vazio*”, ao falar sobre a falta que sentia do afeto do outro e, então, voltava a se queixar da filha. Tentava dar conta da angústia de morte, ao mesmo tempo em que a desejava.

Apesar da gravidade do quadro clínico e da necessidade permanente de receber oxigênio para aliviar o sintoma respiratório, K sempre se queixava da internação, atribuindo sua permanência na instituição a uma avaliação equivocada do corpo médico. Irritada, pedia insistentemente para ser liberada, desconsiderando a ameaça concreta de morte que a doença lhe impunha. Tinha com a instituição hospitalar uma forma de enlaçamento frágil, que refletia a mesma forma insuficiente de aderência ao tratamento presente desde o desencadeamento da doença.

É preciso considerar, porém, que a internação produzia de forma evidente o controle e a minimização dos sintomas que ameaçavam a vida da paciente, tanto que, com o passar do tempo, K já conseguia circular pelo hospital sem o uso de oxigênio suplementar. Apesar disso, a melhora clínica não era suficiente para reduzir seu estado de fragilidade psíquica e o temor de desamparo, abandono e morte. Depois de um mês em meio de internação, K foi transferida para outro hospital para realização de um exame de maior complexidade.

Não é possível desconsiderar, nesse caso, que parte do estado de angústia da paciente estava diretamente relacionado ao quadro da doença cardiovascular. Aliás, esse parece ser o

marco fundamental do desencadeamento do estado de desorganização geral da paciente, como se a fragilidade do corpo fosse confundida com um estado depressivo, que se manifestava por meio dos sintomas de apatia, prostração e desvitalização.

Contudo, na história pregressa dessa paciente, antes mesmo da eclosão do quadro de doença orgânica, pode-se identificar uma insuficiência no modo de sustentação dos laços afetivos com o outro, algo que aparece marcado pela forma precária com que a paciente sustenta a posição de mulher para um homem e de mãe para um filho. Aliás, a posição materna era evidentemente problemática. Segundo relato do serviço social, K estava envolvida em questões com Conselho Tutelar, questões que envolviam inclusive a perda provisória da guarda dos filhos menores.

Alguns aspectos do funcionamento psíquico de K faziam com que os sintomas depressivos ganhassem um lugar secundário na composição de seu quadro de sofrimento mental. Dentre eles, poderíamos destacar o afeto raso, que não podia ser tão facilmente reduzido ao humor deprimido, quase sempre mais próximo de um humor irritável, hostil, delirante. A fala querelante também não refletia a apatia do sujeito deprimido que deixa de pedir, de endereçar sua demanda ao outro e mesmo de interpelar o desejo do outro.

Além disso, é fundamental observarmos que uma parte considerável dos sintomas depressivos poderia ser facilmente associada à prostração gerada pelo corpo fragilizado pela condição médica geral da paciente, e não propriamente a um quadro depressivo de ordem puramente neuropsiquiátrica ou funcional. A forma conflituosa de inserção do sujeito na relação com o outro, a qualidade de pensamento vivificado, quase independente, a esfera de estranhamento dominante, composta por uma resposta defensiva paranoica e erigida contra algo que parece atacar o sujeito de fora, todos esses sintomas colocam em evidência a estruturação (os fenômenos elementares) psicótica presente no funcionamento psíquico do sujeito. Somente reunindo esses sintomas em um quadro basal de sustentação do funcionamento psíquico mais evidente, foi possível perceber os indícios de um estado desorganizado, ainda não caracterizado por uma produção delirante evidente, mas nem por isso menos terrificante para o sujeito.

Nessa lógica, a construção do caso parece ser essencial para que o dizer psicótico seja reconhecido. É assim que, por via da definição dos fenômenos elementares, encontramos onde “A alma dos nervos se confunde com uma certa língua fundamental” (Lacan, 1981/2008, p. 38). Contudo, tentaremos demonstrar, de forma diferente de Lacan, que o elemento de base não pode ser reduzido à primazia significante e às alterações estruturais da linguagem. Há algo ligado à experiência originária do sujeito e à esfera de passividade presente nos

momentos iniciais de formação psíquica que não podemos desconsiderar. Nossa hipótese é de que esse conteúdo elementar, originário, está presente de forma decisiva na formação dos processos agudos que se associam à feminilidade e às psicoses. Resta sabermos de forma mais precisa de qual feminilidade estamos tratando.

2 ALGUNS ASPECTOS SOBRE DUAS FEMINILIDADES EM PSICANÁLISE

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu.

Deus perguntou-lhe mais: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?

Ao que respondeu o homem: A mulher que me deste por companheira deu-me a árvore, e eu comi.

Perguntou o Senhor Deus à mulher: Que é isto que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente enganou-me, e eu comi.

E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

E ao homem disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida.

Gênesis 3:1,6,11,12,13,16,17

Para pensarmos a feminilidade, podemos tomá-la em duas dimensões que ultrapassam a compreensão racional que os sujeitos têm sobre si mesmos. Ambas norteiam processos de subjetivação que determinam a vivência dos indivíduos de forma decisiva. A primeira, a feminilidade de gênero, poderia ser localizada dentro da esfera social, no campo dos discursos do Outro, lugar onde os sujeitos se localizam desconhecendo sua própria posição subjetiva. A segunda, que trataremos inicialmente como feminilidade, é aquela que se insere de forma mais evidente na história singular dos indivíduos, tendo um lugar de importância fundamental nas relações de cuidado que se constroem nos primeiros anos de desenvolvimento da criança. Obviamente, em algum momento da experiência humana, essas duas feminilidades se entrelaçam forjando identidades, concepções e experiências que povoam fantasmaticamente a vida psíquica dos indivíduos.

Apesar da ousadia de Freud em grande parte de suas colocações teóricas sobre a sexualidade, principalmente no que concerne à observação sobre as possibilidades bissexuais primárias dos indivíduos, é de conhecimento da maioria que o raciocínio do autor, em parte de suas teorizações, não escapa à tentativa naturalizante da ciência de estabelecer uma partição binarista de gênero. Nesse sentido, tanto a ciência, quanto o próprio Freud, parecem ter sido guiados por uma concepção cultural, dominada pela necessidade de formação de uma diferença absoluta, sustentada pela ideia da existência de uma essência verdadeira do masculino e do feminino.

Não de forma tão óbvia, há um tecido teórico bastante obscuro disseminado por toda teoria psicanalítica. Elementos pouco esclarecedores que sustentam a concepção de muitos autores e, ao mesmo tempo, são alvo da crítica de muitos outros, mas que, entretanto, influenciam de forma decisiva toda uma construção teórica sobre a querela da feminilidade.

Desse modo, para definirmos e isolarmos a noção de feminilidade originária é preciso antes estabelecer, ainda que de modo superficial, os conceitos de feminilidade que, na obra psicanalítica, se entrelaçam com a construção cultural da identidade de gênero e com os elementos da feminilidade pulsional. Para tanto, destacaremos as contribuições da obra “*Deslocamentos do Feminino*” (2008) de Maria Rita Kehl, além da contribuição de outros autores, sobretudo do próprio Freud. Isso por entendermos que alguns deles tiveram o cuidado de realizar uma ampla pesquisa sócio-histórica sobre a temática relativa aos efeitos da cultura na produção discursiva da psicanálise.

2.1 Os resíduos indesejáveis da cultura na construção do conceito de feminilidade em psicanálise

Desde o início, os significantes que primeiro designam a natureza da criança na ordem simbólica são referenciados pela disposição dos sexos: “Quando encontram um ser humano, a primeira distinção que fazem é ‘homem ou mulher?’” (Freud, 1932-1936/1996, p. 114). Dessa maneira, parece não ser possível ignorar que algo desenhado no corpo é capturado pelas significações da cultura. É sobre essa diferença dos corpos que “A ciência anatômica compartilha dessa certeza [...] num ponto, não mais que isto.” (Freud, 1932-1936/1996, p.114). Mas que, do mesmo modo, se deve “concluir que aquilo que constitui a masculinidade

ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia.” (Freud, 1932-1936/1996, p. 115).

Que a questão do masculino e do feminino esteja colocada para além dos corpos, Freud parece concordar, mas ele não eleva o debate sobre a qualidade daquilo que foge ao alcance da anatomia para a compreensão dos mecanismos da cultura; ao contrário disso, ele recai, como ainda veremos, no determinismo biologizante.

Quando falamos de cultura, estamos necessariamente considerando-a como uma produção de vários discursos. Sem nos aprofundarmos nesta temática, é preciso pensar que a linguagem é estruturante e, nesse sentido, é a base de sustentação da língua como produto social. Como tal, funciona como corpo simbólico vivo que antecede a existência singular dos sujeitos², ao mesmo tempo em que a determina.

Dentro dessa lógica, o sexo biológico, capturado pelo corpo simbólico dos discursos, abre campo para construção sobre as noções de gênero. É o que parece ocorrer com a diferença anatômica, que inaugura a ficção imaginária da diferença absoluta da construção subjetiva homem/mulher. Sendo assim, as características sexuais apontam no corpo para aquilo que no discurso vai se erigir como uma produção da cultura.

Dessa forma, é preciso pensar como as identidades de gênero se inserem no campo das práticas falantes, campo esse que determina os fluxos da história permitindo um espaço de inserção transformadora e flexível para o sujeito que fala ao longo das épocas. Nesse sentido, é possível considerar que a estrutura rígida da linguagem é também o baldrame das narrativas singulares e que “cada um tem condições de inscrever, com sua fala, uma pequena modificação; o sujeito faz um furo no muro da linguagem” (Kehl, 2008, p. 24).

O gênero é um atributo forjado nos espaços simbólicos erigidos entre a linguagem, a língua e a fala singular. Para além daquilo que se encontra no corpo, o gênero se articula também com o discurso do Outro, da cultura, e de cada sujeito, isto é, com o modo singular com que cada indivíduo se inscreve no campo do simbólico da linguagem. Isso mostra que as concepções de gênero enrijecem, mas não fixam os indivíduos quanto à forma de dar tratamento às pulsões sexuais. Desse modo, há sempre um espaço de criação para os seres de linguagem que habitam um corpo feminino ou masculino.

Feminilidade e masculinidade se estruturam pelas identificações que compõem o eu, a partir dos ideais que a cultura determina para cada gênero, bem como a partir da forma como os sujeitos se definem na constituição edípica. Mas como teia subjetiva característica da

² Quando estamos nos referindo ao Outro, grande outro, é a esse corpo simbólico que nos reportamos.

formação psíquica, o complexo de Édipo também está mergulhado de forma inevitável em um corpo sócio-cultural estruturado *a priori*.

A identidade atribuída ainda no período de gestação, seja ela de menino ou de menina, aloca o indivíduo desde o início em dois grupos caracterizados por inúmeras significações imaginárias. O sujeito é falado pelo outro e pela cultura antes de nascer. Nesse sentido, é preciso considerar que “O sujeito de que trata a psicanálise, tenha ou não existido algum outro antes dele, é por definição um ser de cultura, constituído numa dimensão histórica e simbólica que o antecede sempre” (Kehl, 2008, p. 257).

A teoria freudiana sobre os processos que determinam a construção da feminilidade sofreu também os efeitos culturais do cenário europeu dos séculos XVIII e XIX. Naturalmente, esse foi também o contexto fabricante do “homem Freud” e da concepção de feminilidade de gênero da qual ele se valeu. É inevitável considerar que esse período foi marcado pela produção de discursos de adequação das mulheres a uma série de qualidades, funções e restrições (Kehl, 2008). Dentro dessa lógica, a feminilidade era estabelecida como uma identidade ou conjunto de atributos que deveria pertencer a todas as mulheres.

De forma geral, a feminilidade concebida dentro da lógica da diferença de gênero poderia ser tomada como um “conjunto de atributos que a mulher precisa oferecer ao homem para sustentar, nele, a virilidade.” (Kehl, 2008, p.174). Dentre essas qualidades é preciso considerar

doçura, passividade, pudor sexual, uma certa inocência, uma disposição a servir e uma boa dose de espírito maternal são características que a educação precisa desenvolver nas mulheres a fim de que elas possam se transformar em parceiras que não ameacem a masculinidade dos homens, tornando-se capazes de ao mesmo tempo domesticar e incentivar a sexualidade masculina (Kehl, 2008, p. 174).

É essencial destacar que a feminilidade erigida nesse período foi uma narrativa social construída pela posição masculina em diversos segmentos da produção de saber (ciência, filosofia, religião, literatura, artes). Além disso, é preciso considerar que esses lugares de produção discursiva são posições fálicas determinantes da cultura³. Sendo assim, é possível considerar que o lugar feminino representava “o fracasso de uma posição subjetiva que não produz discurso, da qual só se espera que corresponda ao que já está designado no discurso do Outro” (Kehl, 2008, p. 66). Como Kehl desenvolve, o aforismo lacaniano “A mulher não

³ Essa realidade discursiva começou a ser modificada a partir da segunda metade do século XIX, quando a literatura, principalmente, foi invadida pela produção feminina (Kehl, 2008).

existe” parece ter uma aplicação mais precisa se pensarmos no modo como a mulher aparece silenciada na produção discursiva desse período.

Inevitavelmente, o modelo vitoriano sobre a feminilidade foi colocado à prova, entrando em crise em função do crescimento da insatisfação feminina e dos movimentos feministas, realidades que apontavam para a tentativa da mulher de interrogar o lugar de puro objeto do desejo do Outro. Mas, em relação aos golpes sofridos pela cultura vitoriana, interessa-nos destacar como essa crise do modelo de feminilidade produziu a insatisfação da mulher, ganhando o campo da construção subjetiva dos sintomas. Isso porque a moldura universalizante do feminino parece não ter sido suficiente para responder as questões que se colocavam na dimensão singular do desejo.

Partindo da observância dessa definição normativa sobre a feminilidade, a psicanálise, juntamente com um discurso científico naturalizante, acaba por forjar outras concepções normatizantes, por exemplo, ao associar de forma radical o sintoma histérico à própria noção de feminilidade adoecida e, sobretudo, ao associar à feminilidade “normal” a exigência da vivência materna da mulher. Como lógica derivativa desse pensamento, a histeria força a mulher a se adequar a um lugar único, tendo como ideal de cura uma sexualidade plenamente realizada na maternidade. Como pano de fundo dessa proposição psicanalítica, é essencial que se considere “A insistência com que pensadores e cientistas afirmaram que o único lugar digno para a mulher seria o lar, e que sua tarefa mais valiosa seria aquela para a qual sua natureza a preparou – a maternidade” (Kehl, 2008, p. 49).

2.2 A feminilidade na teoria freudiana

Retomando a posição do pai da psicanálise na cultura, é necessário considerar que o grande Outro de Freud era a cultura vitoriana, sustentada pelos valores da sociedade patriarcal dominante. Essa era uma realidade da qual o próprio Freud não poderia escapar.

É preciso, apesar disso, reconhecer que Freud chegou a tocar nos imperativos da cultura que restringiam o terreno da satisfação sexual e, ao mesmo tempo, o campo das possibilidades sublimatórias da sexualidade da mulher. Principalmente quando considerou que a passividade feminina poderia não ser natural, alertando que não deveríamos “subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva” (Freud, 1932-1936/1996, p. 116). Mas é imperioso admitir que em muitos

momentos de sua obra o autor caminhou teoricamente de forma desastrosa por uma justificativa naturalista, que o levou à defesa da inferioridade da mulher em relação ao homem, sobretudo em relação às atividades intelectuais e sublimatórias.

Considerando os ruídos da cultura nas concepções psicanalíticas sobre a feminilidade, é preciso que “adentremos decididamente as condições de enunciação do discurso freudiano. Estas condições não são apenas de ordem teórica, bem entendido, mas também de ordem histórica” (Birmam, 2001, p. 27). Percorrendo a base sócio-histórica inscrita na produção discursiva do contexto cultural de Freud, podemos perceber que a mulher parecia aprisionada a uma posição sintomática na cultura oitocentista, alienada em relação aos destinos possíveis de sua própria sexualidade, sujeito do desejo de um Outro, que, por sua vez, parecia não saber o que desejar de uma mulher.

Dentro dessa lógica da cultura, a pergunta histórica endereçada ao homem, ou ao analista na relação transferencial, também parecia apontar para uma necessidade de significação evidente, isto é, para uma tentativa de se localizar no desejo do Outro. É por isso que talvez possamos considerar que “ao final de um percurso analítico, espera-se que uma mulher seja capaz de destituir o homem / analista desta posição de saber, e construa para si mesma uma resposta, desde a posição de sujeito do desejo” (Kehl, 2008, p. 241).

Como parte desses discursos da cultura, a psicanálise parece criar, sobretudo com a proposição da versão falocêntrica do Édipo, outro dispositivo de dominação, uma vez que não confere à mulher um lugar suficiente para que ela se instale como sujeito desejante. Essa realidade massacrante pode ser tomada como base de derivação essencial de um sintoma, de um modo da mulher de se fazer existir diante daquilo que lhe era imposto pelo desejo de um homem e por todo um contexto cultural. Assim, torna-se fundamental considerar a formação do sintoma histórico também como uma saída razoável para as exigências de satisfação da pulsão dentro da moldura cultural alienante erigida para o exercício desejante da mulher.

Kehl (2008) é precisa ao destacar que a posição feminina é forjada pelo discurso do Outro, pelos discursos da masculinidade. Inclusive a famosa interpelação teórica da psicanálise sobre “o que quer uma mulher” deve ser também considerada como uma interrogação do discurso masculino. A questão colocada nesses termos aloca na condição feminina aquilo que é próprio da realidade psíquica de quem forja o discurso e, também por isso, dita a construção subjetiva sobre o que deveria ser uma mulher. Nesse sentido, o enigma que porta o sujeito é localizado externamente, como uma essência radicalmente diferente. O criador da psicanálise parece ter sido tomado pela causa do desejo, ou pelo o enigma, que o fazia interpelar o desejo da mulher.

Parece também que Freud não teria sido capaz de interpretar os anseios da mulher vitoriana de tornar-se sujeito no desejo do outro. Dora, por exemplo, interpelava o outro sobre o que poderia vir a ser como indivíduo, tendo ela nascido como uma mulher. Dentro dessa lógica, talvez fosse necessário reformular a questão freudiana. Tal como propõe Kehl (2008), seria mais recomendável que a interpelação da histérica na relação amorosa e na relação transferencial fosse compreendida de outro modo, sendo assim formulada: “o que sou eu, para você?”. Isso para que o sujeito pudesse trabalhar em análise para destituir o outro desse lugar de saber sobre o seu próprio desejo.

Essas considerações permitem que se alcance um entendimento maior sobre como a mulher permaneceu na cultura, por muito tempo, assujeitada ao lugar de objeto do desejo e do discurso do Outro. Desse modo, ela teve, de forma muito penosa, que se engajar em uma luta subjetiva, pela via do sintoma, e social para conseguir vislumbrar ser algo além disso.

Ainda hoje, essa é uma luta que persiste, mas agora em um solo sócio-histórico diverso. Isso parece deixar em evidência que a interpelação “o que sou eu, para você?” não pode ser reduzida aos efeitos da cultura sobre os processos de subjetivação. Há algo que se dá no nível da singularidade que se prende e desprende da cultura de forma ininterrupta, forjando a constituição psíquica dos seres. Aliás, a interrogação do sujeito em relação ao desejo do outro parece ser o enigma de todos. Mas, talvez, colocada no universo das masculinidades, dentro da lógica de gênero e considerando os resíduos deixados pela cultura patriarcal, ela seja para os homens uma interrogação que ainda permanece endereçada ao outro, mas ao outro do mesmo sexo e, quase nunca, à mulher, dada à rigidez estereotípica das identidades forjadas pela coletividade masculina.

Para tratarmos de forma mais precisa sobre as questões que perpassam a construção subjetiva da feminilidade na teoria freudiana, temos de tomar os caminhos formulados em relação à construção do complexo de Édipo na menina e no menino como parâmetro. Para tanto, é preciso considerar os modos de formalização que inauguram a centralidade da diferença sexual e do falo na psicanálise.

2.2.1 Caminhos do Édipo e a hierarquização fálica

A psicanálise como dispositivo discursivo foi capaz de romper com muitas posições que tomavam a diversificação da manifestação sexual de forma limitante, mais precisamente dentro de um registro normativo, que desconsidera a universalidade de funcionamento das pulsões sexuais e do inconsciente, produzindo uma cisão maniqueísta entre normal e patológico. Mas, de outro modo, ela parece ter também estabelecido “uma nova forma de normatização por meio do imperativo do modelo do Édipo e da castração” (Arán, 2006, p. 55). Consideremos de forma resumida as proposições de Freud sobre o complexo de Édipo e a ameaça de castração na menina e no menino.

Para o autor, o amor edípico no menino regride em função da ameaça de castração do pênis. Nesse sentido, o menino deixa de desejar a mãe para identificar-se ao pai, abrindo o horizonte para o investimento amoroso em outras mulheres. Essa equação edípica do homem parece ter um lugar bastante confortável nas proposições psicanalíticas. Isso porque os meninos são a referência de investigação para o autor, uma vez que no homem “a situação do complexo de Édipo é o primeiro estágio possível de ser identificado com certeza” (Freud, 1923-1925/1996a, p. 278). Essa certeza teórica não acontece quando Freud se aventura a estender o raciocínio utilizado no caso do menino para entender o desenvolvimento sexual da menina. Tanto é assim que, em alguns momentos de seu percurso de investigação sobre a temática, o autor chega a admitir que sua “compreensão interna (*insight*) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago”⁴ (Freud, 1923-1925/1996b, p. 199). Mas Freud sustenta sua tentativa de formular uma saída correspondente para o complexo de Édipo na menina e no menino, ainda que afirmando ter abandonado qualquer “paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino” (Freud, 1927-1931/1996, p. 234).

Seguindo o raciocínio teórico do autor, no caso das meninas, a falta do pênis está encarnada. Ao se dar conta de que o clitóris não irá se desenvolver, tornando-se um pênis, a menina é obrigada a abandonar sua fantasia masculina. Juntamente com esse recuo, ela também acaba por renunciar ao seu amor pela mãe, que passa a ser tomada como um sujeito

⁴ Nessa afirmação, Freud estampa a sua estranheza frente à tentativa de entendimento dos processos que envolvem a feminilidade, mais precisamente quando fala da limitação relativa à sua “compreensão interna”. Em muitos momentos de sua obra é possível perceber o atravessamento da produção fantasmática inconsciente do autor quando aparecem as lacunas da razão. É o que ocorre, por exemplo, quando Freud admite também não ter clareza na compreensão dos processos pré-edípicos.

inferior ao pai e aos homens em geral. “Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade” (Freud, 1927-1931/1996, p. 237). Diante do horror provocado pela falta concreta do pênis no corpo, a menina volta seu amor para o pai na esperança de receber do portador do órgão fático um prêmio correspondente ao falo, qual seja, o bebê-falo. É assim que a menina “desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê” (Freud, 1923-1925/1996b, p. 198). Nos caminhos de normalidade traçados por Freud para a menina, “a maternidade seria a forma por excelência de realização do ser da mulher” (Birmam, 2001, p. 25).

É a promessa da maternidade que inaugura o amor pelo pai, bem como os desdobramentos que vão possibilitar a descoberta da função sexual da vagina. Ao consentir com a posição feminina, a menina assume para si a passividade associada ao uso sexual do orifício vaginal diante de um homem, abandonando, por outro lado, a atividade masturbatória clitoridiana; isto quer dizer que “com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena” (Freud, 1932-1936/ 1996, p. 119). Dentro dessa lógica, a máscara da feminilidade, ou a posição sedutora da mulher, surge como uma parcela ativa da libido ou, mais precisamente, como uma moeda de troca ofertada ao homem como forma de ter acesso ao filho-falo (Kehl, 2008).

As outras saídas consideradas para a sexualidade feminina estão no campo das anomalias “pelas diferentes configurações da inibição sexual, da histeria e da virilização” (Birman, 2001, p. 25). Essa conceituação normativa sobre a maternidade como caminho da normalidade feminina parece ser a formulação mais estranguladora de Freud sobre as perspectivas de subjetivação da feminilidade (Birman, 2001).

Tomando como referência o fato de que é o filho-falo que põe fim ao complexo de Édipo na mulher, é preciso considerar que a aceitação da castração não se concretiza nunca para a menina. Apesar de partir da falta consumada na própria anatomia, a menina nunca abandonará por completo suas fantasias infantis e seus planos incestuosos.

A descoberta da castração inaugura para o menino uma ignorância mantida em relação ao órgão feminino e, sobretudo, o pavor da castração. Já para as meninas aparecem o fascínio ou a inveja pelo órgão sexual masculino.

É curioso pensar que a ameaça de castração seja tomada por Freud como a condição mais terrificante para os sujeitos. Isso a tal ponto que a ameaça é a interdição necessária para possibilitar uma passagem bem sucedida pelo Édipo, completamente superado pelo menino, segundo a lógica do autor. Condição ausente para a menina – que tem a própria falta

encarnada, concretizada no corpo e, como fato consumado, não suficientemente aterrorizadora para permitir que ela complete a superação do período edípico.

Tomando apressadamente a diferença anatômica como única fonte de observação em relação aos processos de formação subjetiva ao longo da travessia do Édipo, e relacionando essa lógica aos resultados da violência social na cultura, seria mais fácil considerar que a posição de consentimento e docilidade da mulher diante do outro e da lei, são provas concretas de como o Édipo encontra na menina uma formação mais completa, até pelo próprio horror evocado pela castração consumada. Os meninos, ao contrário, superam uma ameaça não concretizada e parecem sustentar uma vivência mais livre, contestadora. Comprovadamente, são eles que participam da maior parte das situações que envolvem os comportamentos antissociais e violentos, transgredindo, desse modo, as exigências e as leis da cultura que apontam para renúncia da satisfação do desejo. Mas essa reflexão teria uma sustentação tão frágil quanto a de Freud, uma vez que hipotetiza sobre situações complexas sem considerar o solo sócio-histórico que sustenta os processos de violência na cultura.

Pensando nos caminhos históricos que desenham a querela entre os sexos, podemos também traçar alguns elementos que ajudam na compreensão de como a noção dada à diferença sexual, tomada de forma central na teoria freudiana, responde à manutenção de processos anteriores de dominação e poder. Nesse sentido, é essencial que tomemos como referência alguns aspectos colocados para além da construção da teoria freudiana.

Como destaca Birman (2001), a diferença sexual não foi desde sempre o paradigma de sustentação da construção cultural sobre as noções de feminino e masculino. Apenas após o final do século XVIII e no início do século XIX, firmaram-se as bases teóricas que ancoram as concepções sobre a importância da diferença da anatomia dos sexos. Na antiguidade, predominava o paradigma do sexo único, isto é, da perfeição e dominância do sexo masculino. Somente com a eclosão da exigência de igualdade de direitos na revolução francesa, a primazia do sexo único foi afetada de forma decisiva.

Contudo, diante da necessidade de uma resposta para inserção dos sexos no espaço social e, sobretudo, diante da necessidade de manutenção dos jogos de dominação, foram criados os discursos sobre a radicalidade da diferença biológica entre os sexos. Assim, a diferença sexual também parece ter entrado no registro de fundamentação da hierarquia sexual, mas agora a partir de um discurso científico sobre o determinismo natural dos corpos (Birman, 2001).

Dentro dessa lógica, as marcas naturais dos corpos foram usadas como mecanismo de fundação de um abismo permanente entre a essência masculina e feminina, com a imposição

de uma radical diferença entre homem e mulher. Para sustentação desse processo, várias evidências científicas foram tomadas como parâmetro para explicação dessa diferença radical ao longo do tempo: a marca do sexo no corpo, as características sexuais secundárias, o sexo hormonal e o sexo cromossômico (Birman, 2001). Como resultado desses achados, as características morais e psíquicas dos sujeitos foram se tornando efeitos diretos da diferença anatômica dos corpos. Como última consequência desse novo paradigma, foram criadas as finalidades e inserções sociais possíveis para a posição do homem e da mulher. O pano de fundo dessas noções se associava ao interesse de se definir a distribuição de poder entre os sexos: à mulher seria dada a dominância sobre o lar e a maternidade/reprodução, e ao homem a dominância sobre os espaços públicos e a produção.

Retomando o lugar da psicanálise nesse contexto, é preciso considerar que a formulação freudiana não só delinea os traços psíquicos dos sujeitos, como também traça um caminho normativo e, por vezes, insustentável para a construção psíquica do homem e da mulher. Isso se dá, principalmente, quando Freud traça, no campo da normalidade da subjetivação feminina, a finalidade específica de reprodução da espécie, tomando a maternidade como potencialidade máxima da fêmea (Birman, 2001). Considerando que a passagem da menina pelo Édipo sustenta de forma categórica essa concepção freudiana, torna-se necessário considerar que “o Édipo produz o homem, não produz a mulher” (Soler, 2005, p. 17). Ou seja, a lógica da diferença sexual na teoria freudiana não é suficiente para produzir e conferir à mulher a posição de sujeito desejante. O próprio Freud, em muitos momentos de sua obra, chega a explicitar que “a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade” (Freud, 1932-1936/ 1996, p. 117) e mesmo a admitir que o Complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino (Freud, 1927-1931/1996). Além disso, temos de considerar a centralidade da lógica falocêntrica em Freud, ainda mais quando concretiza a noção fálica remetendo-a à posse do pênis, não deixando para mulher qualquer outra saída se não a inveja do órgão.

Apesar de insistir em sustentar a lógica freudiana, Lacan tenta remanejar os termos de Freud dando ao pênis seu valor significante, atribuindo-lhe uma função. Na lógica fálica lacaniana, a teoria ganha ares mais razoáveis, apesar de ainda se apoiar na diferença sexual. O pênis, como significante fálico, ganha um valor simbólico que universaliza a castração, colocando-a de forma mais evidente também do lado masculino e estabelecendo a paridade homem e mulher na proposição da falta-a-ser, isto é, na concepção de uma incompletude inaugurada para ambos a partir da renúncia necessária do objeto de amor e do falo para que o desejo venha se constituir: “É que o desejo como tal é um fenômeno do sujeito, ligado à

castração” (Soler, 2005, p. 34), e como tal não tem especificidades de gênero – a libido não é masculina nem feminina.

Saindo da proposição de Lacan e retomando o valor dado por Freud ao pênis, pode-se considerar que, se o pênis encarna a posição vazia que confere o valor que se deve agregar ao objeto do desejo, só resta à mulher aceitar duas saídas: a posição de invejosa, uma vez que a anatomia lhe sentencia a isso, ou as saídas anômalas da visão de Freud (abstinência, virilização ou histeria), sendo a histeria a posição da mulher que interroga o outro pela via do sintoma.

Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade. Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto (Freud, 1923-1925/1996a, p. 282).

Nesse caso, talvez tivéssemos de considerar a histeria uma saída bem sucedida, já que ela parece ser a via principal de contestação para a mulher vitoriana, condenada de forma insuportável à identificação com um gênero inferiorizado e apassivado pela cultura.

Além da limitação relativa à formação da sexualidade feminina, a fórmula freudiana para propor o Édipo esbarrava de forma preocupante em “uma concepção francamente biologizante do psiquismo, uma vez que pressupõe uma intencionalidade instintiva inerente ao ser vivo” (Ribeiro, 2000, p. 202). Em muitos momentos de sua obra, o autor centraliza na criança uma compreensão relativa à percepção da diferença anatômica entre os sexos, o que acaba por dar ao menino e à menina uma capacidade de simbolização e apreensão da realidade sobre a própria sexualidade que parece irreal. Várias proposições de Freud (1927-1931/1996) sobre o processo compreensivo da criança em relação à construção do Édipo poderiam ser mencionadas nesse contexto: “com a intensificação de seus desejos eróticos e sua *compreensão interna mais profunda* das relações entre o pai e a mãe, o primeiro está fadado a se tornar o seu rival. [itálicos nossos] (p. 233)”; e ainda, “*a criança encarna a castração, em primeira instância, como um infortúnio[...] só mais tarde compreende* que ela se estende a certa outras crianças e, por fim, a certo adultos [itálicos nossos] (p. 241)”.

Lacan dá uma contribuição teórica essencial quando inverte a centralidade de compreensão da forma como o complexo de Édipo se constrói para a criança. Se acompanharmos a lógica freudiana, tomaremos como referência o imaginário infantil sobre o valor da anatomia em relação ao corpo próprio e, em consequência disso, serão considerados

os desdobramentos do desejo do sujeito em relação ao pai e à mãe. Lacan inverte a fórmula, privilegiando a localização da criança no desejo do Outro. Dessa maneira, a formação edípica toma como referência

a operação da metáfora paterna que é o resumo do Édipo, em que o sujeito é submetido inicialmente ao que Lacan designou o Desejo da Mãe. A simbolização da mãe através da metáfora paterna tem como efeito a inclusão da falta, da castração do Outro (Quinet, 2006, p. 107).

Contudo, o autor apaga em grande parte os efeitos dessa presença maciça do outro nos primeiros tempos de desenvolvimento do bebê quando, minimizando o que parece estar mais evidente em suas proposições do estágio do espelho, começa a privilegiar uma concepção de outro completamente mergulhada na função estruturante da linguagem, deixando de privilegiar outros aspectos importantes da cena de sedução originária. Aspectos esses que consideramos ser de maior relevância, que aparecem na teoria freudiana e são cuidadosamente levantados pela teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche.

Não queremos desconsiderar os efeitos da linguagem sobre a criança, sobretudo se levarmos em conta que esse universo simbólico está ancorado no outro que protagoniza a cena de cuidado. Tanto é assim que não faremos questão de diferenciar o “Outro” do “outro” ao longo de nosso percurso de investigação. Contudo, é essencial admitir que algo existe antes que o bebê possa representar esse universo simbólico, ainda que sob a forma de uma passividade absoluta diante da pura intrusão violenta da sexualidade do adulto, sem que haja necessariamente a veiculação da palavra.

Talvez, se considerarmos as teorizações de Lacan sobre o Real, poderíamos recortar de forma mais precisa esse elemento que fica atravessado na relação mãe-bebê, sem a mediação da palavra, sem representação simbólica, como algo que se manifesta pela via do não sentido, tal como a palavra esquizofrênica mergulhada em uma dimensão de gozo que se fragmenta em sua sequência semântica na cadeia significante (Generoso, 2008). Pensar nessa composição de algo inominável que traumatiza e mortifica sexualmente os corpos envolvidos em uma cena de cuidado, seja por via do cuidado do outro primordial para criança ou do cuidado ofertado ao paciente no leito hospitalar, evocando uma esfera fragmentadora muito próxima daquilo que se compõe nas fases agudas da psicose, é o que de fato nos interessa.

Mas, retomando o Lacan que trata da representação simbólica do Édipo, podemos considerar que, do mesmo modo que em Freud, encontramos em Lacan a armadilha normativa do falo.

Quando ele define que o significante fálico está “destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante” (Lacan, 1966/1998b, p. 697), o falo assume a posição de ordenador universal no nível simbólico; sendo assim, é tomado como referência para a proposição do gozo do homem e da mulher, ainda que o gozo feminino seja colocado como gozo para além do falo. “Dizê-las não-todas na função fálica, reconhecer-lhes um outro gozo que não ordenado a partir da castração, não equivale a lhes creditar uma ‘natureza antifálica’ qualquer” (Soler, 2005, p.28). Desse modo, Lacan trabalha sustentando a posição freudiana de tomar como referência o modelo de travessia do Édipo no menino para então propor as lógicas de subjetivação para o gozo da mulher.

Outro ponto de tensão na posição de Lacan aparece quando, reverberando a ideia freudiana sobre a mulher que deve “ficar à mercê do acaso do desejo do homem” (Soler, 2005, p. 34), o autor amplia a noção de castração do corpo feminino para o nível simbólico, afirmando que a mulher, para ser objeto do desejo de um homem, deve encarnar sua falta fálica, sua castração, aparentemente apresentando-se simbolicamente em uma posição de menos. Inclusive, em uma de suas leituras sobre o caso Dora, Lacan considera que o problema de Dora, e de toda mulher, “está no fundo em se aceitar como objeto do desejo do homem” (Lacan, 1966/1998c, p. 221). É estranho pensar que o autor considera como possibilidade de articulação do desejo feminino alocar-se aparentemente de forma possível na posição de objeto do desejo do outro – a posição que nos interessa. A posição subjetiva na qual o próprio Lacan localiza os eventos mais devastadores para o psiquismo dos sujeitos – a psicose, por exemplo – e onde podemos localizar também “a passividade infantil, equivalente à do masoquismo primário e cujo gozo cobra o preço do desamparo subjetivo frente à pulsão de morte.” (Kehl, 2008, p. 245). Se pensarmos a associação feita por Lacan entre o gozo feminino e o gozo da psicose talvez tenhamos que admitir que ele reserva à mulher um lugar teórico ainda mais constrangedor do que o que Freud reservou em sua teoria.

Como se pode ver, Freud e Lacan se embaraçam na armadilha fálica para tentar propor uma concepção da constituição da feminilidade por via da referência fálica. Além disso, cabe considerar que ambos localizam a sexualidade feminina em uma esfera radicalmente obscurecida, enigmática e estranha, reafirmando uma hierarquia sexual, baseada nos efeitos da diferença anatômica dos sexos sobre os processos de subjetivação homem/mulher. Dentro dessa perspectiva, na qual a sexualidade masculina ganha uma centralidade normativa, quase não patologizável, a sexualidade feminina é varrida para os porões da anomalia e da inferioridade.

O falicismo do Édipo parece funcionar tanto na teoria psicanalítica quanto na experiência humana como dispositivo imaginário que tampona e afasta os sujeitos do confronto com a esfera da feminilidade, ocupando de fato a função recalcanete traçada por Lacan, não em sua vertente simbólica de organização da estrutura da língua e representação da lei, mas sim como operador de um imaginário maciço, ancorado pelos mecanismos de dominação da cultura.

Sobretudo para o homem, o culto ao falo assume uma posição decisiva na formação da identidade masculina com a formação de uma essência plena, radicalmente diversa daquela atribuída à experiência feminina. As identificações imaginárias do discurso sobre a masculinidade parecem operar com uma rigidez limitadora, capaz de produzir uma ficção sólida de uma essência natural diversa da essência feminina. Assim, é o próprio movimento angustiado de produzir uma divisão entre os gêneros que denuncia a tentativa masculina de se ver livre da parcela feminina atormentadora.

Além de todos esses aspectos levantados, é necessário considerar a influência da própria experiência de vida do homem Freud em seus escritos. Na tentativa de acessar os efeitos do vivido na produção teórica da própria psicanálise, muitos autores se ocuparam em compreender a história de sua vida. Apenas como forma de não desconsiderar esse efeito subjetivo sobre a teorização do autor, tomamos a descrição de Kehl sobre a teorização de Roith. Esta autora afirma que a posição feminina descrita por Freud é uma reedição teórica de sua posição subjetiva em relação a um discurso dominante – um discurso anti-ssemita que o massacrava em sua posição étnica. Kehl sublinha que “A mulher na teoria freudiana representa, segundo a hipótese de Roith, a paródia de um homem castrado política, social e sexualmente” (Kehl, 2008, p. 231).

Dessa maneira, Roith parece apontar que a discriminação carrega uma esfera de dominação violenta que apassiva o sujeito marginalizado. Mas isso, segundo Kehl, “não diz nada a respeito do criador da psicanálise que não se possa dizer a respeito de outro homem qualquer” (Kehl, 2008, p. 232). Isto é, esse é um componente que ocupa um lugar de importância na experiência humana universal, mas que, sem dúvida, para alguns grupos tem uma ressonância cultural ainda mais massacrante.

Pensando de forma cuidadosa na construção do conceito de feminilidade na obra freudiana e na posição subjetiva destacada por Roith sobre origem étnica do autor, parece ser possível considerar que Freud faz da feminilidade uma alteridade absoluta, castrada, dominada e recusada, que em nada lhe diz respeito e que o faz mais seguro diante do horror provocado pela ameaça fantasmática de sua própria posição subjetiva.

Mas o que Freud não percebia é que, do lado da mulher, há uma feminilidade que assume um lugar tão enigmático quanto para o homem. Isso porque a manifestação da feminilidade de gênero se confunde de forma persistente com outros conteúdos que estão associados à passividade e a posição de assujeitamento ao desejo do Outro, condições associadas historicamente aos atributos da mulher. Parece que, localizando na mulher a passividade castrada, o homem se livraria imaginariamente da própria castração, ou melhor, da passividade que o aterrorizaria. Contudo, não estamos tentando afirmar com isso que para a mulher esse conteúdo seja menos arrasador. Pelo contrário, nossa tentativa é esclarecer que para ambos os sexos ele tem efeitos perturbadores.

Parece que, ao repudiar o que reunia teoricamente em sua concepção de feminilidade, confundindo vários processos subjetivos de forma precipitada com a posição da mulher, que “é uma invenção da cultura, histórica, que muda de feição conforme as épocas” (Soler, 2005, p. 30), o autor estampa o pavor relacionado a outro conteúdo mortífero do inconsciente. Tanto que em algumas passagens de seu texto esse pavor fica evidente: “Essa combinação de circunstâncias [...] determinarão permanentemente as relações do menino com as mulheres: horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela” (Freud, 1923-1925/1996a, p. 281).

Mas Freud não pode ser acusado de ter considerado apenas a versão falocêntrica do complexo de Édipo para compor a noção de feminilidade, apesar de esse ser o conteúdo mais privilegiado em sua posição teórica. É preciso considerar também que o autor aponta um ponto nodal que parece colocá-lo no caminho que consideramos mais apropriado para compreensão dos conflitos psíquicos do ser. É necessário, então, considerar que o complexo de castração pode operar como elemento decisivo de reedição de outros conteúdos, uma vez que a esfera de violência apassivada veiculada na mensagem inconsciente de ameaça de castração parece ter efeitos tão devastadores para os dois sexos.

Esses vestígios, que sublinham a importância da feminilidade como elemento de morte e passividade psíquica do sujeito, estão também muito presentes na obra freudiana. Em alguns textos esse elemento ganha uma centralidade evidente, assumindo ares de uma “feminilidade [que] se diferencia tanto da sexualidade masculina quanto da feminina, lançando, pois, uma nova luz não apenas sobre o ser do feminino, mas também para outra leitura possível sobre a masculinidade” (Birman, 2001, p. 29).

Sendo assim, tentaremos recortar alguns pontos da obra de Freud para destacar esse elemento.

2.3 Uma outra feminilidade na teoria freudiana

Freud foi influenciado, sem que o soubesse, pelos imperativos da cultura em relação ao gênero e pelo componente enigmático que ele associava à natureza da mulher na construção da psicogênese da feminilidade. Tanto isso é verdade que não faltam elementos em sua teoria para afirmar as dificuldades teóricas do autor relativas a essa temática. Freud parecia dividido entre a tentativa de formular uma essência radicalmente diferente entre os sexos, ao mesmo tempo em que reconhecia que havia uma correspondência no desenvolvimento psicosssexual do homem e da mulher. “Apesar da dessemelhança de seu conteúdo, há uma correspondência óbvia entre eles. Algo que ambos os sexos possuem em comum foi forçado, pela diferença entre eles, a formas diferentes de expressão” (Freud, 1937-1939/ 1996, p. 268). É fundamentalmente essa correspondência que nos convida a sublinhar na obra freudiana muitos aspectos que apontam para uma paridade essencial entre os processos de subjetivação do homem e da mulher.

Freud se aproxima fortemente desse traçado quando começa a atribuir maior importância à função do processo pré-edípico na constituição psíquica e quando confere maior valor à investigação das fantasias de espancamento. O autor chega mesmo a considerar que “As condições primárias para uma escolha de objeto são, naturalmente, as mesmas para todas as crianças” (Freud, 1927-1931/1996, p. 236) e aponta de forma clara para a consideração do lugar essencial da mãe nos primeiros tempos de vida.

Com essas investigações, Freud tenta empreender “a compreensão das fantasias de espancamento” (Freud, 1917-1918/1996a, p. 199). Reconhecendo a complexidade do material clínico em questão, o autor considera que “Essas fantasias subsistem à parte do resto do conteúdo de uma neurose e não encontram lugar adequado na sua estrutura” (Freud, 1917-1918/1996a, p. 199), apesar de admitir prontamente a insustentabilidade dessa afirmativa ao considerar que essa ideia poderia ser posta de lado por via de outras investigações teóricas a esse respeito. Por sinal, uma afirmativa surpreendente, uma vez que as fantasias de espancamento estampam de forma categórica a cruza do Édipo, o próprio Freud (1917-1918/1996a), ainda que de forma vacilante, as associa às vicissitudes edipianas.

Contudo, essa associação tem limites muito claros e é inclusive subvalorizada pelo autor ao considerar que

o Complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil que culmina nesse complexo é que determina realmente as neuroses. [...] Dessa forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do Complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório ‘sentimento de inferioridade’ corresponde a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo (Freud, 1917-1918/1996a, p. 208).

Isso posto, poder-se-ia afirmar que o autor dá às fantasias de espancamento um lugar secundário, talvez menos significativo do que deveriam assumir na teia subjetiva intrincada que compõe o Édipo. Mas o que interessa notar é que Freud propõe que seria possível considerar que a origem geral das perversões infantis se enraíza no complexo de Édipo, mais especificamente nas fantasias de espancamento.

Para além disso, o autor destaca vários elementos de maior importância sobre essas fantasias, dentre eles: a intensa carga de excitação que investe esses conteúdos inconscientes; o modo como elas povoam os processos fantasmáticos do homem e da mulher; a expressão, mais ou menos significativa, desse conteúdo de memória em função de seu enraizamento em fases mais primitivas da infância; as diferentes configurações que essas fantasias assumem para o menino e para a menina; a qualidade masoquista da fantasia e o modo como coincidem a operação de recalque do Édipo e os processos de apagamento mnêmico desses conteúdos.

Sem nos alongarmos desnecessariamente, daremos agora mais atenção à questão do masoquismo. No texto *“Uma criança é espancada”* (1917-1918/1996), Freud descarta a existência de um masoquismo primário, para considerá-lo como efeito regressivo de seu conteúdo original, qual seja, a atividade sádica voltada contra o próprio eu. Desse modo, o masoquismo seria fruto de uma atividade pulsional sádica anterior, transformada por forças recalcentes em uma posição passiva e masoquista, às quais Freud já associa os sentimentos de culpa e inferioridade que anunciam o trabalho interno de uma instância interdutora no psiquismo. Tratando também sobre o masoquismo, o autor faz mais uma de suas tentativas de qualificação da pulsão, da passividade, dentro de uma lógica de gênero: “Pode-se ter como certo que os instintos com propósito passivo existem, particularmente entre as mulheres” (Freud, 1917-1918/1996a, p. 209), como ocorre em outros tantos momentos de sua obra. Além disso, ele destaca que há uma parcela narcísica constituinte de desprazer essencial nessa posição pulsional.

No que concerne ao papel do masoquismo na fantasia de espancamento, Freud (1917-1918/1996a) é enfático em afirmar que “a fase inconsciente e masoquista é a mais importante” (p. 210). É interessante notar que essa é justamente a formação inconsciente recalçada, apagada dos processos espontâneos de rememoração. Nesse sentido, a natureza

dessas construções fantasmáticas, e sua resposta defensiva correspondente, faz com que Freud conclua que seus derivados inconscientes podem produzir efeitos perturbadores por toda vida.

Dessa forma, o autor isola, no caráter dos indivíduos, os efeitos dos derivados inconscientes da fantasia masoquista, descrevendo o que toma por “uma sensibilidade e uma irritabilidade especial” (Freud, 1917-1918/1996a, p. 210), endereçada contra quem possa representar a figura paterna para o sujeito. O mecanismo envolvido em tais situações parece se ligar à fantasia original de ser agredido pelo pai. Em seguida, Freud (1917-1918/1996a) faz uma afirmação decisiva ao propor que “não me surpreenderia se algum dia fosse possível provar que a mesma fantasia é a base do *delirante espírito litigioso da paranoia*” [itálicos nossos] (p. 210).

Nessa passagem, identificamos facilmente como o próprio Freud faz o conteúdo da fantasia masoquista, a passividade violentada da criança, assujeitada ao pai, aparecer como conteúdo inconsciente central das formações persecutórias, mais comumente encontradas na paranoia, mas também muito presente em outras formas de psicose. Destacamos especialmente que, nessa fantasia, o pai é o outro sedutor da relação.

Contudo, nem sempre é ele quem atua nesse lugar. Em sua conferência sobre a “*Feminilidade*” (1932-1936/1996), Freud faz uma outra referência à feminilidade e à paranoia, mas agora tentando esclarecer a natureza das relações libidinais entre a mãe e a menina. Aí também conferindo maior valor à fase pré-edípica, Freud faz associações evidentes entre a paranoia, a fase pré-edípica e as relações de cuidado do outro com o corpo da criança. Com efeito, é possível perceber claramente que um sentimento persecutório parece se enraizar no “medo de ser assassinada ou envenenada, o qual posteriormente poderá formar o núcleo de uma doença paranoide, presente já nesse período pré-edípico, em relação à mãe” (Freud, 1932-1936/ 1996, p. 120). De forma ainda mais específica, é preciso considerar que “nessa dependência com a mãe encontramos o germe posterior da paranoia” (Freud, 1927-1931/1996, p. 235).

A relação com o pai, ou com o falo, é muitas vezes traçada como ponto essencial de separação desse outro sedutor, por excelência associado à figura materna. Assim, a “origem pré-edípica, deve sofrer um corte com a entrada do pai.” (Kehl, 2008, p. 245). Naturalmente, essa saída também é frágil e povoada pelos aspectos demoníacos da sedução originária. Isto é, nas fantasias de espancamento, o pai atua como figura central e sedutora, assim como nas queixas histéricas sobre a figura paterna abusadora. Mais especificamente, Freud (1917-1918/1996a) o encontra nas fantasias inconscientes que norteiam o processo analítico no caso dos homens dos lobos, onde é o pai o sedutor por excelência.

Entendemos que o terceiro colocado na relação com a figura materna, cedo ou tarde, também é objeto da série psíquica que faz da alteridade o outro sedutor. A presença simbólica de um pai pode mesmo ter seus efeitos recalcantes, mas, na contabilidade dos dispositivos psíquicos empregados contra os demônios do inconsciente, ela acaba sendo mais uma tentativa defensiva parcial de relegar ao inconsciente o corpo apassivado, invadido e fragmentado da cena de sedução.

Como se pode notar, esbarramos em um ponto essencial dos textos freudianos que tratam da questão da feminilidade quando identificamos o momento em que o autor parece ter despertado para a necessidade de investigação da relação pré-edípica entre a criança e o outro. “A fase pré-edípica nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído” (Freud, 1927-1931/1996, p. 234).

É essencial que se note que, ao retomar a importância desses processos, Freud também sublinha a importância dos cuidados corporais ofertados pelo adulto à criança. “As primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por essa última” (Freud, 1927-1931/1996, p. 244). Nota-se, dessa forma, o modo como há uma relevância teórica maior sendo atribuída ao papel da alteridade na formação do inconsciente da criança.

Ainda que não com tanta clareza, é possível considerar nessa investigação teórica do autor sobre natureza das relações pré-edípicas, a condição decisiva sobre a forma como o “papel desempenhado, em seu começo, pela higiene infantil reflete-se na fantasia muito comum que transforma a mãe ou babá em sedutora” (Freud, 1927-1931/1996, p. 240). Aqui é possível ver claramente a importância do corpo apassivado da criança diante da concretude dos processos de *attachment*, nos quais são envolvidos os cuidados dispensados ao bebê e a inscrição epidérmica das mensagens enigmáticas do adulto no psiquismo infantil (Ribeiro, 2006).

Tratando especificamente da passividade psíquica, Freud afirma como essa experiência é própria da vida mental da criança, que recebe de forma passiva as impressões do outro, respondendo defensivamente de forma ativa (Freud, 1927-1931/1996). Dessa forma, ele sublinha uma resposta psíquica da criança que se traduz em uma “revolta inequívoca contra a passividade e uma preferência pelo papel ativo” (Freud, 1927-1931/1996, p. 244). Note-se que esses mecanismos apontam para existência no psiquismo de uma atividade defensiva extenuante, empregada contra qualquer conteúdo que possa estar atrelado a uma esfera de passividade pulsional. Mas é essencial lembrar que prazer e desprazer também estão

associados nesse processo, de tal modo que uma parte da libido liga-se à satisfação na posição de passividade e a outra luta para transformá-la em atividade. É assim que, na criança, o seio que penetra a boca dá lugar à atividade de sugar. Do mesmo modo, a passividade imposta pela posição de recebimento dos cuidados do outro marca a dependência radical do organismo em relação à alteridade, mas de forma que o cuidado tenha sempre a natureza dúbia de vida e de morte (prazer/desprazer) para quem o recebe.⁵ Freud (1927-1931/1996) faz outra consideração fundamental sobre os mecanismos de defesa associados a essas condições quando, novamente tratando da fase pré-ediânica, considera a obscuridade desse período.

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar – que era como se houvesse sucumbido a uma *repressão especialmente inexorável* [itálicos nossos] (Freud, 1927-1931/1996, p. 234).

Nesse sentido, o autor destaca, por via da ênfase no processo de recalque, a natureza traumática desses conteúdos. Além disso, estampa a qualidade inamovível do recalque – e, assim, evidencia sua natureza primária, inaugural, talvez – como preferimos considerar – anterior ao complexo de Édipo.

Desse modo, fica claro que é na relação de cuidado do adulto com a criança que devemos localizar a presença dos conteúdos fantasmáticos articulados nas fantasias de espancamento. Considerando que “em ambos os sexos, a fantasia masoquista de ser espancado pelo pai, ainda que não a fantasia passiva de ser amado por ele, continua a viver no inconsciente depois que ocorreu a repressão” (Freud, 1917-1918/1996a, p. 214). Pode-se concluir que há, para além do complexo de Édipo, ou do amor pelo genitor do sexo oposto, outro objeto sobre o qual opera o recalque e sobre o qual os atributos da cultura relativos à posição do homem e da mulher não podem atuar.

Apesar de não trabalhar com a ideia de um masoquismo primário na análise inicial das fantasias infantis de espancamento, Freud (1917-1918/1996a) considera que elas são, desde o início, passivas e derivam de uma atitude feminina em relação à figura paterna, inclusive no caso da criança do sexo masculino. No texto dedicado ao assunto, a saber: “*O Problema Econômico do Masoquismo*” (1924), o autor insere de forma decisiva a ideia relativa à existência de um masoquismo originário. Freud sustenta, inclusive, que, invariavelmente, os

⁵ É assim que o psicótico sai da esfera de passividade empregando uma defesa ativa que elege a acusação de ser perseguido, agredido, surrado, violentado sexualmente pelo outro como saída razoável, passando a uma tentativa de simbolização ativa, ainda que pela via delirante, daquilo que se liga à esfera corporal e inconsciente de intrusão e passividade libidinal.

homens masoquistas se transferem para posição de mulher e que “o menino deseja tomar o lugar de sua mãe como objeto do amor de seu pai – fato que descrevemos como sendo a atitude feminina”⁶ (Freud, 1923-1925/1996a, p. 279). Trata-se, portanto, de uma associação clara entre a passividade masoquista e a posição feminina.

Essa definição freudiana do masoquismo primário se decompõe em três: o masoquismo erógeno, o masoquismo feminino e o masoquismo moral, sendo que o primeiro aparece confundido com os dois últimos porque se associa ao modo particular através do qual os sujeitos obtêm prazer no sofrimento. O masoquismo moral tem ligação direta com a formação da atuação superegógica na vida psíquica dos indivíduos, bem como com as formas de satisfação do sujeito no desprazer moralizante, altamente sexuado, e no sentimento de culpa (Freud, 1923-1925/1996c). Obviamente, dos três, o masoquismo feminino é o que mais nos interessa.

Com relação a esse tipo de masoquismo, Freud o considera ligado diretamente às fantasias de espancamento. Desse modo, é natural que se chegue à conclusão “que elas colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê” (Freud, 1923-1925/1996c, p. 180). Em função da naturalidade com que o autor associa essas características à feminilidade, não parecia necessário explorar os motivos que levavam o componente masoquista a se articular com a psicogênese da mulher, uma vez que a passividade era desde sempre tomada como uma característica natural de sua composição libidinal. Cabia, no entanto, destacar os componentes superpostos associados à feminilidade e à natureza infantil dessas fantasias.

Freud (1923-1925/1996c) aponta para a presença do conteúdo infantil na fantasia masoquista ao afirmar que “o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, mas particularmente como uma criança travessa” (p. 180). Mas, logo em seguida, confere um valor secundário e óbvio ao componente infantil da fantasia, para então destacar a esfera essencialmente feminina desse conteúdo, isto é, para afirmar a concepção do homem Freud e de sua cultura sobre qual deveria ser a posição de uma mulher na relação

⁶ Entenda-se que o autor nesses momentos está fazendo uma associação que toma a passividade como um atributo essencialmente feminino, tentando localizar, a partir da distribuição de papéis de gênero, uma posição libidinal diferencial entre homem e mulher. Freud incorre nessa posição teoricamente constrangedora por vários momentos. Mas, apesar disso, também é capaz de considerar que as forças libidinais seguem o mesmo curso durante a fase pré-edípica para ambos os sexos, bem como em reconhecer que a “psicanálise lida com uma libido única” (Freud, 1927-1931/1996, p. 248). É certamente por contaminar seu percurso teórico com essa tentativa de normatizar a libido, com uma preocupação de sustentar uma essência sexual entre homem e mulher, que o autor nos força a fazer esse trajeto de diferenciação entre os efeitos de uma concepção que considera a feminilidade de gênero e de outra que trata da feminilidade originária em sua obra.

sexual com um homem. Fica, assim, em evidência sua convicção de que a posição feminina diante da alteridade é equivalente à posição castrada e punida presente no coito com o pai (Kehl, 2008). Daí o destaque dado por Freud ao componente feminino nas fantasias masoquistas. Se levarmos essas afirmações às últimas consequências, seremos forçados a concluir que Freud inclui a punição e o sofrimento como exigências necessárias ao exercício sexual da feminilidade.

Mas o que o autor parece não perceber é que a feminilidade em questão não tem nenhuma relação necessária com o gênero feminino. Isso porque a feminilidade traçada nessa fantasia remete à natureza mortífera e perturbadora, característica da passividade pulsional infantil na sedução originária, logo, presente tanto nos homens quanto nas mulheres. Nesse sentido, a importância dada à compreensão da passividade como atributo feminino impede que o autor considere o que está colocado muito além do gênero. O fato é que Freud não consegue perceber que o masoquista, ao desejar ser a criança pequena e desamparada, reedita a posição da criança entregue aos cuidados do adulto, assujeitada à intrusão violenta da sexualidade enigmática do outro.

Apenas para trilhar de forma rápida a lógica pulsional do masoquismo, destacamos a explicação freudiana que considera o modo como no masoquismo originário, erógeno, ocorre à fusão entre as forças da pulsão sexual (libido) e a pulsão de morte. De forma obscura, Freud separa e, ao mesmo tempo, entrelaça a atuação dessas duas forças na formação do sadismo e do masoquismo. Desse modo, o autor propõe que a pulsão destrutiva é colocada a serviço da pulsão sexual, de forma a ser projetada para fora, por via da atividade sádica. A outra porção restante da pulsão de morte permanece no organismo, ligada à pulsão sexual ou a excitação constante no corpo, dando origem ao masoquismo original. “Esse masoquismo seria a prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre instinto de morte e Eros se efetuou” (Freud, 1923-1925/1996c, p. 182).

Freud deixa evidente a dificuldade teórica de conceber quais os mecanismos estão envolvidos na elevação e no apaziguamento das pulsões no organismo. Como saída ele tenta considerar a existência de uma fisiologia infantil responsável pelas taxas de excitação do organismo. Podemos ver assim a dificuldade teórica na qual Freud acaba se envolvendo por ignorar, nesse momento de seu pensamento, o papel da alteridade nesses processos de implantação e escoamento da sexualidade no organismo por via do outro sedutor. Como já anunciamos, a resposta satisfatória desse impasse pode ser encontrada nos mecanismos da sedução originária. Mas, antes de passarmos a ela e ao conceito de feminilidade originária

traçado por Jacques André, vamos nos dedicar a outro assunto que circunda, na obra freudiana, a concepção de feminilidade que estamos privilegiando nesse trabalho.

2.3.1 O Protesto Masculino de Adler na teoria freudiana

Os desencontros teóricos entre Freud e Adler começaram de forma decisiva em 1911, quando ocorreu o rompimento entre ambos. Em relação aos embates teóricos entre os dois autores, é possível sublinhar na obra freudiana várias passagens na quais o criador da psicanálise se dedica a sustentar uma postura de clara oposição às teorias adlerianas (Bernardes, 2005).

De forma resumida, é possível considerar que a psicologia do indivíduo de Adler tinha como proposta central a concepção de uma personalidade unitária, na qual as forças psíquicas operavam para produção de respostas compensatórias ao sentimento de inferioridade (Bernardes, 2005). Desse modo, a etiologia neurótica na mulher e no homem teria uma relação direta com o sentimento de inferioridade, compensado imaginariamente pelo protesto viril e pela exaltação da personalidade.

Para sustentar essa lógica, Adler se afastava em muito das concepções freudianas sobre o repúdio da feminilidade – termo empregado por Freud e do qual podemos aproximar o conceito de protesto masculino. O principal ponto de discordância é que Adler descartava em sua teoria a centralidade do conteúdo sexual ligado ao repúdio da feminilidade, fazendo dele uma construção psíquica existente como resposta a busca do indivíduo por uma posição viril, associada à dimensão do poder. Portanto, a sexualidade infantil, a libido e o desejo perderiam sua centralidade. Adler dessexualizava a virilidade dos indivíduos uma vez que “não lhe interessava trabalhar o desejo, mas, sim, as distorções da personalidade regidas pela vontade de poder” (Bernardes, 2005, p. 65).

Não nos dedicaremos a uma reflexão mais extensa sobre as muitas diferenças de pensamento entre os dois autores, tais como a redução da neurose a uma defesa de caráter baseada no imaginário de superioridade e a aceitação da ideia de que é possível tornar consciente esses mecanismos defensivos da esfera imaginária do eu – ideias das quais Freud

evidentemente discordava⁷. Contudo, é interessante traçarmos alguns posicionamentos de Freud em relação às proposições de Adler.

O defensor do protesto masculino abordava questões interessantes que se relacionavam com a investigação freudiana sobre as fantasias de espancamento. Segundo Freud (1917-1918/1996a), Adler conferia valor especial à concepção de que o psiquismo se defende de forma persistente contra uma corrente feminina, ou posição de inferioridade em relação ao outro, buscando reforçar uma linha masculina da qual uma satisfação pode ser obtida. Além disso, os sintomas teriam uma natureza feminina, porque derivariam do recalçado feminino.

Freud (1917-1918/1996a) segue considerando que, para Adler, a tentativa de romper com esse componente feminino “seria em todos os casos a força motivadora da repressão” (p. 216). Ainda refletindo sobre a fantasia de espancamento a partir das contribuições de Adler, Freud sublinha que, ante uma atitude feminina, ambos os sexos apressam-se em repudiá-la, recalçando a fantasia. Usando a lógica da teoria de seu oponente, Freud considera que na menina essa operação é mais bem sucedida que no homem, uma vez que o componente de feminilidade aparece mais evidenciado na fantasia de espancamento do menino.

Apreciando todas essas noções, Freud (1917-1918/1996a) interroga a teoria de Adler, considerando que entender a fantasia como um sintoma para o homem seria uma tarefa simples, mas, tomá-la do mesmo modo para a mulher traria uma grande dificuldade, tendo em vista que, na menina, o conteúdo feminino seria egossintônico e, como tal, não poderia alcançar o nível de um sintoma. A mulher não teria motivos para lutar contra sua própria feminilidade.

Ele ainda argumenta que as fantasias masculinas de natureza ativa (sadismo e erotismo endereçados à mãe) também são objeto do recalque. Desse modo, como explicar que as fantasias ativas tornem-se conteúdos sobre os quais o recalque também opera? Para manter sua posição de discordância da contribuição de Adler, Freud afirma que a sexualidade infantil, matéria essencial do complexo de Édipo, permanece como complexo nuclear das neuroses.

Já em 1925⁸, Freud sublinha o desprezo à feminilidade como componente comum e universal a formação psíquica do homem e da mulher e associa esse elemento ao horror da castração. Assim, ele reconhece na teoria adleriana o mérito relativo à ênfase dada às noções sobre a inferioridade orgânica da mulher, sobre a tentativa psíquica de afastamento da linha

⁷ Para aprofundamento sobre a temática ver Bernardes, W. S. (2005). *A concepção freudiana do caráter*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

⁸ Freud, S. (1923-1925/1996a). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

feminina e sobre o protesto masculino. Contudo, Freud aponta para a tentativa de Adler de destituir a sexualidade de sua posição central, dando uma importância equivocada ao desejo de poder e desconsiderando os efeitos do complexo de castração na determinação desses conteúdos.

Novamente, no texto “*Análise Terminável e Interminável*”, Freud (1937-1939/1996) retoma a questão. Contudo, confere um valor maior ao que nomeia de “repúdio da feminilidade” e ao que ele próprio considera agora como “notável característica da vida psíquica dos seres humanos” (Freud, 1937-1939/1996, p. 268). O termo destacado por Freud é empregado para descrever a atitude masculina de repúdio à passividade diante de outro homem, sobretudo em relação à posição defensiva do paciente diante do analista. Ele também o emprega para nomear a atitude feminina correspondente de sustentação do complexo de masculinidade e do desejo pelo pênis, com a conseqüente rejeição da feminilidade castrada. Obviamente, o reconhecimento desse conteúdo trazia novamente à tona as proposições teóricas de Adler. Como resposta ao opositor, Freud é mais enfático em sua afirmativa de que os homens não protestam contra a passividade, “o que poderia ser chamado de aspecto social da feminilidade” (Freud, 1937-1939/1996, p. 270), mas, sim, contra a fantasia de ser castrado por outro homem. Desse modo, ele associa o repúdio à feminilidade à ameaça de castração.

Apesar disso, é necessário enfatizar que, para Freud, o impasse criado pelo repúdio à feminilidade na direção de tratamento analítico não é tão facilmente compreensível. Tanto é assim que ele o relaciona – como em muitos momentos de maior dificuldade teórica, em que faltam elementos para alcançar uma explicação satisfatória dos mecanismos da sexualidade – aos artifícios obscuros da biologia: “o repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo” (Freud, 1937-1939/1996, p. 270).

Talvez a grande contribuição de Adler tenha sido a de sublinhar a existência desse conteúdo psíquico. Além disso, temos de concordar com sua proposição sobre a importância da mobilização de forças psíquicas defensivas contra esses elementos de feminilidade. Mas, por outro lado, temos de concordar também com Freud em relação à superficialidade das explicações teóricas de Adler sobre a temática.

Contudo, é essencial considerar que ambos os autores se equivocam ao tentarem operar com as lógicas de gênero para explicação da distribuição da economia libidinal ativo/passivo entre os sexos. Ainda que a posição freudiana seja a de alegar que esses aspectos são considerados apenas em relação ao propósito da libido e não em relação à

transformação da pulsão⁹ é, no final das contas, uma sexuação da libido que o autor acaba por produzir. Já dissemos como essa tentativa é incoerente. Retomando a afirmativa do próprio Freud, é preciso lembrar que a libido é única – e, portanto, é sexual e não sexuada – e que “fazer coincidir ‘ativo’ com masculino e ‘passivo’ com ‘feminino’ é algo que “não serve a nenhum propósito útil e nada acrescenta aos nossos conhecimentos” (Freud, 1932-1936/1996, p. 116). Sob esse aspecto, é fundamental perceber que Adler e Freud estão trabalhando com a lógica de inferiorização do sexo, com a associação cultural entre feminilidade, gênero e passividade. Dessa maneira, privilegiam a dimensão de gênero que trata do homem ativo dominador e da mulher passiva dominada, o que acaba reduzindo o valor teórico das proposições de ambos os autores.

Além disso, é essencial que se perceba que a defesa contra esse elemento feminino – ou, segundo o nosso modo de pensar, contra a passividade violentada e invadida do corpo diante da intrusão sexual da alteridade – não se refere a uma posição de protesto masculino. Não é algo próprio da masculinidade ou da feminilidade. A reação defensiva, tratada pelos autores como repúdio a feminilidade ou como protesto masculino, é um mecanismo defensivo elementar, universal, associado a conteúdos completamente banidos da consciência e destinados aos porões mais primitivos do inconsciente. Nem mesmo a concepção freudiana sobre a ameaça de castração é, a nosso ver, capaz de esclarecer a lógica envolvida nesses processos. Principalmente, por serem eles anteriores ao aparecimento do complexo de Édipo e da própria ameaça de castração.

Ainda que haja uma insistência de Freud em localizar a atuação do recalque sobre o complexo nuclear das neuroses, muitos elementos podem ser considerados em sua própria obra para dizer o contrário. O percurso teórico que fizemos anteriormente tem a finalidade de apontar esses aspectos na teoria freudiana.

Sem dúvida, é possível entrever nesses textos de Freud uma associação evidente entre o papel da alteridade, a cena de cuidado, a passividade diante do outro e os conteúdos femininos. Desse modo, o autor faz o traçado que fundamenta a relação da sedução originária e os conteúdos da feminilidade. Mas as contribuições de Jacques André e Laplanche nos darão ainda mais clareza sobre esses processos.

O enigma levantado em relação à questão da feminilidade estampa de forma evidente a operação de recalque do conteúdo na construção teórica da própria psicanálise. De forma mais clara, a feminilidade na psicanálise, tomada em seu modo mais restrito, engessada pelos

⁹ Ver nota de rodapé nº 1, p. 38 de Freud, S. (1917-1918/1996b). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.

moldes arrasadores da cultura, é repudiada ao preço da construção de uma alteridade absoluta, inferiorizada em relação ao falo. Desse modo, a produção de um enigma é a tentativa defensiva de se criar uma diferença radical que só pode existir no campo das fantasias e por intermédio dos elementos enrijecedores da cultura.

É justamente por ser semelhante, povoada pelos mesmos demônios, que a mulher se torna o outro enigmático, o sujeito que deve ser condenado a portar, sozinho, os demônios inconscientes que assombram a experiência humana. Desse modo, é fundamental que se avalie que, para se compreender o enigma da feminilidade, é preciso considerar que “a única diferença fundamental entre um homem e uma mulher é que esta também é mulher” (Kehl, 2008, p. 264).

Aliás, era inevitável que a feminilidade freudiana fosse condenada a portar a parte maldita da castração, já que ela carrega socialmente o atributo de passividade associada ao gênero, além da marca anatômica da falta, tão valorizada por Freud. Uma passividade criada historicamente por dispositivos de dominação masculina¹⁰ e fantasmaticamente associada à passividade da sedução originária (sexual, mortífera e fragmentadora). Parece que, nesse sentido, ambas se coadunaram para produzir uma alteridade radicalmente diferente e demonizada. Enfim, para que a herdeira absoluta desse legado arrasador é a mulher, aprisionada à fórmula psicanalítica do corpo maldito, ferido e castrado e qualificada com elementos do imaginário cultural que a inferiorizam e a aproximam de forma decisiva da feminilidade originária.

¹⁰ Para mais informações ver Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

3 A FEMINILIDADE DO INCONSCIENTE

Demoníaca

Sou um bandido
 Que vive escondido
 Dentro do seu melhor amigo
 Você corre perigo
 Você morre de medo
 Você morre mais cedo
 Espelho meu, existe alguém pior que eu?
 Espelho, espelho meu, existe alguém mais terrível do que eu?
 Tudo o que você disser eu usarei
 contra você, a meu favor
 uso espanto e horror
 Você morre de medo
 Você morre mais cedo
 Espelho meu, existe alguém pior que eu?
 Espelho, espelho meu, existe alguém mais terrível do que eu?
 Quando você dormir
 Vou entrar no seu sono
 Vou levar sua alma
 Vou roubar sua calma
 Espelho meu, existe alguém pior que eu?
 Espelho, espelho meu, existe alguém mais terrível do que eu?
 Espelho meu.

Maria Bethânia com autoria de Sueli Costa e Vitor Martins

Passemos agora a uma investigação mais cuidadosa da obra de Jacques André. Esse percurso é fundamental para que possamos definir mais precisamente os elementos da feminilidade que se envolvem no funcionamento dos processos psicóticos e na psicogênese que irá fundamentar o desenvolvimento da feminilidade enquanto posição sexuada, posteriormente cristalizada pelos componentes do gênero. Aliás, veremos como Jacques André traça um percurso consistente sobre o desenvolvimento dessas feminilidades, deixando evidente como a feminilidade e a masculinidade, em uma dimensão psicosssexual, se enraízam nos processos constitutivos da feminilidade originária.

3.1 Alguns elementos sobre a feminilidade no caso Dora

Logo no prólogo de sua obra, “*As origens femininas da sexualidade*” (1996), Jacques André defende a centralidade da feminilidade na constituição psíquica dos sujeitos, afirmando que “o elemento feminino é o ‘recalcado por excelência’” (André, 1996, p. 11). Para além dessa definição teórica essencial, ele aponta para outro importante desdobramento ligado à sua concepção sobre o feminino ao considerar que “a feminilidade é a própria qualidade da alteridade” (André, 1996, p. 11) inscrita no ser do homem.

Inaugurando seu percurso investigativo, Jacques André faz importantes considerações sobre o caso Dora. Dentro do material clínico sublinhado no caso conduzido por Freud, os seguintes aspectos são destacados pelo autor: a posição sedutora dos três homens de Dora (o pai, o sr. K e o próprio Freud); as evidências no relato do caso que apontam para presença precoce das sensações genitais da paciente e, conseqüentemente, para sexualidade genital infantil da menina; a homossexualidade de Dora, sempre associada com a figura de um homem e, finalmente, o insucesso da análise da paciente de Freud.

Mais precisamente, Jacques André confere grande valor à posição de sedução das três figuras masculinas envolvidas na análise de Dora. A atividade sedutora do outro é privilegiada na leitura do caso como elemento invasor que provoca a excitação sexual além da capacidade psíquica de elaboração e escoamento da paciente, sendo capaz de despertar suas sensações genitais. Como analista de Dora, Freud entra nessa série psíquica de sedução ao tomá-la em análise a pedido de seu pai. Tanto é assim que Freud acaba por ficar na posição de sedutor infantil, pactuando com o grupo de homens que trocam suas mulheres – Dora em troca da Sra. K. Na transação, a jovem senhora ocupa o lugar de objeto do desejo do outro, assujeitada ao desejo do pai e ao desejo do Sr. K.

É preciso destacar que o que Jacques André propõe é diferente do que Lacan considera, isto é, Dora sofre não por não “se aceitar como objeto do desejo de um homem” (Lacan, 1966/1998c, p. 221), mas por estar sentenciada à posição de objeto invadido pela ação sedutora da sexualidade desses homens e, é claro, por desejá-la. Lembremos que, para Lacan, é a recusa da paciente em aceitar-se como objeto do desejo de um homem, a fonte etiológica do sintoma histérico. Essa concepção toma a recusa de Dora como resposta defensiva à possibilidade de tornar-se mulher para um homem, quando, na verdade, essa construção

defensiva deve-se a uma tentativa de elaboração de uma posição invadida, assustadoramente voltada para a satisfação erótica em uma teia amorosa endereçada ao pai sedutor. Trata-se então exatamente da tentativa de Dora de libertar seu desejo de mulher, diferenciando-se como sujeito desejante, da satisfação alcançada em um amor incestuoso. Isso em uma empreitada solitária, já que o próprio analista reedita, no cenário de tratamento, a figura do pai sedutor.

Naturalmente, para Jacques André, o fracasso da análise de Dora deve-se, de algum modo, à forma como Freud encarna a posição desse outro sedutor. Dois fatores concorrem de forma mais importante para esse desfecho. De um lado, a forma como a demanda de tratamento é formalizada pelo desejo do pai e não articulada pelo próprio desejo de Dora. De outro lado, o modo como o próprio Freud assume, logo nos primeiros momentos do tratamento, uma conduta que se associa de forma assustadora com uma espécie de penetração interpretativa e também por isso sedutora. Isso ocorre não só pela forma diretiva como Freud assume sua posição interpretativa, mas também como faz aparecer em sua posição médica, por via de uma investigação supostamente psicanalítica, uma exploração ginecológica sedutora: “fui em direção a ela assegurando-lhe que, a meu ver, a leucorreia das mocinhas apontava primordialmente para a masturbação” (Freud, 1901-1905/1996, p. 77).

Assim, a definição do traçado de Jacques André na interpretação do caso Dora sublinha elementos que privilegiam o papel sedutor do pai e a forma como a erogeneidade vaginal aparece endereçada aos artifícios da sedução paterna. Além disso, é possível ver claramente como o modo de satisfação do desejo no amor edípico é fonte do sofrimento histérico da paciente. Em um movimento dúbio, Dora busca se desvencilhar da sedução do pai, mas, inevitavelmente, repete, por uma escolha anaclítica de objeto, o amor presente na relação de sedução com o pai. É preciso considerar também que, mesmo na versão homossexual do amor de Dora, existe a interferência do amor pelo pai: “O amor pela Sra. K transita pela identificação com o pai [...] Ser o pai na impossibilidade de tê-lo” (André, 1996, p. 19).

Considerando os desdobramentos do caso Dora, é possível perceber como o sofrimento sintomático na versão neurótica aparece inserido na tríade simbólica fundamental, enraizando-se, dessa forma, a teia edípica, na qual as figuras de cuidado operam simultaneamente do lugar de proteção e trauma. A posição paterna adquire, de fato, um lugar central nessa tríade e, ainda que por uma via sintomática, já confere à relação de sedução um grau de elaboração do trauma associado com a sedução adulta. Essa contrapartida, a oferta de elementos narcisantes presentes na formação do amor edípico, talvez esteja completamente

apagada nas relações primitivas presentes no cenário de sedução dos primeiros tempos da constituição psíquica dos sujeitos. Essa noção ficará mais clara quando entendermos as bases psíquicas que compõem a gênese da feminilidade originária. Mas, até que cheguemos a isso, é preciso que consideremos o modo como a vagina é sexualmente despertada pela sedução adulta.

3.2 A gênese da erogeneidade vaginal

Tratando da querela da sexualidade feminina no círculo psicanalítico, Jacques André (1996) destaca as cartas trocadas entre Freud e Karl Abraham. No âmago do debate teórico-clínico dos autores estava a hipótese de Abraham sobre a existência da erogeneidade precoce da vagina e seu posterior recalçamento até a puberdade. Abraham tentava defender que a mudança de direção da erogeneidade feminina do clitóris para a vagina na puberdade seria uma reedição de uma fase anterior, mais primitiva, na qual as contrações vaginais espontâneas já estariam presentes na menina e, notadamente, endereçadas ao pai. Obviamente, essa noção contrariava a posição freudiana sobre o desconhecimento da vagina pela menina até a puberdade.

Essas considerações de Abraham colocariam outro caminho para a psicogênese da sexualidade feminina, isto é, a fase fálica, ou clitoridiana, seria uma fase de dominância intermediária, posterior ao despertar primitivo da vagina. Esta, por sua vez, seria retomada no aparecimento da sexualidade da menina na puberdade, sendo assim, uma repetição de processos psicosexuais infantis.

Apesar da consistência dos apontamentos teóricos de Abraham, Freud acolhe, mas não aceita completamente, as ideias do autor. É inegável, portanto, que as considerações de Abraham colocam dificuldades evidentes para as concepções freudianas sobre a gênese da erogeneidade vaginal, sobretudo, relativas à inexistência de uma excitabilidade vaginal anterior ao surgimento da puberdade.

Como forma de clarear ainda mais o despertar das sensações vaginais da menina, Abraham toma como referência o apontamento freudiano sobre a importância das manifestações anais. Desse modo, o autor propõe que as contrações do esfíncter anal estariam estreitamente associadas às contrações vaginais. O reconhecimento desses processos anatômicos é essencial para fundamentação da fantasia cloacal (resposta da criança ao enigma

do coito e do nascimento), indicando os caminhos da inscrição dessa representação infantil nas formas de excitação precoce do corpo. Em síntese, Abraham concebe “*a cloaca como zona erógena, e não apenas como resposta teórica infantil*” [itálicos do autor] (André, 1996, p. 33). Uma mucosa compõe a parede de separação da cavidade retal/vaginal, sendo ela continuamente excitada pelo trânsito fecal e pelas contrações anais. Dessas sensações derivariam o despertar libidinal da vagina, sendo ela a herdeira genital dos processos anais.

Contudo, é essencial considerar que as sensações precoces da vagina não determinam a psicogênese da sexualidade da menina. Admitir isso seria o mesmo que propor uma nova versão biologizante para etiologia da sexualidade feminina. Mas não desprezar essa realidade anatômica e fisiológica permite que não se desconsidere, do mesmo modo que Freud, a existência precoce das sensações vaginais na criança.

Mesmo assim, é preciso lembrar que o corpo excitado não se faz existir por si mesmo e sem o outro, isto é, sem a intrusão sedutora do adulto. Para garantir o posto de zona erógena, o orifício anal/vaginal deve ser tomado como objeto da fantasia de penetração. A passagem da excitação cloacal por derivações fantasísticas dessa natureza determina a disposição da satisfação libidinal do sujeito a partir dessas representações. Obviamente, homem e mulher podem estar aí alocados em uma paridade libidinal associada aos modos de satisfação do desejo na medida em que a vagina ou o ânus podem ser tomados como zonas erógenas destinadas ao recebimento da penetração sedutora do pai.

De forma paradoxal, é possível encontrar na obra freudiana os elementos que apontam para a existência da representação fantasística da vagina, apesar de ser necessário reconhecer que esses elementos são sumariamente ignorados por Freud em sua teoria sobre a feminilidade. As inúmeras representações oníricas presentes na obra freudiana são provas importantes da representação vaginal no campo inconsciente: “Cofrinhos, caixas, e outros armários representam os segredos de um interior” (André, 1996, p. 37). A contradição teórica de Freud, nesse aspecto, é notória, já que, localizando a representação da vagina nos conteúdos oníricos, ele está necessariamente admitindo, a partir da lógica de que os elementos inconscientes representados no sonho se enraízam na sexualidade infantil, que há uma representação da genitalidade vaginal na infância (André, 1996).

Ao afirmar o “nascimento” tardio da vagina na puberdade, ao contrário do reconhecimento precoce do órgão masculino, Freud impõe a primazia fálica, desconsiderando a primazia genital, a primazia da diferença. Parece um enorme contrassenso que a noção da diferença sexual tão arduamente defendida na teoria freudiana, e por teóricos como Lacan, tenha sido sumariamente anulada pela normatividade fálica.

Para além da feminilidade castrada proposta por Freud, é possível afirmar que a grande contribuição freudiana em relação à concepção da feminilidade privilegiada por Jacques André está na análise dedicada à fantasia “*Uma criança é espancada*” (1917-1918/1996), uma vez que essa “é uma fantasia propriamente feminina, seja qual for o sexo anatômico do sujeito” (André, 1996, p. 40). Para Jacques André, as contribuições teóricas presentes nesse texto apontam para “uma teorização contraditória, que jamais conseguiria se impor” (André, 1996, p. 40) na obra psicanalítica.

De forma geral, a fantasia de espancamento guarda muitos elementos inconscientes que vão se confundido na tentativa de elucidação dos mecanismos nela envolvidos. Retomaremos alguns desses elementos para destacar o modo como Jacques André sublinha a presença do pai sedutor como componente essencial do conteúdo investigado por Freud. Isso porque “*O pai desejeante e sedutor impõe a hipótese de um conhecimento precoce da vagina – mesmo que confuso e pressentido.*” [itálicos do autor] (André, 1996, p. 44).

O pai da fantasia de fustigação é o outro sedutor presente no cerne da neurose, tanto para a menina, quanto para o menino. Seguindo um raciocínio teleológico indicado por Jacques André, é possível considerar que, em resposta à posição sedutora do pai, há, na menina, uma espécie de pressentimento libidinal provocado pela excitação precoce da genitália e pela função intuitiva relativa ao objetivo final (a maternidade). Essas sensações precoces fariam com que a menina se voltasse naturalmente para o pai.¹¹ Desse modo, a maternidade não seria um meio de recuperação do falo perdido, por via do filho-falo, mas, na verdade, seria, desde a infância, um meio de obtenção do amor paterno e, posteriormente, do amor de outro homem, como um artifício de sedução, dentro de um registro voltado para satisfação do desejo sexual da mulher.

Considerando essa lógica, seria a presença inconsciente do pai sedutor que indicaria a fonte das representações da vagina para a própria criança. Isto é, como adulto que atua na fantasia de penetração, o pai sedutor daria à menina as pistas fantasmáticas sobre o orifício vaginal, sobre o receptáculo do pênis. É necessário, então, considerar a existência de todo um

¹¹ Poderíamos nos perguntar se na ausência do pai a sexualidade feminina inexistiria, isto é, se, nesse caso, o convite à heterossexualidade não seria possível. Obviamente, para a psicanálise, a presença/ausência paterna não é garantia de nada. Caberia também enfatizar que o pai sedutor não está representado apenas pela figura paterna da realidade, mas por via de todas as fantasias de penetração do pênis que povoam o imaginário adulto, inclusive o inconsciente da mãe e de outras figuras envolvidas no cuidado da criança. Essas fantasias envolveriam o corpo da menina – e por que não do menino? –, de modo a fazê-lo voltar-se para o coito, para a penetração e para o prazer sexual. Mas isso não definiria de maneira alguma os caminhos eleitos pela sexualidade da criança para obtenção do prazer sexual junto ao objeto amoroso (ser penetrada por um homem ou por uma mulher?). No inconsciente originário habitam todas as representações da sexualidade, inclusive as relativas ao coito homo e heterossexual.

arranjo inconsciente que permaneceria obscuro para a menina – e para o menino – e que a impulsionaria de forma decisiva para a figura paterna.

É, sobretudo, na segunda fase da fantasia de espancamento que a força sedutora do pai aparece. Ele é claramente o espancador da criança autora da fantasia, ele castiga a menina. Os elementos masoquistas também aparecem claramente na fantasia, bem como o elevado grau de prazer que liga a representação do espancamento à relação sexual genital com o pai. Tanto que os elementos de culpa transbordam e fazem com que o recalçamento apareça de modo evidente pela via do apagamento das lembranças do analisando. O pai bate no traseiro da criança, o pai faz fantasisticamente à penetração anal. Dada a relação estabelecida entre as representações inconsciente, sem dificuldades, haveria um deslizamento da fantasia na menina até a representação da penetração vaginal, em função da associação pulsional já estabelecida entre o ânus e a vagina.

A consideração da existência de uma feminilidade precoce, esboçada na fantasia de espancamento e no desejo da criança de receber o pênis paterno (ou a palmada) e a formulação de um estágio cloacal, são aspectos que inauguram outra visão sobre feminilidade na teoria psicanalítica. Entretanto, como já é sabido, esse não é o caminho teórico privilegiado na psicanálise freudiana.

Jacques André (1996) destaca como a lógica da castração faz Freud estabelecer que, para a menina, a ameaça concretizada de perda do pênis não é suficiente para a composição de uma força moralizante e ameaçadora capaz de fazê-la abandonar o desejo pelo pai. Pelo menos, não do mesmo modo que o menino consegue, em resposta ao temor de castração, abandonar completamente o amor pela mãe. Daí a conclusão da debilidade superegoica da mulher e da sua incapacidade de superação do complexo de Édipo.

Com a feminilidade associada à fantasia de espancamento, temos outros elementos para refletir sobre o modo como o recalque atua nesses processos inconscientes. O pai sedutor, que funda as sensações vaginais na menina pela via da representação inconsciente de penetração, provoca o transbordamento pulsional capaz de fazer aparecer a culpa pela satisfação do desejo incestuoso e a concorrência com a figura materna. Elementos que, para Freud (1917-1918/1996a), evocam um movimento de recalçamento na menina de forma mais poderosa que no menino. “O próprio eu (*self*) do menino era mantido como a pessoa que estava sendo espancada, diferia da segunda fase das meninas porque conseguia tornar-se consciente” (p. 211). Assim, a evidência do apagamento mnêmico do conteúdo da fantasia na menina, parece fazer com que a lógica defensiva e moralizante do inconsciente se inverta, ficando do lado da mulher a ação interdutora mais atuante.

É preciso entender também que as mudanças na representação das fantasias em cada fase estão associadas a uma tentativa de elaboração dessa posição feminina ligada ao pai. Assim, o complexo de masculinidade aparece como resposta defensiva da menina quando na fantasia, em uma nova configuração da representação, o menino é colocado na posição de quem deve ser fustigado. Dessa transformação fantasmática, Jacques André (1996), apoiando-se nas teorizações de Ernest Jones, conclui que o falicismo exibido é fonte do movimento de recalçamento do próprio sexo, funcionando como uma forte reação psíquica contra o temor de ser invadida (submetida ao coito) pela figura paterna. Parece, ainda, que essa mudança na representação da fantasia aponta para a passagem da fase de erotização vaginal-anal para a fase de erotização clitoridiano-fálico, indicando um movimento de recalçamento da fantasia de destruição/espancamento, associada à penetração sexual do adulto sedutor. É preciso considerar, porém, que essa tentativa de elaboração fálica tem efeitos bastante limitados, tendo em vista que a posição da criança (do menino) na fantasia permanece sendo a de absoluta passividade em relação à intrusão sedutora do adulto.

Contudo, a inserção do falo nesses processos também não se faz somente por via dos ganhos nos processos de simbolização inconsciente. Tanto na perspectiva psicosssexual quanto na perspectiva de desenvolvimento teórico da psicanálise, o falo cumpre uma função dominadora, de anulação, também ligada aos processos inconscientes. É assim que, no âmbito da produção teórica da psicanálise, a “feminilidade, noutro estilo, que não o falocêntrico, foi objeto de um apagamento a partir de 1923” (André, 1996, p. 50).

Esse recalque de natureza teórica da feminilidade não fálica também ocorreu em relação à fantasia de espancamento (André, 1996). Com a teorização apresentada no texto “*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*” (1923-1925/1996), Freud retira da primeira leitura sobre a fantasia a essência de uma feminilidade fantasiada a despeito da realidade anatômica do sexo do autor da fantasia. Nessa concepção, Freud enfatiza o caráter fálico da função masturbatória clitoridiana na menina, logo na primeira fase da fantasia, apagando a importância da segunda fase, na qual a atividade masturbatória tem valor secundário. Essas colocações não estão presentes em sua primeira leitura das fantasias de fustigação no texto “*Uma Criança é Espancada*” (1917-1918/1996).

Novamente, é preciso destacar que a segunda fase da fantasia, na qual a própria criança que fantasia é espancada pelo pai, é marcada pelas representações inconscientes genital-anal-masoquista, ligadas à fantasia de penetração sedutora do pai. Nessa representação da fantasia, a descarga onanista é uma consequência gerada pela excitação provocada pela fantasia.

Como já observamos, mesmo quando tratando da feminilidade “normal”, Freud toma à referência fálica como parâmetro, atribuindo à mãe um desejo fetichista que só se satisfaz com a posse do filho-falo. Esse raciocínio impõe uma lógica: na vivência materna, a criança leva a “mulher-mãe [a] ignorar que falo, ela não o tem.” (André, 1996, p. 56), fazendo da maternidade uma experiência ligada à satisfação perversa.

Todas essas perdas teóricas nos autorizam a considerar que o falo é o grande vilão da lógica binária que supõe sustentar, ou seja, a lógica da diferença anatômica. O falicismo oculta e anula a diferença sexual relativa à possibilidade de existência de uma feminilidade que não seja a feminilidade castrada/fálica.

Se retomarmos as bases sócio-históricas que se escondem por trás do paradigma teórico da psicanálise, lembraremos que a teoria da diferença sexual, ainda que tentando fundamentar a diversidade do sexo, acaba por se colocar a serviço da lógica de valorização e dominação do sexo único, prevalente desde a antiguidade (Birman, 2001). Assim sendo, o discurso da diferença anatômica associada à primazia fálica tem efeitos mortíferos, tanto em níveis sociais, quando ligado aos artifícios de dominação masculina, quanto em níveis psíquicos, quando associado à plenitude imaginária do falo e suas consequências sintomáticas (angústias de castração, neuroses narcísicas).

A forma como Freud parece ter fechado a questão da feminilidade, conferindo a qualidade de um encerramento ao modo como teoriza essa temática, principalmente ao sentenciar os três caminhos possíveis para a subjetivação da mulher – inibição sexual; complexo de masculinidade; maternidade –, parece ter sido um impeditivo para o desenvolvimento da investigação analítica para além das questões por ele levantadas (André, 1996). Essa convicção teórica que incide sobre a afirmação do primado do falo, assemelha-se a uma formação fantasmática que sustenta o falicismo do próprio autor, isto é, “A intolerância mesclada de arrogância, da qual muitas vezes se reveste essa mesma tese entre os lacanianos, é um sintoma a ser posto na conta ‘ereta’ dessa mesma fantasia; e de sua parcela não analisada” (André, 1996, p. 55).

Talvez outro problema dessa postura de defesa ardorosa da centralidade do falo no âmbito teórico esteja no fato de que a teoria sexual infantil universalizada pela psicanálise tenha sido de autoria de uma criança mergulhada na fase fálica, quando se considera o peso das contribuições da análise do caso Hans para essa definição. Isso não quer dizer que existam dúvidas sobre a verdade e a universalidade da fantasia fálica. Entretanto, sua centralidade na experiência humana deve ser tomada com mais cautela, principalmente se considerarmos a

importância de outras fantasias infantis não menos centrais nos processos de formação inconsciente, tais como a fantasia cloacal e as fantasias de espancamento.

Além disso, é importante lembrar que, para Freud, as teorias sexuais infantis parecem estar a serviço da apresentação sintomática, da formação de compromisso, da realização do desejo e da manifestação das representações pulsionais inconscientes (André, 1996). Desse modo, teríamos de considerar necessariamente que as teorias sexuais infantis são derivadas do inconsciente e, assim sendo, “são filhas da elaboração secundária e do recalçamento” (André, 1996, p. 55). A fantasia fálica elaborada pela criança, então, seria uma tentativa de simbolização, derivada das exigências pulsionais epistemofílicas, gerada pela necessidade de dar sentido a um enigma colocado pelo corpo e pelas representações inaceitáveis do inconsciente, não sendo ela uma representante legítima e genuína do que pode haver de mais desorganizador nos processos inconscientes.

Contudo, é necessário dizer que para Jacques André essas dificuldades não anulam a validade da teoria freudiana, que tem o mérito de destacar o papel fundamental do complexo de castração. Mas é preciso reconhecer que Freud instaura uma masculinidade originária a partir da leitura da diferença anatômica. O que não quer dizer que o complexo de masculinidade não sirva para nada do ponto de vista teórico. Mas, sem dúvida, o que o torna problemático é o fato de que ele cumpre uma função absolutamente ignorada por Freud¹², bem como por outros autores centrais na psicanálise.

3.2.1 A sexuação feminina e o primado fálico em Lacan

Lacan é fiel ao primado fálico em seu retorno a Freud. Desse modo, ele também promove um apagamento da importância da erogeneidade vaginal precoce em sua teoria. Para Jacques André, o aforismo lacaniano “A mulher não existe” é, na verdade, uma saída teórica inconsistente, um modo elegante e filosófico de se apagar aquilo que não se resolve: “aquilo cuja teoria não posso produzir não existe.” (André, 1996, p. 57).

Tratando mais especificamente sobre a posição simbólica do pai estrutural de Lacan em relação à sexualidade feminina, Jacques André (1996) enfatiza a importância teórica dada

¹² É preciso lembrar que Freud concentra no complexo de castração e no recalçamento das representações edípicas da criança os efeitos mais desorganizadores do inconsciente na vida psíquica dos sujeitos quando, na verdade, esses efeitos cumprem uma primeira função de elaboração de conteúdos mais originários e devastadores.

por Lacan ao ternário simbólico, isto é, a forma como a relação mãe-bebê é atravessada de modo inevitável por um terceiro referenciado no desejo materno. O falo desejado pela mãe é o elemento estruturante da significação do desejo. Desse modo, a função paterna é herdeira de um universo simbólico que antecede a própria relação mãe-bebê. Dentro dessa lógica lacaniana, o complexo de Édipo se insere na tríade fundamental menos como uma fase do que como um tempo da história inaugurado com o nascimento da humanidade.

Em relação ao Édipo, é preciso considerar que, para Lacan, a função do pai na lógica estruturante do Édipo da menina não reúne tudo o que de pulsional se manifesta para mulher (André, 1996). A matéria pulsional não metaforizada pela significação fálica é portadora de um sentido para sempre perdido sobre o desejo e sobre a sexualidade feminina. O enigma da sexualidade feminina é localizado como resto não simbolizável pelo Nome do Pai. Entenda-se nas entrelinhas dessa teorização que a sexualidade feminina está, desse modo, colocada em uma relação de equivalência ao desejo materno, isto é, em uma posição na qual a mulher só existe enquanto sujeito marcado pela função maternante. Para Jacques André, cabe interrogar se o inassimilável do desejo materno não seria algo próprio da sexualidade inconsciente, não analisável em sua completude, e, também por isso, um elemento irreduzível e não equivalente à sexualidade feminina. Cabe ainda ressaltar que, para Lacan, a vagina seria uma parte do corpo marcada pelo real e, como tal, um resto não simbolizável na cadeia significante. (André, 1996). Lógica de apagamento da vagina, similar a que norteia o pensamento freudiano.

Obviamente, ao considerar a representação única de um sexo na cadeia significante, Lacan retoma a primazia fálica. Como elemento central na teoria lacaniana, o falo “preside a organização das formas sociais, estrutura, além disso, nossa relação com o poder, e submete a si o curso de muitas vidas, de homens ou de mulheres” (André, 1996, p. 60). O primado fálico tem sua qualidade inconsciente representada fundamentalmente em sua forma estrutural de organização dos processos primários, mas não podemos desconsiderar que mesmo essa qualidade organizadora tem efeitos desestruturantes para o psiquismo.

Em seu “*Seminário 20: Mais, ainda*” (1975/1985), Lacan teoriza sobre as fórmulas proposicionais da sexuação. De forma geral, o autor considera que essas fórmulas definem para o sujeito os modos de relação com a função fálica. Partindo do mito totêmico, Lacan (1975/1985) separa as fórmulas da sexuação em dois lados, feminino e masculino, estabelecendo que “Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro” (p. 107). Dessa forma, ele tenta relativizar a normatividade das fórmulas da sexuação sendo em alguns momentos muito claro ao afirmar que “Há homens que lá [do lado não todo] estão

tanto quanto as mulheres [...] e que, ao mesmo tempo, se sentem lá muito bem” (Lacan, 1975/1985, p. 102).

Em relação ao lado masculino, Lacan coloca a universalidade da função fálica a partir da exceção de um, baseando-se na noção de que ao menos um não está submetido à castração. Desse modo, a exceção garante a existência da regra¹³ – “não há dentro sem haver fora” (Millot, 1992, p. 34). Essa noção é extraída do mito Totem e Tabu, no qual o pai gozador e tirano tem acesso a todas as mulheres, impondo a privação aos seus filhos. Ele é o pai primitivo freudiano, o “ao menos um” capaz de se haver com o gozo feminino, universalizando-se pela exceção, no ponto que escapa à regra fálica para limitação do gozo (Castro, 2000). O pai do mito totêmico interdita o gozo de seus filhos justamente por gozar de todas as mulheres. Nos termos de Lacan (1975/1985), “para o homem, a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance que ele goze do corpo de uma mulher” (p. 97). Como suporte da lei, esse pai primitivo estabelece “que todos os homens estão relacionados à função fálica” (Millot, 1992, p. 34).

Do lado da mulher, esse Um fálico não se estabelece de forma universal, não há uma versão mítica para a mulher. Para elas, a ameaça de castração não é limitante. Desse modo, as mulheres “não estão todas submetidas à função fálica. As mulheres ao mesmo tempo têm e não têm relação com o falo e com a castração” (Millot, 1992, p. 35). Por não se inscreverem de forma universal na regra fálica, a mulher tem acesso ao gozo ilimitado, ao gozo suplementar: “é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar” (Lacan, 1975/1985, p. 99) e ainda: “Eu creio no gozo da mulher, no que ele é a mais” (p. 103).

De forma diferente do gozo fálico, o gozo feminino se estabelece a partir de uma relação íntima com Outro gozo (Millot, 1992) – “é aquilo que tem relação com esse Outro” (Lacan, 1975/1985, p. 109). Ao aproximar o gozo da mulher ao gozo do Outro, Lacan faz uma relação íntima entre o gozo feminino e o gozo do inconsciente, ainda que ancorando o primeiro na função fálica. Desse modo, ele o aproxima do gozo da psicose, ilimitado e sem-razão: “A ausência de limite à função fálica, [...] esta ausência assemelha a posição feminina à do psicótico” (Millot, 1992, p. 36)

As definições estabelecidas por Lacan entre os modos de gozo do homem e da mulher são decisivas para a formulação de uma outra noção importante, a saber, a de que a relação sexual não existe. Nesse sentido, o encontro sexual na esfera inconsciente é da ordem do

¹³ Para formular essas proposições, Lacan se apoia na filosofia aristotélica e na teoria aritmética de Frege.

impossível: “o que chamamos de gozo sexual é marcado, dominado, pela impossibilidade de estabelecer, como tal, em parte alguma do enunciável, esse único Um que nos interessa, o Um da relação sexual.” (Lacan, 1975/1985, p. 15). O que Lacan está tratando por Um é o que, para ele, impede a relação sexual. O Um é equivalente a “tudo [que] gira ao redor do gozo fálico” (Lacan, 1975/1985, p. 15).

É interessante constatar que parece que Lacan está nesse momento esboçando a noção que defendemos em relação aos efeitos da predominância da lógica do sexo único nos processos de subjetivação do homem e da mulher, mas essa intenção não se sustenta no desenvolvimento teórico do autor. Contudo, Lacan esboça essa noção em relação àquilo que representa para ele a ausência da diferença sexual em relação à ordenação do gozo masculino e feminino. Como é possível notar, o autor está defendendo a ideia de que os efeitos do falo, do Um dominador, impedem o acesso ao gozo não-todo da mulher: “o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (Lacan, 1975/1985, p.15). Com a existência de um único operador do gozo, o falo, o encontro sexual torna-se impossível. Apesar de não ficar evidente, a relação entre os sexos “poderia ser formulada pela tese de que tanto o homem como a mulher estão de um mesmo lado [...] o gozo fálico” (Santiago, 1998, p. 153).

Todas essas considerações de Lacan sobre os modos de sexuação do homem e da mulher, encontradas, principalmente, no “*Seminário 20: Mais, ainda*” (1975/1985) e no texto “*O Aturdido*” (2003), partem da noção freudiana sobre a qualidade masculina da libido. Essa noção é sustentada por Freud em relação à equivalência da libido na fase fálica, sobretudo em relação a sua expressão na menina mergulhada na fase fálica. “Com seu ingresso na fase fálica, as diferenças entre os sexos são completamente eclipsadas pelas suas semelhanças. Nisto somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho” (Freud, 1932-1936/1996, p. 118). Lacan (1975/1985) retoma essa teorização afirmando que “Freud adianta que só há libido masculina” (p. 108). O que não está considerado nessa afirmação é que Freud afirma a natureza masculina da libido em relação à fase fálica. E antes dela? O que era a libido? Ou ela não existia?

Parece que outra afirmação freudiana sustenta essa lógica, menos voltada ao interesse da criança pelo órgão masculino como algo próprio da fase fálica:

Ao mesmo tempo, a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é [...] para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. (Freud, 1923-1925/1996d, p. 158).

Essa noção não muda o apagamento daquilo que se dá antes da organização genital fálica, quando os processos inconscientes estão ditando com uma força ainda maior a constituição psíquica do sujeito e mesmo o que se dará depois nos processos de subjetivação da sexualidade.

Apoiando-se em Freud, Lacan elabora uma espécie de sexuação da libido, dando à sexualidade inconsciente polimorfa os atributos do gênero. Desse modo, parece que Lacan fracassa em seus esforços de fazer desse modelo da sexuação homem/mulher, no qual podem se inscrever todos os seres falantes, um dispositivo desprendido da lógica sexista e normativa.

É possível considerar que Lacan é penalizado em sua tentativa de relativização da sexuação por insistir em manter o modelo freudiano da diferença sexual a partir da lógica fálica. Ao fazer isso, Lacan perde de vista o fato de que os processos que se enraízam na elaboração dos jogos edípicos, inaugurados a partir da descoberta da diferenciação anatômica, apesar de portarem a marca inconsciente, já respondem aos processos secundários de defesa do aparelho psíquico contra os conteúdos traumáticos mais originários. Em outras palavras, não é apenas do inconsciente que tratamos ao tomar como referência a diferença sexual e as lógicas do gênero que se misturam à teoria fálica. Logo, concordamos com Jacques André (1996) em relação à ideia de que a resposta fálica é uma primeira resposta defensiva do psiquismo.

A centralidade do falo como operador simbólico universal em Lacan apaga os esforços de diferenciação do gozo dito masculino e feminino. Tanto é assim que à mulher só resta o gozo suplementar. Essa definição impõe por si só que “A própria escolha do falo como significante do desejo significa uma posição sexuada de quem só pode conceber o feminino a partir da exclusão” (Arán, 2009, p. 659). Ao tomar como referência a universalidade dominante do falo, Lacan parece fracassar em sua tentativa de estabelecer no campo inconsciente a dissimetria entre os sexos. Como conceber a existência de um outro sexo, um Outro gozo, propondo de forma paradoxal que “a mulher não existe”?

Para sustentar sua formulação teórica sobre diferença dos modos de gozo entre homem e mulher, Lacan teria de considerar que “A positivação do feminino exigiria pressupor não apenas um além do falo, mas, antes de tudo, uma outra forma de erotismo que não tenha no falo a sua referência.” (Arán, 2009, p. 662). Essa condição talvez desse a Lacan uma posição teórica mais confortável para fundamentar sua interessante formulação sobre a inexistência da relação sexual, já que o desencontro (e a insatisfação) é o que de fato parece guiar a relação dos sujeitos com o próprio gozo e com o gozo do outro.

3.3 Cena primordial e feminilidade originária

Retomando a psicanálise freudiana, mais especificamente as afirmações feitas por Freud sobre componente sádico presente na cena originária, isto é, sobre o modo como o ato sexual ganha uma qualidade violenta, na qual o feminino recebe o caráter de sexo ferido e castrado, Jacques André (1996) indica o modo como a feminilidade originária se enraíza no coito parental da fantasia originária. Para entendermos essa associação, é essencial que consideremos os desdobramentos do pensamento freudiano no texto “*História de uma neurose infantil*” (1917-1918/1996).

Como afirma Jacques André, a cena originária concede à teorização psicanalítica um rico material. Ela impõe ao observador um campo de manifestação pulsional com uma qualidade variada de identificações, ligadas às personagens e aos fragmentos que a compõem. A cena com seu efeito impactante toma “A criança captada, apassivada pela conjunção de violência e gozo (o rosto regozijante de sua mãe) que lhe fora brutalmente imposta pelo coito adulto” (André, 1996, p. 79). Como é necessário lembrar, é a posição *a tergo* que aparece representada na fantasia do Homem dos Lobos e é o ato de repetição sexual dessa posição de gozo que se torna condição para que ele obtenha satisfação na relação sexual.

Sendo assim, “a primeira representação reúne, pois, um homem ereto [...] que impõe sua violência de ‘animal selvagem’ a uma mulher sadicizada-rebaixada-castrada” (André, 1996, p. 80). Isso quer dizer que a mulher/mãe na fantasia do paciente precisa ocupar o lugar inferiorizado e dominado, algo essencial para que o sujeito consiga se defender contra seu próprio desejo aterrorizado de ser apassivado na relação sexual. Parece que somente desse modo, a representação fálica, também associada ao gênero e ligada à dominação masculina, seria suficiente para aplacar o narcisismo ameaçado.

A posição do Homem dos Lobos na cópula conferia ao paciente uma masculinidade plena. Isso era alcançado ao preço da concretização da fantasia de desqualificação e dominação do objeto amoroso: “Enquanto ele, empertigado, dispõe de um membro viril, ela rebaixada, não tem mais nada.” (André, 1996, p. 81). Mas, verdadeiramente, a mulher castrada não era a mulher temida pelo paciente, era, sim, a mulher-orifício, o alvo de seu horror. As forças do recalçamento incidiam exatamente sobre a representação associada à confusão orifical anal/vaginal. Novamente, é preciso considerar que ao lado dessa força

pulsante do recalque parece estar à libido genital narcísica, colocada por Freud como um elemento masculino da sexualidade (André, 1996).

É necessário notar que, nesse caso, a angústia de castração não opera na centralidade do conteúdo recalcado. Não é a representação da castração que está sendo recusada, ela está a serviço dos mecanismos defensivos, como forma de tornar mais manejável a angústia fragmentadora atrelada ao conteúdo de feminização. Há, nessa lógica, um encontro conflituoso entre duas forças pulsionais desorganizadoras: a força recalcante da libido genital narcísica, apoiada pelas insígnias do gênero, e o excesso pulsional convulsionante do elemento feminino, evocado pela representação de ser copulado pelo pai. Sem dúvida, era esta a principal corrente dos dois investimentos libidinais concorrentes no psiquismo do sujeito.

Como é possível notar, Freud estabeleceu para a cena originária uma posição prototípica, qual seja, o *coitus a tergo* – a cópula por trás. O autor encontra algumas justificativas para essa definição, dentre elas, Freud aponta que durante o *coitus a tergo* o espectador tem a visão dos órgãos genitais e indica que a posição é recuperada da evolução sexual ontogenética na qual a posição *more ferarum* – a maneira do coito animal – é privilegiada. Além disso, ele atribui à cena originária o componente de dominação característico da posição do pai fundador da horda primeva. Para Jacques André, a normatização da posição sexual da cena originária não coincide com a mobilidade identificatória das representações do ato sexual no campo das fantasias inconscientes, uma vez que é essencial considerar o caráter parcial e plurívoco da pulsão. Segundo ele, para que se entenda o modo como Freud privilegia a posição *a tergo*, é necessário considerar uma conjunção, “a de uma fantasia do paciente e de seu analista” (André, 1996, p. 86).

Sem grande dificuldade, é possível associar a importância do *coitus a tergo* na fantasia do Homem dos Lobos à confusão cloacal própria da fantasia infantil. Principalmente se pensarmos nas possibilidades de penetração conferidas pela posição sexual privilegiada pelo paciente, sem dúvida, uma posição que permitiria ao homem projetar algo de sua própria feminilidade orifical no objeto penetrado.

É interessante notar que esse modo perverso de se satisfazer pela dominação completa do outro, marca da exigência pulsional da fantasia do paciente, coloca em evidência a natureza plenamente apassivada do parceiro sexual. O outro ganha no ato sexual um lugar próximo ao lugar dado à criança seduzida pelo adulto nos tempos originários do desenvolvimento psicosexual. Nesse cenário primitivo, Jacques André (1996) destaca a primazia do pólo sedutor na confrontação do mundo infantil com a experiência sexual do adulto. Dentro desse contexto, é também essencial notar que a violência desse confronto é

conferida, principalmente, pela passividade do objeto, da criança, incapaz de se defender da intrusão da sexualidade adulta. É a partir da importância desse cenário que consideramos necessário traçar com mais precisão como a sedução originária se envolve nos processos de constituição da feminilidade do inconsciente.

3.3.1 A teoria da sedução generalizada

Quando tentamos destacar nos textos freudianos a questão da feminilidade, traçamos alguns elementos da psicanálise de Freud que já privilegiavam a importância das primeiras experiências sexuais da criança apassivada pelo cuidado materno. Obviamente, essa tentativa tem como propósito evidenciar o modo como a sedução e a feminilidade parasitavam as entrelinhas da teoria freudiana. O motivo de não nos estendermos nesse trabalho de pesquisa se concentra no fato de que Laplanche e Pontalis (1990), o fizeram de forma muito cuidadosa e precisa para destacar a importância teórica da sedução na obra freudiana – bem como o modo desastroso como Freud decidiu abandoná-la. Com esse percurso de pesquisa empreendido pelos autores, um caminho muito frutífero se abriu para teoria psicanalítica, sobretudo, a partir da formulação da Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche. Antes de passarmos à parte mais densa da obra de Jacques André, na qual abordaremos de forma mais precisa os processos inconscientes que participam da constituição da feminilidade originária, tentaremos resumir os pontos que mais nos interessam da teoria laplancheana.

Partindo da teoria da sedução em Freud, Laplanche recorta, amplia e enriquece um percurso teórico, extremamente fecundo, negligenciado ao longo do desenvolvimento teórico da psicanálise. Laplanche reconstrói a teoria da sedução, restrita a um realismo factual limitante, para ampliá-la para além de sua versão patologizante, sem o apelo às explicações biológicas e filogenéticas (Laplanche, 1992a). Com a importância dada à situação de sedução na universalidade da constituição psíquica dos sujeitos, Laplanche eleva o papel da alteridade a um lugar central nos processos que forjam o funcionamento inconsciente. Para tanto, o autor destaca o elemento estrangeiro e enigmático envolvido de forma efetiva na sedução originária.

No processos de sedução propostos por Freud, a sedução originária perde seu lugar universal. Isso porque nela o adulto sedutor é o adulto perverso, desviante quanto ao objeto e quanto à meta de satisfação sexual. É o sujeito essencialmente pedófilo, o pai abusador da histórica, o adulto que realmente efetiva a sedução sexual da criança. Desse modo, todas as

cenar e seguimentos da sexualidade na composição desse quadro passam pela qualidade patológica da formação dos processos da personalidade e do inconsciente. A perversão considerada por Freud, nesse sentido, não está tratada como elemento universal de desenvolvimento da libido dentro dos percursos necessários à formação da sexualidade inconsciente. Assim, esse não é o pai/adulto-sedutor/cuidador universal na experiência humana (Laplanche, 1992a).

Alguns aspectos norteiam o pensamento freudiano sobre a sedução restrita. Dentre eles, há a fragilidade de uma busca de caráter investigativo que visa encontrar na realidade do vivido o adulto perverso abusador, bem como a ilusão de que a psicanálise poderá delimitar de forma maniqueísta o consciente normal e o inconsciente patológico, tendo como meta a tradução plena de todos os processos inconscientes para um nível consciente. Esse modelo da sedução em Freud tem como característica principal o “objetivo de explicar a psicopatologia, e somente ela” (Laplanche, 1988, p. 113), perdendo sua extensão explicativa para o que é próprio da constituição universal do inconsciente.

Junto com o movimento de rejeição da dimensão real e psicopatológica da sedução inaugurado por Freud na carta endereçada a Fliess (Laplanche & Pontalis, 1990), o pai sedutor desaparece de seu lugar central na produção das neuroses, sendo substituído pela mãe pré-edípica (Laplanche, 1988). A sedução fica, assim, associada aos cuidados corporais ofertados pela mãe ao bebê. A entrada da mãe como outro sedutor confere à cena de sedução a categoria essencial de realidade que de fato lhe pertence. A sedução entra, desse modo, para um registro de necessidade vital para o bebê. Mas Freud limita a qualidade explicativa desse deslocamento teórico do pai para a mãe ao centrar seu olhar na sexualidade da criança, conferindo grande importância à excitação do bebê tocado pelo cuidado materno. Ao fazer isso, Freud desconsidera o inconsciente sexual do adulto, que insere na cena de cuidado a série fantasmática própria da sexualidade inconsciente. Além disso, Freud dá aos cuidados maternos, à sedução da mãe, um lugar subvalorizado na teoria (André, 1996). Mas é preciso destacar que com a mãe, ou adulto que cuida do bebê, a sedução originária ganha sua efetividade universal, generalizada: “Pelo termo sedução originária qualificamos, portanto, esta situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não-verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. Do que chamo significantes enigmáticos” (Laplanche, 1988, p. 119).

Desse modo, a sedução originária vem consolidar outros níveis essenciais de implantação da sexualidade adulta no bebê, isto é, ela não descarta a importância da sedução precoce efetivada pela mãe. As zonas erógenas são os lugares de trânsito e de trocas onde se

inscrevem os cuidados maternos. Nelas, os atos conscientes de higiene se deixam acompanhar pelas fantasias sexuais inconscientes do adulto. A sedução generalizada “é a confrontação de um indivíduo cujas montagens somatopsíquicas se situam de maneira predominantemente ao nível da necessidade, com significantes emanando do adulto” (Laplanche, 1988, p. 120). Além do trauma que lhe é inflingido, ao psiquismo da criança cabe a difícil tarefa de domínio e simbolização dos significantes enigmáticos implantados pelo outro.

Os gestos, o seio, o sorriso de uma mãe são significantes não verbais que o sujeito tenta traduzir (sobrando um resto) em outras linguagens, inclusive não verbal. Como poderia ser diferente se o mais profundo inconsciente é feito de representações-coisas? (Laplanche, 1988, p. 123).

Como parte da teia complexa que compõe esse cenário traumático, a cena originária tem lugar central. O coito entre os pais é uma fonte de sedução essencial para a criança porque conjuga imagens, fragmentos e elementos obscuros, inassimiláveis para o bebê e mesmo para o próprio adulto. Ainda que não se configure como uma cena factual do vivido, presenciada pela criança, como o próprio Freud imaginara em suas investigações teóricas, o coito parental, a sexualidade do adulto, é sempre um elemento que habita a realidade familiar, de forma explícita ou velada, fazendo com que a confrontação da criança com o mundo sexual adulto, em qualquer situação do desenvolvimento, seja inevitável.

Nesse contexto, a cena originária e a sedução se inserem efetivamente no desenvolvimento infantil e se misturam à experiência do vivido. Isso quer dizer que não há, nos processos de sedução, a qualidade mítica de uma memória infantil, que só se constrói em análise (Laplanche, 1988). A construção mítica atribuída ao processo analítico, reproduz, para Laplanche, a memória retroativa reconstrutiva proposta por Jung. Dessa forma, admitir a concepção mítica ou a concepção reconstrutiva de Jung seria o mesmo que apagar uma realidade efetiva descoberta pela psicanálise: a própria existência da sexualidade infantil e o modo como ela é forjada na relação com o outro. Desconsiderar isso é o mesmo que abandonar a base onde se enraízam todos os processos de psicogênese do inconsciente.

A memória infantil tem uma qualidade real. As reminiscências não podem ser reduzidas a meras lembranças, elas são “algo que retorna vindo de outro lugar, talvez uma pseudolembrança vinda... do outro.” (Laplanche, 1992b, p. 13). Desse modo, compõem a realidade daquilo que foi vivenciado e arquivado no registro de memória do sujeito e se ligam à experiência sexual adulta em um cenário efetivo de sedução.

Apesar disso, não é preciso que nos engajemos em uma constrangedora e impossível empreitada de comprovação da teoria a partir de uma realidade factual, tal como ocorreu com Freud, que acabou sendo obrigado a retroceder em seu caminho teórico em função da ilogicidade de suas proposições investigativas. Entretanto, é preciso reconhecer que, mesmo com essas limitações, a teoria da sedução restrita contribuiu para a definição de três dimensões muito importantes que se entrelaçam de forma indissociável e traduzem de modo preciso o funcionamento inconsciente. Dimensões que, obviamente, também fundamentam e caracterizam a sedução originária. Desse modo, é preciso que se entenda a centralidade da dimensão temporal, da dimensão tradutiva e da dimensão tópica na estruturação dos processos inconscientes envolvidos na sedução.

A dimensão temporal é conferida à sedução pelo mecanismo de trauma em dois tempos, o *a posteriori* (*après-coup*, *Nachträglichkeit*). No primeiro tempo, a ação sexual não tem seu significado assimilado. Ainda nesse momento, o trauma não se efetivou. É por ocasião de uma segunda cena que o movimento de associação com a primeira se dá, conferindo o caráter traumático ao acontecimento. Em uma junção complexa, que condensa elementos externos e internos ao psiquismo, a primeira cena parasita a segunda, conferindo-lhe a esfera terrificante ligada à fonte de excitação sexual associada ao trauma (Laplanche, 1988).

A dimensão tradutiva é relativa à capacidade da criança de traduzir as mensagens enigmáticas veiculadas pela sedução do adulto. Isso ocorre em associação com o movimento temporal de ligação das cenas. A associação que se dá entre a primeira e a segunda cena provoca também um movimento tradutivo, ao mesmo tempo em que consolida uma barreira (o recalque) que separa os dois momentos (Laplanche, 1988). Desse modo, a tradução dos elementos inconscientes ocorre dentro de uma lógica de separação de duas épocas psíquicas, sempre havendo, entre elas, uma falha parcial de tradução.

Já considerando a dimensão tópica da sedução, é possível compreender que a primeira cena é remetida ao inconsciente pelo processo de recalque, ganhando um lugar diferente da segunda cena na tópica do aparelho psíquico. O que fica na “superfície” do aparelho psíquico, a segunda cena, torna-se parte da representação egoica, agora presente em função da divisão provocada pelo processo de recalque e tradução. Desse modo, o sujeito guarda uma compreensão mínima daquilo que ocorreu na segunda cena, mas não acessa, senão pela via de um afeto desprazeroso, o conteúdo associado à primeira cena, isto é, o recalque. Nesse processo, aquilo que inicialmente era externo, oriundo da sexualidade adulta, passa a parasitar o aparelho psíquico como um corpo estrangeiro enquistado no funcionamento inconsciente.

Para compreendermos melhor a noção que envolve os processos de implantação das mensagens inconscientes do adulto na criança e os processos de recalamento/tradução, é preciso que se recorra ao modelo laplancheano de tradução no aparelho psíquico. Para Laplanche, o enigma do significante não está associado à sua qualidade polissêmica, mas ao curso do recalamento-tradução dessas mensagens que vão, gradualmente, sendo separadas de forma definitiva de seus significados originários. (Laplanche, 1988). Por isso, é essencial considerar que o inconsciente chega à criança por via de mensagens verbais e não verbais, isto é, de modo diferente do que Lacan considera ao propor o inconsciente estruturado como uma linguagem. A dimensão não verbal envolve o ato e aquilo que do ato não é articulado no campo da linguagem no momento em que o corpo do adulto oferece à criança os processos de cuidado: “penso [...] que as mãos de uma mãe podem veicular desejos sexuais inconscientes sem implicar de forma alguma a linguagem” (Laplanche, 1988, p. 123).

O signo de percepção¹⁴ é o significante enigmático que é implantando pelo adulto no psiquismo infantil, mas nada representa ou significa a princípio. A partir da tradução e autoteorização (Laplanche, 1992a), esse significante ganha uma qualidade representável, deixando um resto inassimilável.

Laplanche propõe a metábole como modelo tradutivo do aparelho psíquico diretamente envolvido na gênese do recalcado e no tratamento dessas mensagens enigmáticas implantadas pelo outro. Por via de uma proposição diferente da substituição significativa, que envolve os processos simultâneos de semelhança e contiguidade entre significantes, Laplanche critica a concepção lacaniana de metáfora, na qual o significado e o significante enigmático se perdem, apagam-se, por uma substituição “esquecedora” (Laplanche, 1992a).

No texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*”, Lacan (1966/1998a) propõe na formulação da metáfora paterna que “a elisão de S’, aqui representada por seu risco, é a condição do sucesso da metáfora” (p. 563). Desse modo, para que a metáfora paterna se concretize e o significado fálico (*s*) se produza, é preciso que haja na fórmula a eliminação completa dos significantes maternos e da significação do desejo da mãe.

Para Laplanche, diferentemente de Lacan, nesse processo de substituição significativa tudo se conserva pela ligação de significados desconhecidos a novos significantes que carregam a qualidade de serem mais simbolizáveis para o sujeito. Desse modo, o resto não

14 Para Freud o signo de percepção (*Wz ou Wahrnehmungszeichen*) é um puro registro da percepção sem significação, um signo sinal, inscrito na primeira camada de três estratos neuronais que compõem o sistema de memória. Em *Wz* operam as lógicas de associação por simultaneidade, não diretamente associadas à consciência (Freud, 1886-1889/1996).

traduzido dessas operações (as mensagens enigmáticas que em Lacan aparecem exclusivamente localizadas no desejo materno) é banido para o inconsciente por via dos processos de recalçamento. Laplanche (1992a) é enfático ao propor que é “da metábole recalçante, que culmina a formação do objeto-fonte da pulsão” (p. 141)

Contudo, é preciso considerar também, em relação à metábole, que ela traduz e recalca, permitindo acessos mínimos ao recalçado (Laplanche, 1992a). A simbolização é, para Laplanche, o resultado de uma trama de metáboles de diferentes tipos, que aliam metonímia e metáfora. É a própria rede simbolizante que arranca do recalçado original algo de sua essência obscura.

Em outras palavras, é possível perceber que na intersimbolização das cenas

Os roteiros podem se parecer, evocar um ao outro, mas é capital ver que, para além dessa analogia global, o que se desenha entre as cenas é um metabolismo mais complexo, elemento por elemento [...] o essencial são relações ponto por ponto, extremamente complexas, feitas por contiguidade e similitude e de diferença, entrecruzando-se entre si (Laplanche, 1992a, p. 117).

Como é possível notar, o recalçamento, como operação originária da tópica do aparelho psíquico, está baseado nos processos tradutivos. Assim sendo, a dimensão tópica associa-se diretamente com o processo tradutivo, bem como com o mecanismo temporal de processamento em dois tempos. Nessa complexa articulação, as três dimensões se entrelaçam.

O modo como as dimensões se inserem nos processos de sedução também definem o solo psíquico da formação do recalçado. Tanto a formação do recalçado quanto a formação do eu passam pelo processo de tradução ou por uma espécie de primeiro tratamento dado pelo aparelho psíquico aos significantes enigmáticos implantados pelo adulto no sujeito, no eu-corpo, segundo a definição de Laplanche (1992a). Depois da primeira tradução, o resto não traduzido das mensagens enigmáticas passa a existir como objeto-fonte, como um corpo interno, marcado pela qualidade do que é estrangeiro. Os dispositivos psíquicos que se envolvem nessa trama complexa, na qual se inserem processos de natureza tradutiva, temporal e tópica, culminando na formação do inconsciente recalçado e do objeto-fonte pulsão, são desencadeados pela sedução originária, isto é, pela implantação violenta da sexualidade adulta no corpo e psiquismo da criança.

Para resumir, é possível dizer que a sedução se estrutura por via de uma sucessão de cenas que favorecem a instauração da lógica temporal do *a posteriori*. Estas são submetidas a

um processo tradutivo, cujo efeito é a formação de restos não traduzidos que funcionam como objetos-fonte da pulsão e constituem o inconsciente recalçado.

3.3.2 O descentramento do inconsciente

Como é possível notar, a teoria da sedução generalizada é responsável por elevar ao grau máximo um ponto central abandonado por Freud na construção teórica da psicanálise, isto é, a teoria da sedução – sedução restrita como define Laplanche (1992b). Mais do que isso, Laplanche é responsável por destacar o papel da alteridade na formação do inconsciente da criança. A posição de Freud frente a esse aspecto essencial da sedução parece evidenciar que o golpe narcísico produzido pela importância do outro no funcionamento psíquico não teria sido suportável nem mesmo para o pai da psicanálise. Isso se considerarmos que o inconsciente, como matéria produzida essencialmente pelo outro, retira o eu completamente de seu lugar soberano. Em substituição a uma concepção endógena e biologizante do inconsciente, tal como encontramos em Freud, Laplanche propõe uma concepção inteiramente fundada no aporte outro.

Laplanche explora todas as consequências desse descentramento ao falar de uma revolução copernicana inacabada, título de um de seus textos mais importantes, em que ele comenta os “três severos golpes ao narcisismo universal dos homens” (Freud 1917-1918/1996c, p. 149). Contudo, é preciso destacar que, para Laplanche, a descoberta darwiniana tem menor importância em relação às demais, dentro da direção crítica de pensamento desenvolvida. Pare ele, essa teoria perde parte do seu valor ao conservar a superioridade animal do homem em relação aos seus irmãos selvagens. Além disso, a teoria de Darwin presta um desserviço à psicanálise quando é tomada por Freud para fundamentar um biologicismo dos processos inconscientes, a partir de uma lógica filogenética e evolucionista.

Assim, Laplanche destaca, junto com Freud, o modo como a revolução copernicana coloca em curso um descentramento para o homem. Além do deslocamento da importância da noção geocêntrica para a noção heliocêntrica, a ideia de uma infinitude material do universo abre a perspectiva para uma desconstrução mítica do homem, não só do ponto de vista astronômico, mas do ponto de vista de sua limitada concepção de saber sobre o mundo. Os mitos da antiguidade perdem, em consequência disso, parte do seu valor na construção

identitária dos indivíduos. Com isso, fica evidente que “o homem não é, de modo algum, a medida de todas as coisas” (Laplanche, 1992b, p. 7), porque o saber tem a qualidade do infinito.

Em seu texto, Freud (1917-1918/1996c) compara a descoberta psicanalítica com a revolução copernicana na medida em que ambas representam para o homem uma queda narcísica. Mas, de sua parte, o próprio Freud acaba sendo capturado pela armadilha de recentramento egoica. Sem perceber, ele retoma o autoengendramento, o referenciamento do próprio ser como agente e fundador de sua própria natureza, por via da afirmação das forças somáticas ligadas à evolução biologizante da pulsão de morte¹⁵ e por via do recurso às fantasias originárias filogenéticas^{16 17} (Laplanche, 1992b). O grande marco desse movimento, em sua teoria, se dá com o abandono (não completamente efetivado, como é possível traçar em toda sua obra) da teoria da sedução.

A descoberta do inconsciente retira do eu o lugar de soberania, mas é a teoria da sedução que assegura esse descentramento.

Este inconsciente é composto por cenas ou fragmentos de cenas e que sobretudo tais cenas são, no fundo, sexuais [...] É que o primado do sexual abre diretamente para a questão do outro e, em se tratando da criança, sobre o outro adulto em sua estranheira (Laplanche, 1992b, p. 10).

Enfim, o inconsciente retira o eu do centro do psiquismo, mas ele também é descentrado em relação a sua própria origem constitutiva – “o inconsciente só se mantém na sua alteridade radical pela outra pessoa (*der Andere*): em suma, pela sedução” (Laplanche, 1992b, p. 13).

A partir de todas essas considerações sobre a teoria da sedução generalizada, é possível que se entenda que na sedução originária o corpo efractado e invadido de forma traumática pela sexualidade adulta tem lugar central. Essa característica essencial marca o modo como na feminilidade se enraíza a sedução originária por via de como a criança assume uma posição apassivada frente à penetração da sexualidade adulta. Com essa noção bem delimitada, podemos explorar de forma mais consistente o percurso teórico que fundamenta a existência de uma feminilidade originária na obra de Jacques André.

¹⁵ “Parece, então, que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar o estado anterior das coisas” (Freud, 1920-1922/1996, p. 47)

¹⁶ “A mim, por exemplo, parece-me que as conexões simbólicas que o indivíduo jamais adquiriu por aprendizado, podem, com razão, exigir serem consideradas como herança filogenética” (Freud, 1915-1916/1996, p. 201)

¹⁷ “Essas cenas de observação das relações sexuais entre os pais, de ser seduzido na infância e de ser ameaçado com a castração são inquestionavelmente, um dote herdado, uma herança filogenética.” (Freud, 1917-1918/1996b, p. 104).

3.4 Raízes e desdobramentos da feminilidade originária

Para Jacques André (1996) “o abandono/recalcamento da teoria da sedução e a recusa da feminilidade estariam ligados” (p. 96). Mas, é necessário reconhecer que esses elementos continuaram nas entrelinhas do texto freudiano.

Assim como ocorreu com a teoria da sedução, o recalcamento do feminino na teoria freudiana também teve seus efeitos no deslocamento da importância dada à figura do pai sedutor para a mãe sedutora universal, presente na cena de cuidado. Mais além disso, esse movimento “do pai, vil sedutor, para a mãe de todo o mundo” (André, 1996, p. 95), com a ênfase na cena de cuidado ofertado pela mãe à criança, é empobrecido na medida em que é visto apenas como um ponto facilitador de uma teoria sobre a evolução psicopatológica da sexualidade. Paradoxalmente, isso se dá no mesmo período em que, na obra freudiana, ganham força uma teoria falocêntrica da feminilidade e as versões biologizantes da pulsão.

Em concordância com Laplanche, Jacques André (1996) considera que o pai libidinal foi a peça mestra abandonada pela teoria freudiana, juntamente com a versão não fálica da feminilidade. Além do abandono iniciado por Freud, autores com a importância de Lacan também endossaram esse percurso teórico. Aliás, Lacan amplia essa perda na medida em que atribui ao pai o “puro princípio de diferenciação, pelo Simbólico, ou seja, o ganho de uma maiúscula e a perda da libido” (André, 1996, p. 96). Como pai Simbólico, o pai ganha um valor correlato a um tipo ideal de simbolismo perfeito, perdendo sua face libidinal traumática.

Estendendo a crítica de Jacques André às últimas teorizações sobre o pai no ensino de Lacan, não teríamos problema em sustentar que o pai real também não pode ser facilmente associado ao pai sedutor. O pai real, assim como o pai simbólico, parece não possuir a qualidade sexual traumática do pai abusador. Sem ter a pretensão de traçar um percurso teórico mais aprofundado sobre a questão do pai na obra de Lacan, até porque muitos já o fizeram, tomaremos de empréstimo a palavra de alguns autores sobre a modificação do lugar conferido ao pai ao longo do desenvolvimento teórico da obra do autor. Com isso, pretendemos estender a crítica de Jacques André também ao pai real.

3.4.1 A perda libidinal dos Pais em Lacan

Lacan confere à metáfora paterna, no primeiro momento de seu ensino, um lugar central. A passagem pelo Édipo tem a função de transcrição do desejo materno. Nesse sentido, a dimensão da lei do pai deve substituir a dimensão da lei do desejo materno, de tal modo que a metáfora paterna integre a figura paterna ao Grande Outro (Rosa, 2008). Para se tornar o representante da lei da cultura, o pai deve ser aquele que “só atinge o *status* simbólico de sua função por meio da anulação de sua própria condição de ser vivo” (Zenoni, 2007, p. 17). O Nome-do-Pai é um marco de referência, ele é um operador que permite que a criança decifre o enigma do desejo da mãe, dando origem à significação fálica, o que torna possível sua inserção no universo simbólico (Lustoza & Calazans, 2010).

Contudo, para nosso percurso de pesquisa, mais importante do que a estrutura simbólica inaugurada pela formulação do Nome-do-Pai é enfatizar, conforme afirma Jacques André, a perda teórica sofrida pelo pai em função da proposta simbólica que resulta na desconstrução de sua face libidinal e traumática. “A ‘metáfora paterna’ traduz o complexo de Édipo nos termos dessa subordinação do imaginário, campo da relação erótico-agressiva, ao simbólico, campo da relação de palavra, que caracteriza a experiência humana, no primeiro momento do ensino de Lacan.” (Zenoni, 2007, p. 17).

Entretanto, é preciso reconhecer que “A formalização do complexo de Édipo, nos termos da metáfora paterna não é, portanto, a última palavra de Lacan sobre a questão” (Zenoni, 2007, p. 17). Para Lacan, o pai não possui apenas a realidade do significante. Como pai morto que inaugura a ordem simbólica, ele também possui a função essencial de intervenção no desejo materno, portando a significação fálica, na medida em que faz “de uma mulher o objeto que causa seu desejo” (Rosa, 2008, p. 443). A forma como o pai “se manifesta em sua relação efetiva com a mãe, enquanto mulher [...] como presença que causa impacto sobre o desejo da mãe, enquanto mulher” (Zenoni, 2007, p. 18) é o modo como se apresenta em sua dimensão Real.

O pai, que se relaciona com uma mulher, passa ser o pai que possibilita e que tem a função de articular o desejo à lei, deixando de ser o pai que proíbe e que parece carregar uma função perfeita de estruturação simbólica universal. Ao começar a pensar o pai como figura que interfere de forma decisiva no desejo materno, Lacan deixa de privilegiar o pai como fundamento de uma ordem simbólica para considerá-lo como pai vivo que tem como marca a

imperfeição e a universalidade de se afirmar por via de um arranjo singular. O pai passa, desse modo, a ser o próprio elemento de articulação entre o desejo e a lei. “Como instância ou como indivíduo, o pai realiza, de uma forma ou de outra, o entrelaçamento entre o interdito e o desejo” (Zenoni, 2007, p. 19).

Para entender a forma como a interdição e o desejo se entrelaçam, é preciso retomar as elaborações lacanianas sobre o pai primitivo. Como já mencionamos, a noção do pai que se universaliza pela exceção se fundamenta na ordem mítica de Totem e Tabu sobre “a existência mítica de um homem, que contraria essa democracia da castração” (Santiago, 1998, p. 133). O pai seria, nessa lógica, o único homem autorizado a gozar de todas as mulheres. Sendo assim, todos os outros, os filhos, condenados a castração. Essa noção fundamenta a lógica sobre a sexuação masculina. Desse modo, a virilidade é inaugurada por uma contradição: a exceção que se universaliza por via de um pai fundador que, por limitar o gozo, o possibilita, mas dentro do registro da castração (Santiago, 1998). Nesse contexto, o agente paterno não interdita, ele possibilita caminhos para o acesso à satisfação do desejo pela via da exceção à norma, dentro de um registro em que a exceção sustenta a regra e o desviante, o pai fundador, reafirma a necessidade de existência de uma lei universal. É dessa forma que o Nome-do-pai ganha suas versões – pai-versão [*père-version*, em francês, homônimo de *perversion*]. O pai castrador ganha na esfera do vivido uma natureza desviante que deve ser lida dentro do histórico amoroso traçado pela singularidade dos jogos edípicos parentais. Cada família tem sua versão para o pai, isto é, a partir da “relação do filho com o pai, em que o filho se priva do gozo por amor ao pai” (Zenoni, 2007, p.23)

O pai real se integra à noção de objeto causa do desejo ao tornar-se um pai falho. Isso porque “Onde não há garantia, onde há uma lacuna no código, há lugar para a iniciativa, há lugar para a decisão, há lugar para a causa do desejo” (Zenoni, 2007, p. 22). Como pai imperfeito, o pai real deixa de ser apenas a sede do código para se tornar um operador que permite a confecção de codificações originais do desejo. “Trata-se aqui de um Nome-do-Pai que existe, mas cuja existência equivale, em última análise, à da causa de desejo que se remete a ele” (Zenoni, 2007, p. 22).. O pai que falha também faz vacilar a estrutura da lei e de tal modo que cada sujeito é convocado a responder em uma dimensão singular em relação “a essa hiância fundamental” (Lustoza & Calazans, 2010, p. 564).

A teorização sobre o pai real de Lacan, proposta por Zenoni, diferencia-se da versão simbólica que caracteriza a função do Nome-do-Pai ao tratar do pai que confere ao desejo a possibilidade de inserção na lei, saindo da dimensão exclusiva da interdição. O pai real é o pai que se atravessa “efetivamente” na relação da mãe com a criança, e não o pai que nasce em

sua própria ausência como pai morto (significante que mata a coisa para existir simbolicamente em seu lugar). Contudo, para não materializar o pai em uma figura da realidade familiar, é preciso entender que esse pai aparece para a criança por via do desejo materno. A mãe é o sujeito barrado, não o filho (diferentemente do que propõe Freud na versão auto-rreferenciada do complexo de Édipo, que toma o desejo da criança como parâmetro fundamental).

É possível notar, dessa forma, que o pai totêmico é um pai falho, diferente do pai simbólico do Nome-do-Pai, mas também um operador que organiza o gozo. Dentro dessa lógica, apesar de ser um pai que abusa e encarna a lei, o pai real é ainda um pai morto que interdita e possibilita. Ele não é por excelência o pai do trauma. Esse não é o pai libidinal, ainda que nessa teorização Lacan trate o pai na dimensão do *sinthoma* que articula o desejo e organiza o gozo considerando “a maneira que cada um tem de se virar, para além do laço paterno [...] para manufaturar o grampo sintomático que os mantém juntos” (Zenoni, 2007, p. 25).

Talvez o pai imaginário pudesse ser tomado como o principal representante do pai libidinal, sedutor, na teoria lacaniana. Contudo, este não é o pai que Lacan privilegia em suas teorizações sobre a transposição do Édipo e nem sobre nas teorizações sobre os modos de amarração dos registros. Aliás, tenderíamos a afirmar que o pai imaginário só ganha lugar central na teoria lacaniana quando a constituição psíquica é colocada em risco, seja na estruturação da psicose ou da perversão ou na formação da neurose de angústia.

Para que o complexo de castração seja pelo sujeito verdadeiramente vivido, é preciso que o pai real [...] assuma sua função de pai castrador, a função do pai sob a sua forma concreta, empírica, diria quase degenerada, sonhando com o personagem do pai primordial e a forma tirânica e mais ou menos horripilante sob o qual o mito freudiano a apresentou para nós. É na medida em que o pai, tal como existe, preenche sua função imaginária [...] que o complexo de castração é vivido (Lacan, 1956-1957/1995, p. 374).

Nessa passagem, é possível perceber claramente como Lacan equipara à função real do pai à função imaginária. Além disso, o agente paterno parece, nesse caso, retomar um pouco da sua face libidinal, encarnando uma lei tirana como pai abusador. Contudo, ele ainda é o pai da castração e não o pai penetrador, o pai-pênis que dilacera a mãe e a criança nas fantasias que se associam à cena originária. Em consequência disso, ele perde seu lugar possível e necessário à constituição psíquica, uma vez que sua face é apenas uma expressão castradora do pai real (Lacan, 1956-1957/1995). Principalmente, ele perde sua função na constituição psíquica originária para se tornar um pai enraizado na travessia do Édipo.

De forma mais clara, o pai real ainda não é o pai sexual ameaçador, terrificante. O pai real, aquele para quem a mulher é causa de desejo, é o pai que interfere na relação mãe-bebê. Desse modo, não é o pai que traumatiza, mas o pai que resgata a criança do desejo materno devorador, possibilitando, assim, sua diferenciação como sujeito desejante.

Lembremos também que o pai libidinal é aquele que habita o inconsciente (neurótico, psicótico ou perverso). Ele é o agente paterno abusador, que violenta a mãe, que a toma sexualmente diante dos olhos horrorizados da criança.

Além disso, ainda que não como presença real na tríade parental, o pai habita o inconsciente materno, infiltrando-se nas fantasias que alimentam os cuidados ofertados à criança: a penetração do seio na boca nunca é um ato de satisfação no registro único da necessidade; antes disso, o seio é um objeto erótico do desejo, representante do ato de penetração, que carrega a “excitabilidade [...] não somente no aleitamento, mas simplesmente na vida sexual da mulher” (Laplanche, 1992b, p. 15).

Ainda que tentemos elevar o pai (simbólico ou real) ao lugar de operador universal que organiza o desejo e o gozo, o pai precisa também ser aquele que se insere na esfera da experiência sexual dos cuidados ofertados à criança. O casal parental (pai-mãe; mãe-avô; pai-pai; mãe-mãe; tio-tia, pai-avó... e todas as combinações possíveis) pode mesmo aparecer para criança como elemento que interdita ou possibilita o desejo. Entretanto, é preciso considerar que, antes disso, o casal se insere na atmosfera real de cuidados do corpo desamparado do bebê ainda no momento em que ele é apenas um objeto-carne investido sexualmente pelo desejo inconsciente do adulto. Mais do que isso, na composição do par parental que habita a esfera inconsciente do cuidador, o pai libidinal é o agente operador da fantasia de penetração do corpo cavidade, do corpo orifical.

Concordamos com Lacan em relação à essencialidade da tríade edípica estruturante no que tange sua natureza mais elementar e atemporal. O outro que entra na relação com a criança nunca é só o pai ou só a mãe. Nesse vínculo parental existe

a dialética primordial do desejo, tal como Freud a descobriu, e que comporta uma relação terceira, a qual faz intervir, para além da mãe, ou mesmo através dela, a presença do personagem desejado ou rival, mas sempre terceiro, que é o pai (Lacan, 1957-1958/1999, pp. 283-284).

Essa é por excelência “a tríade simbólica fundamental” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 284), por muitas vezes, caracterizada em sua dimensão traumatizante apenas do lado materno.

Arriscaremos afirmar que em toda obra lacaniana a mãe do inconsciente é “a mãe primordial, que guarda uma relação com a morte e com o real” (Kehl, 2008, p. 187) e também por isso é a mãe que goza. Já o pai, mesmo em sua dimensão real, não abandona seu posto de organizador do gozo e articulador da lei, ainda que carregue a face terrificante do pai fundador do mito totêmico. Desse modo, o real associado ao pai, ganha ares de um efeito linguageiro para uma sustentação forçada da teoria dos três registros (Real, Simbólico e Imaginário). Tanto é assim que, na verdade, o pai real parece possuir o mesmo valor teórico do pai que já se inseria na relação do “par imaginário do estádio do espelho” (Lacan, 1966/1998a, p. 558), mas ainda com a qualidade simbólica do significante do Nome-do-Pai e da função imaginária do pai castrador.

Aliás, a sustentação do estatuto conceitual do pai real é tão problemática que a própria obra de Lacan abre margem para o encontro do “pai real” como simples pai da realidade. Isto é, ainda em um lugar subvalorizado em relação ao Pai Simbólico no lugar de onde ele nunca deveria ter saído, “É justamente isso que demonstra que a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real” (Lacan, 1966/1998a, p. 562), e ainda “em que o apelo do Nome-do-Pai corresponda, não à ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante” (Lacan, 1966/1998a, p. 563)

Finalmente, é possível dizer que a teorização do pai real – capaz de organizar e articular o desejo, o gozo e a lei por via de uma universalização da exceção – não muda o apagamento libidinal do pai sedutor, menosprezado por Freud e também por Lacan.

Apesar disso, é essencial reconhecer que a dimensão do pai que organiza e possibilita também é fundamental para a constituição psíquica. Porém, o pai de que falamos não articula, não interdita, não possibilita, ao contrário, ele desorganiza, violenta e parasita a esfera inconsciente do sujeito. Desse modo, vamos retomar o pai que interessa e os desdobramentos sobre o feminino que nos fazem chegar até a psicose.

3.4.2 Retomando os caminhos da sedução até a feminilidade

O pai sedutor, segundo Jacques André, coloca em curso uma série de representações e processos inconscientes que fazem aparecer a vagina como zona erógena parasitada pela libido ainda nos tempos precoces de desenvolvimento da criança. Daí a necessidade encontrada por Freud de apagar o papel teórico do pai libidinal, já que a vagina também precisava ser apagada dentro do percurso de desenvolvimento do pensamento freudiano sobre a feminilidade. Esse pai, muitas vezes ligado ao pai da realidade perversa, aparece em poucos momentos da obra de Freud como pai da generalidade dos amores edipianos (André, 1996), isto é, em sua real função universal na composição dos processos de funcionamento do inconsciente. Esse é o pai viril, sedutor, que faz da criança um corpo orifical penetrado, sem que para isso contribua nenhuma prática perversa.

Desse modo, para que se consiga atingir alguma verdade sobre os processos de sedução, é preciso que se abandone a lógica de patologização da sexualidade, sem que com isso se perca a qualidade inconsciente perversa, polimorfa e traumática da sexualidade. Sendo assim, é possível considerar que, mesmo na dimensão da monstruosidade do abuso sexual, o inconsciente é decisivo: “O estupro de uma criança por seu pai, as carícias eróticas de uma mãe, só são sedutoras porque veiculam o enigma do desejo inconsciente do adulto” (Laplanche, 1988, p. 123). Não fosse isso, os atos de perversão do adulto perderiam sua qualidade violenta e terrível e se tornariam meros atos de selvageria, naturalizados, tão presentes na prática do animal humano, quanto na prática de outros animais. É preciso considerar, dessa forma, que quando Freud restringe o papel do pai sedutor ao do pai abusador “ele só fez evocar o excesso monstruoso de uma situação de sedução originária, constitutiva do par adulto-criança” (André, 1996, p. 99).

Freud começa a vislumbrar os processos que posteriormente Laplanche viria a associar à sedução generalizada quando considera a importância dos cuidados maternos, mas isso ocorre de forma bastante restrita. A teoria da sedução generalizada cumpre a função fundamental de conferir a essa experiência seu caráter universal na experiência humana, antes mesmo que se possa dizê-la patológica. Para Jacques André, a qualidade universal da sedução liga-se diretamente à universalidade da posição feminina de passividade infantil e é, sem dúvida, nessa esfera que a sedução e a feminilidade se entrelaçam de forma decisiva na

constituição dos processos inconscientes. Desse modo, retomaremos alguns pontos da teoria laplancheana para tentar estabelecer elementos que evidenciem essa importante relação.

Como já procuramos demonstrar, a sedução reúne aspectos inconscientes diversos, mas, dentre eles, podemos afirmar que o mais relevante é conferido pela natureza passiva da criança diante da sexualidade inconsciente do adulto. O próprio Freud dá ênfase à passividade da criança em relação à sedução adulta. Mesmo nos casos de neurose obsessiva, nos quais uma cena de atividade sexual agressiva está presente, Freud consegue traçar um momento anterior em que a passividade prevalece, evidenciando o modo como a repetição ativa das cenas parece estar ligada à tentativa de elaboração do trauma por parte do sujeito (Laplanche, 1992a).

Laplanche é enfático em tornar essa “característica, a mais essencial, pois que define a própria sedução: a passividade da criança em relação ao adulto.” (Laplanche, 1988, p. 110). Por excelência, a posição do sujeito na cena de sedução é sempre a de passividade, e é também por isso que “a sedução é descrita como ‘agressão’, irrupção, intrusão, violência.” (Laplanche, 1988, p. 110).

A interação adulto-criança é sempre desigual, já que o sexual faz aparecer a diferença dos pesos na balança simbólica dessa relação, na qual “há um sedutor e um seduzido, um desviador e um desviado, conduzido para longe das vias naturais: ‘a traviata’, ‘a desviada’, ‘a desencaminhada’, ‘a seduzida’.” (Laplanche, 1992a, p. 111). A qualidade passiva da posição infantil diante do adulto ocorre ainda que haja uma atividade de simbolização no psiquismo da criança, uma vez que essa tentativa de tradução é sempre insuficiente.

A defasagem entre o sexual do adulto e a capacidade de simbolização da criança é o elemento central na formação do trauma. Laplanche (1922a) iguala esse confronto entre os universos adulto e infantil ao conflito presente na gênese de uma neurose traumática, na qual o sujeito se encontra desprovido dos mecanismos defensivos necessários para simbolização do núcleo de conflito com o qual é confrontado. Desse modo, é o estado de insuficiência, de imaturidade da criança que a coloca em posição vulnerável à efração traumática do sexual.

A criança colocada diante da sexualidade adulta é apassivada pelo confronto com algo absolutamente estranho e inassimilável, sendo tomada por um elemento em estado bruto, que permanece em estado selvagem enquistado em seu psiquismo. Como fica evidente, a sedução precoce inclui a dissimetria atividade/passividade, colocada principalmente em relação à completa fragilidade da criança diante do movimento de efração sedutora do adulto, (Laplanche, 1992a).

Jacques André não é menos cuidadoso ao afirmar a importância da passividade originária da criança. Para ele é essencial que consideremos que “A criança é tomada pela tormenta do sexual muito além do que sua ‘resposta’ auto-erótica lhe permite aplacar. A criança é penetrada por efração” [itálicos do autor] (André, 1996, p. 98).

Para além da passividade presente na sedução originária, o autor enfatiza como a criança apassivada/seduzida encarna a posição feminina para o adulto: “a criança-seduzida é uma criança-cavidade, uma criança orifical” [itálicos do autor] (André, 1996, p. 98). Retomando o caso Homem dos Lobos, ele aponta como “à passividade estupefata da criança ‘sucede’ uma participação passiva, erógena, na cena” (André, 1996, p. 105) de modo que nunca é possível separar os dois pólos passividade/atividade. Isso porque o psiquismo responde continuamente tentando fazer uma retomada ativa do conteúdo invasivo. É o que parece ser decisivo na composição reativa da fantasia de dominação da mulher elaborada pelo Homem dos Lobos.

Diferentemente da passividade originária, que tem lugar na realidade dos cuidados ofertados à criança, a passividade pulsional não pode ser isolada sem gerar alguns impasses, dada sua natureza dúbia. Para começar, não é possível separá-la em pares opostos, ela se inscreve no mesmo sujeito (homem ou mulher) e não pode ser resumida à natureza sexual da posição agente/paciente assumida na relação entre dois parceiros amorosos. Nesse sentido, Jacques André destaca que “a mulher que fantasia uma agressão (sexual) é, ao mesmo tempo, a agredida e a autora da fantasia” (André, 1996, p. 106).

Jacques André formula sua concepção sobre a passividade afirmando que “sejam quais forem os transbordamentos de atividade previamente exibidos durante o ato sexual, todo o mundo é passivo diante do gozo, diante do orgasmo, arrebatado, nem que seja por um instante, pela pequena morte” (André, 1996, p. 108). Nesse sentido, a passividade psíquica é primária, arcaica, e a atividade é resposta indissociável que funciona como uma “elaboração-distanciamento dessa passividade nuclear” (André, 1996, p. 108).

Tentando definir dimensões e momentos diferentes de vivência da passividade, Jacques André faz uma diferenciação ainda mais complexa. Ele considera que o alvo pulsional passivo é, portanto, uma retomada ativa, que surge em resposta à passividade do eu frente ao ataque pulsional – o ataque do corpo estrangeiro que habita os porões do inconsciente – mas este é, também, um momento de maior estruturação psíquica, posterior ao momento de passividade originária do recém-nascido colocado diante da sedução do adulto. Temos, assim, três esferas de passividade: o alvo pulsional passivo, o eu apassivado e a passividade originária.

É contra todo esse excesso passivo que a recusa da feminilidade responde defensivamente na esfera psíquica. Na esfera social, essa resposta defensiva se mistura a uma teia cultural que faz da mulher o objeto passivo/castrado e dominado, radicalmente diferente do homem do ponto de vista imaginário. “Sofrimento feminino e dominação viril formam um velho par, um dos sexos exigindo do outro, o ‘fraco’, que ele represente sozinho a ferida” (André, 1996, p. 111).

No texto freudiano, encontramos o modo como a diferença anatômica e a “atrofia” clitoridiana se associam à lógica falicista na descrição de uma feminilidade marcada por uma sexualidade inativa, ferida e frustrada pela castração. Essa é a feminilidade marcada pela lógica de dominação do gênero que não nos interessa. Mas os percursos psicanalíticos freudianos (André, 1996) também sinalizam para uma passividade pulsional constituinte dos processos de subjetivação da sexualidade do homem e da mulher.

Ampliando as ideias freudianas, Jacques André (1996) propõe que inicialmente o menino e a menina vivenciam uma passividade pulsional aterrorizada, própria da condição inicial de ser invadido-originário, efractado. Essa passividade pulsional é posteriormente convertida em prazer. Na menina, há a transformação da passividade aterrorizada em prazer com a participação consentida na penetração, de modo que a passividade permaneça. No menino, ocorre uma passagem da passividade aterrorizada para a atividade carregada de desejo (de ser penetrado ao penetrar). Desse modo, pode-se afirmar que com “O encadeamento das posições seduzida e feminina, fica-se em um plano estrutural: o ser-efractado da criança seduzida antecipa-se ao ser penetrado da feminilidade e o perfila.” (André, 1996, p. 99). Temos assim dois momentos: ser-efractado / invadido-originário e ser-penetrado, que representam uma passagem tradutiva de uma posição de passividade absoluta para uma retomada ativa na esfera da vivência sexual do gozo para ambos os sexos.

A sedução originária inclui nos processos de constituição do inconsciente a primazia do outro e, como tal, o arranjo imaginário das fantasias do adulto. Desse modo, o conhecimento da vagina e as representações do interior feminino estão necessariamente presentes no inconsciente adulto. No plano dos cuidados ofertados à criança, ainda que não nomeada, ou evitada na tentativa de não ser tocada, a vagina é marcada pelo significante enigmático implantado pelo adulto. A marca significante se dá por via de um código

sem sistema de interpretação comum, principalmente de maneira extraverbal, tal é a função das mensagens adultas, desses significantes [...] simultânea e indissociavelmente, enigmáticos e sexuais: comprometidos [...] pelas fantasias sexuais inconscientes mobilizadas nele [no adulto] pela sua relação com a criança. (Laplanche, 1992b, p. 16).

Nesse processo, no qual as mensagens enigmáticas são injetadas na criança pela via da linguagem e pela via do ato, dá-se a “ancoragem do significante no somático” (André, 1996, p. 100), algo essencial para gênese das zonas erógenas.

O pai sedutor tem uma participação importante na fundação precoce da erogeneidade vaginal. Jacques André (1996) destaca que o seio da mãe é, antes de qualquer coisa, um objeto da sexualidade adulta, sexualidade genitalmente dominada. “Nenhum texto, nenhuma alusão, mesmo de Freud, leva em conta a excitabilidade do seio feminino, não somente no aleitamento, mas simplesmente na vida sexual da mulher” (Laplanche, 1992b, p. 15).

Nesse sentido, é preciso interrogar quais as representações que povoam o inconsciente materno quando a mãe introduz o seio na boca da criança. A primazia do outro introduz representações genitais na relação adulto-criança, de tal modo que a felação antecede no inconsciente materno a mamada, veiculando a representação pênis-seio. É assim que o pai sedutor é introduzido na relação mãe-criança por via de algo que está representado no inconsciente materno.

Além do inconsciente materno, a presença do pênis penetrante do pai povoa também o insciente adulto, sobretudo o do próprio pai “o desejo paterno, desejo sedutor, efractante, cria para a psique da criança aquilo que existe” (André, 1996, p. 104). Essas representações que traumatizam a criança em função do seu excesso sexual criam, pouco a pouco, o excedente recalçado da feminilidade primária, o corpo estrangeiro que parasita o funcionamento psíquico dos sujeitos. Jacques André afirma assim que a ação penetrante do pênis paterno, presente nas fantasias inconscientes do adulto, é a fonte originária da psicosexualidade infantil, da gênese sexual da feminilidade, o que não quer dizer que as fantasias sexuais adultas se mantenham fiéis à anatomia. Pelo contrário, nada impede que a vagina despertada pela fantasia de penetração paterna volte-se mais tarde para os prazeres sexuais em uma relação homoafetiva, nem que a ação excitante dessa fantasia fixe o menino em uma relação equivalente, na qual o prazer anal seja privilegiado na relação sexual com outro homem.

Assim como essas representações do adulto operam para o despertar sexual precoce da vagina, é preciso lembrar que, durante a infância, a excitação vaginal é garantida também pela estimulação da parede reto-vaginal (André, 1996). Entretanto, como já consideramos, isso não é o mais definitivo na psicogênese erótica vaginal – dizer o contrário seria novamente endossar uma explicação biologizante, que fecha o corpo em si mesmo na tentativa de esclarecimento das origens da sexualidade inconsciente.

3.4.3 Associações entre o Masoquismo e a Feminilidade

Como se pode notar, o masoquismo secundário é recheado de representações associadas à tríade edípica e, também por isso, parece ser uma resposta mais estruturada à posição de passividade originária. Em um plano mais primário, o masoquismo originário pode ser atrelado, de forma diferente, ao gozo proveniente de uma co-excitação libidinal ligada à dor e às inscrições traumáticas da sexualidade adulta no corpo da criança. Dessa maneira, o masoquismo primário “supõe a dor física ou psíquica (nascida de uma efração: do limite corporal, do limite do eu) com uma excitação sexual.” (André, 1996, p. 113). Por envolver uma defasagem na balança sexual adulto-criança, a efração do outro no corpo infantil sempre envolve elementos traumáticos e dolorosos.

Jacques André aponta o modo como a passividade e a feminilidade são esferas essenciais para o entendimento da temática do masoquismo também em uma lógica de simbolização. O masoquismo secundário já supõe um nível de elaboração do plano da passividade violentada do corpo infantil objetalizado pelo afeto adulto. É possível perceber, em relação ao masoquismo secundário, que a fantasia de espancamento representa uma construção incestuosa, fonte de sofrimento para criança. Desse modo, a fantasia carrega uma qualidade de culpa da criança evocada por uma primeira elaboração. Nessa lógica, a fantasia cloacal/genital começa a ser associada com a representação do pai agressor/penetrador, que, ao mesmo tempo em que goza do corpo infantil de forma penetrante, o penaliza pelo desejo sexual representado na fantasia.

Em suma, é possível considerar que o masoquismo, a sedução e a feminilidade em suas origens enraízam-se de forma indissociável nos processos que compõem a experiência da criança em desamparo nos momentos originários. Esse momento de efração, que ultrapassa a capacidade de assimilação da criança, é o momento zero para Jacques André (1996). Ele é seguido de um movimento de recalçamento quase indissociável desse momento anterior. A excitação presente nesse processo é vivida de forma masoquista, fruto de um ataque interno do corpo estranho, que se diferencia pelo ato de recalçamento. Dentro desse circuito, o eu aparece apassivado pelo perigo que lhe ameaça de dentro, defendendo-se de forma contínua contra aquilo que lhe surge como inaceitável.

3.4.4 Algumas possibilidades de representação da feminilidade

A sexualidade inconsciente e traumatizante do adulto se insere na criança de forma mais importante por via dos orifícios do corpo. Isso de tal modo que a penetração do psicossoma da criança ganha *a posteriori* a representação genital (vaginal/anal) na mulher e no homem. O corpo pulsional estrangeiro se associa à fantasia de penetração do pênis paterno. Assim, temos um salto na estruturação defensiva do conteúdo primário da sedução originária: o corpo que ataca de dentro passa a ser representado na esfera dos amores edípicos na fantasia de espancamento/penetração que se associa com a figura do pai sedutor. Há, desse modo, uma esfera de elaboração psíquica que caminha do corpo efractado, do invadido originário, para o corpo penetrado pelas fantasias associadas ao pênis do pai sedutor.

“A feminilidade primária constitui uma primeira representação da passividade da criança diante da efração que caracteriza a situação traumática de sedução” (André, 1996, p. 115). Por estar próxima à sedução e à passividade originárias, essa feminilidade tem como destino o recalçamento.

A mulher encarna no corpo uma proximidade obscura com esse recalçado: “Como lugar de penetração, a vagina presta-se a retomar, a simbolizar a intromissão da sexualidade adulta no psicossoma da criança” (André, 1996, p. 115). Jacques André (1996) parece defender que a anatomia é destino e que a mulher tem na natureza das formas do corpo, no corpo receptáculo, a abertura que a coloca inevitavelmente ligada ao corpo orifical originário.

Isso quer dizer que existe de fato uma opacidade em relação à sexualidade feminina que não pode ser totalmente superada. Jacques André associa essa obscuridade atribuída à feminilidade ao impasse dentro/fora relacionado à constituição dos mecanismos psicossomáticos e à própria constituição anatômica da vagina. Entretanto, tenderíamos a defender de forma mais enfática uma ideia também esboçada nas teorizações de Jacques André de que essa dificuldade de transparência da feminilidade se liga ao horror da posição de exposição absoluta presente nos momentos iniciais do desenvolvimento da criança. Essa posição, tão intimamente integrada à posição feminina originária, pode ser facilmente associada ao corpo efractado pelo outro, principalmente, se, na própria constituição do sujeito, a atividade sexual, em sua ampla acepção, estiver fixada a uma condição de simbolização

precária da participação consentida na penetração, isto é, se a retomada ativa da vivência sexual não estiver estabelecida.

O parentesco da anatomia feminina com a posição penetrada guarda sim uma interioridade enigmática, “a invisibilidade dos lugares excitados” (André, 1996, p. 115). Entretanto, para o menino, o erotismo anal não cumpre uma função menos enigmática e devastadora; nele o orifício anal porta as representações cloacais, primitivas, as mesmas que se localizam orificalmente na vagina. Em ambos, o psiquismo precisa promover uma retomada ativa das inscrições sexuais deixadas nessas zonas erógenas, para que o gozo sexual ganhe a qualidade associada à participação do desejo ativo do sujeito, ainda que para alcançar um alvo pulsional passivo.

Desse modo é que a anatomia parece ser capturada em uma série de representações sobre a passividade do corpo que acabam por serem localizadas no lado feminino como atributo do gênero, como “‘algo diferente’ que associa sedução, fantasia e excitação e que não autoriza a desprezar a anatomia” (André, 1996, p. 104). Contudo, é preciso considerar que os processos de simbolização e de produção da cultura se inserem nesses mecanismos de forma decisiva, permitindo uma cristalização ou uma transformação radical dos conteúdos associados à feminilidade.

Partindo das pistas anatômicas do corpo, de sua obscura interioridade, bem como do estrangeirismo fantasmático do psiquismo, é possível constatar que a feminilidade originária é aquela que se funda com a recusa do outro no interior. Ela abre o caminho para o desenvolvimento posterior da feminilidade em sua dimensão psicosexual. O outro sexo, outro do outro, homem ou mulher, é por excelência o sexo feminino, o feminino colocado no cenário da sedução originária, do corpo efractado pela sexualidade adulta. Nesse mesmo raciocínio, o falo, como operador simbólico, tal como o Lacan o diria, é o agente oficial pelo “mesmo”, pela anulação da alteridade, com o primado de um, dentro de uma lógica que busca por um corpo imaginariamente unificado e fechado (André, 1996).

A associação entre feminino e recalcado tem relação com uma esfera de fragmentação e desligamento, inaceitável para os processos de unificação narcísica. Para retomar o pensamento laplancheano sobre as lógicas de funcionamento do aparelho psíquico, é possível considerar que a feminilidade opera com a lógica fragmentadora do descentramento copernicano e o falicismo com a lógica unificante do recentramento ptolomaico. Frente a essa operação, a angústia de castração poderia ser tomada como uma resposta elaborada ao ataque pulsional do corpo estranho que, voltada para uma representação externa da perda de uma “parte visível”, tornar-se-ia mais suportável para o sujeito (André, 1996). Essa concepção

reafirma a noção de que nos amores edípicos, e na ameaça de castração despertada por eles, a feminilidade originária recebe uma importante parcela tradutiva.

De forma geral, Jacques André elabora uma teoria explicativa, que associa a intrusão sexual do adulto no psiquismo infantil à feminilidade originária e à feminilidade das origens, a partir dos primeiros processos de simbolização e recalçamento presentes no desenvolvimento da psicosexualidade da mulher e do homem. No percurso de elaboração desses conteúdos, a fantasia de espancamento e a presença do pai sedutor assumem um lugar central. Assim, é possível considerar que no processo de simbolização desses tempos originários, o pai também é deslocado das representações iniciais do adulto sedutor para o lugar do pai penetrador da fantasia. É uma mudança

do 'ele intromete' para o 'sou submetido(a) ao coito pelo pai' (enunciado da feminilidade infantil), mediante as primeiras ligações de Eros e as primeiras elaborações da psique, que separam o originário de uma organização libidinal, de uma outra dessas posições, *o caminho está profundamente traçado*. [itálicos do autor] (André, 1996, p. 99).

O pai originário, o adulto dos primeiros tempos de cuidado da criança orifical, é o pai da sexualidade efractante, que, quando associado à série fantasmática ligada ao complexo de Édipo, em um segundo tempo, torna-se o pai penetrador das representações do coito e das fantasias genitais. Esse é o plano estrutural da constituição psíquica no qual o ser-efractado da sedução originária abre caminho para um segundo momento de maior organização psíquica (André, 1994), o ser-penetrado da feminilidade. Do mesmo modo, é nesse plano que a feminilidade originária associa-se de forma definitiva à feminilidade das origens.

4 ENTRE AS PSICOSES E A FEMINILIDADE

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
 Qual a Sorte a não dá.
 Não coube em mim minha certeza;
 Por isso onde o real está
 Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
 Com o que nela ia.
 Sem a loucura que é o homem
 Mais que a besta sadia,
 Cadáver adiado que procria?

Fernando Pessoa

A partir do percurso de pesquisa feito até aqui, é possível localizarmos alguns pontos que nortearam nossa investigação. Em um primeiro momento, tentamos destacar alguns aspectos que caracterizam o campo fenomenológico das psicoses. Com a contribuição de Clérambault e de Lacan, tentamos definir como o automatismo mental, ou os fenômenos elementares, como encontramos na obra lacaniana, tem a qualidade autônoma, atemática e neutra, na qual podem se enraizar vários delírios secundários. “O automatismo mental é, portanto, um conceito que permite agrupar tudo que provém da influência externa sobre o sujeito” (Harari, 2006, p. 13). Lacan teria se apropriado dessa noção para evidenciar os efeitos parasitários da linguagem no funcionamento psicótico, elevando a importância de uma grande estrutura na formação dos processos delirantes. Dentre as características que comporiam essa estrutura é essencial destacar seu conteúdo essencialmente neutro, seu caráter não sensorial e sua função primária. Com o caso K, tentamos colocar em evidência como essa estrutura atua no funcionamento psíquico dos sujeitos.

O pensamento entificado, como enunciação independente, poderia ser tomado em um momento primário em seu caráter puramente neutro e de forma absolutamente estrangeira para o sujeito. Ao que parece, essa noção retoma a qualidade desorganizadora da presença desse corpo estrangeiro no psiquismo, de algo de natureza disruptiva que irrompe do funcionamento psíquico. Como Lacan (1981/2008) bem destaca, “o que caracteriza as relações do sujeito [psicótico] com o exterior é antes a perplexidade” (p. 63), isto é, sua

passividade, sua vulnerabilidade diante de algo que se desprende do interior. Para o autor, a linguagem desempenha uma função independente no psiquismo deixando o sujeito psicótico como expectador apassivado “É sem dúvida ela que fala, mas há ali uma outra estrutura [...] ela fala de alguma coisa em que continua assim mesmo envolvida, em suma, ela testemunha” (Lacan, 1981/2008, p. 51). Isso quer dizer que a língua fundamental ou o dizer psicótico, segundo Lacan, limita o sujeito a uma posição objetal, de expectador passivo dos próprios processos mentais automatizados. Resta saber a etiologia desse processo, isto é, como ele se associa à feminilidade originária.

Depois de estabelecer, principalmente a partir da metodologia de construção do caso, quais aspectos da psicose devem ser considerados para tratarmos da questão da feminilidade, tentamos definir, em um segundo momento, alguns conceitos sobre a feminilidade. Conceitos que se entrelaçam de forma complexa para compor o quadro temático sobre as feminilidades, no qual se envolvem a experiência sexual dos sujeitos e as representações sócio-históricas erigidas pela cultura. Para retomar um pouco desse percurso, lembramos que a concepção de feminilidade da teoria freudiana sofreu uma contaminação decisiva das noções sociais que sustentavam a cultura oitocentista. Dentro da perspectiva mais interna da produção teórica da psicanálise, a feminilidade tornou-se um discurso masculino, falocêntrico, normatizado pela noção edípica da primazia do sexo único, apesar da tentativa paradoxal de sustentação da importância da diferença sexual.

Contudo, na teoria freudiana também estão traçados os caminhos para conceituação de outra feminilidade. Freud abre esse percurso ao universalizar a importância dos processos pré-edípicos, conferindo maior valor também à investigação das fantasias de espancamento. A partir da consideração da importância dessas fantasias, Freud acessa o conteúdo masoquista, a passividade violentada da criança, e a posição sedutora do adulto espancador, também elevando teoricamente o papel da alteridade na formação do inconsciente da criança.

Esses são os pontos teóricos tomados por Jacques André, que, associados à teoria laplancheana, formam a base conceitual da feminilidade originária. Considerando a obra do autor sobre “*As Origens Femininas da Sexualidade*” (André, 1996), foi possível destacar algumas dimensões importantes que concorrem para a composição dos conceitos sobre o feminino de nosso interesse. Como modo de definir de forma mais clara como podemos diferenciar e entender as distinções que podem ser estabelecidas entre a feminilidade originária e a feminilidade psicosexual das origens, podemos ainda acrescentar algumas reflexões que não estão claramente traçadas na obra de Jacques André.

A feminilidade originária, diretamente associada ao corpo efractado dos momentos mais primitivos do desenvolvimento psíquico da criança, funda-se como elemento universal da recusa do outro no interior do psiquismo, fazendo existir em um só movimento o corpo orifício da criança e o corpo recalcado como elemento que penetra o sujeito de dentro. A partir dessa operação inconsciente, são inaugurados os processos originários que determinam a formação da organização genital sexual para o menino e para a menina. Assim, a vagina e o pênis assumem seu lugar de importância sendo investidos pela pulsão em uma retomada ativa, de natureza defensiva para o psiquismo. Antes disso, é preciso lembrar, está colocada a passividade originária do corpo da criança diante da intrusão sexual do adulto.

Considerando esses mecanismos, Jacques André esclarece como o processo de fechamento/recalque do corpo efractado nos porões do inconsciente possibilita a abertura do sujeito para os caminhos de satisfação da sexualidade genital. Desse modo, a feminilidade psicosexual se funda por via da participação ativa da menina no uso penetrado do orifício vaginal e, do mesmo modo, para o menino, no uso ativo e penetrador do pênis – é preciso evocar aqui a noção de que o corpo penetrado é também um objeto de identificação para o homem.

De forma um pouco mais cautelosa que Jacques André, entendemos que é desnecessário considerar a separação de forma fixa das posições masculina e feminina de satisfação da libido em relação ao uso da sexualidade genital. O corpo, para o inconsciente, comporta de forma indissociável as duas posições de gozo (penetrar/ser penetrado), e essas posições não necessariamente se ligam à categorização masculino/feminino. Logo, ainda que a sexualidade alcance uma organização genital, com uso prazeroso do órgão, não podemos defini-la *a priori* como psicosexualidade masculina ou feminina.

Sabemos que as identidades de gênero, os atributos e papéis sociais, enraízam-se sobre esses processos originários ainda em momentos muito precoces, nos quais já estão presentes os determinantes da cultura a compor uma precária normatização do uso sexual dos corpos. É necessário entender, entretanto, que o inconsciente opera de forma persistente para violar as tentativas culturais de cristalização das formas de satisfação pulsional.

Pensar a psicanálise nesses termos é também uma tentativa de considerar que a “nova cartografia teórica das normas de gênero permite afrouxar a relação entre identificação e desejo, já que as trajetórias subjetivas produzem deslocamentos e substituições que não necessariamente se ajustam aos modelos ditos normais da sexuação” (Arán, 2009, p. 669). Isso pressupõe considerarmos, por exemplo, que nos jogos edípicos de satisfação da sexualidade uma mulher possa orientar seu desejo fantasmático pelo pai para uma outra

mulher ou substituir seu desejo pela mãe por um homem. Essa diversidade de satisfação da libido nos obriga a considerar “um certo entrecruzamento de desejos heterossexuais e homossexuais” (Arán, 2009, p. 669).

Finalmente, antes de seguirmos em frente, é preciso dizer de forma mais clara porque entendemos que o termo feminilidade é empregado por Jacques André para conceituar a formação sexual do corpo orifical originário, isso sem que ele confira à sua teoria a qualidade normativa e limitada que encontramos em Freud. Para Jacques André, a anatomia é destino para os corpos porque a efração da sedução adulta no corpo da criança é universal, os orifícios são para ambos os sexos uma zona de trânsito libidinal. No caso da mulher, a cavidade anatômica tem uma qualidade ainda mais decisiva porque orienta os processos de organização genital. Daí sua escolha pelo termo feminilidade originária para nomear os processos de efração do corpo originário, isto é, em função de sua proximidade com a natureza orifical determinante do corpo da mulher.

Depois de traçadas essas considerações, podemos nos concentrar em pensar as relações da feminilidade originária com as psicoses. Para nos aprofundarmos no entrelaçamento dessas duas temáticas, faremos uma nova exposição de um caso clínico.

4.1 Caso H.

H, 62 anos de idade, teve três passagens pelo hospital, somando quase quatro meses de internação. Na última delas, evoluiu em 24 horas para óbito, após ser constado um quadro grave de choque séptico (síndrome de resposta inflamatória sistêmica secundária a um quadro primário de infecção). Foi acompanhada pela psicologia em duas internações, principalmente nos momentos finais que antecederam sua morte.

Objeto de muitas discussões nas reuniões semanais da equipe de cuidados paliativos, H era descrita pelos profissionais como ex-presidiária, com passado de tuberculose, vivência de rua e prostituição. Apresentava anemia, múltiplas alterações renais, desidratação, rim único (nefrectomizada há 30 anos após acidente de carro), acamada havia menos de um ano, com quadro metastático em fase diagnóstica, ex-drogadita, ex-etilista e ex-tabagista. Para a equipe, H deixava entrever a relação homoafetiva apenas por via dos laços estabelecidos sempre com figuras do mesmo sexo e pela presença inicialmente mais investida de uma figura

a quem chamava de amiga – mas ela mesma nunca mencionava diretamente a orientação do próprio desejo.

Nem mesmo nos atendimentos com a psicologia falava sobre sua orientação sexual. Marcava o distanciamento precoce estabelecido com a família, sem figuras nomeadas. Sustentava uma recusa decidida em relação a qualquer sugestão do serviço social de resgate do contato com familiares.

Segundo relato do serviço social, H estabeleceu seus laços sociais na vivência de rua, por via da pactuação mortífera do uso de substância psicoativas; dentro da prática de prostituição e por via da passagem por instituições sociais de acolhimento da mulher em situação de vulnerabilidade social. Em poucos momentos da internação, H recebeu a visita de algumas poucas figuras, todas oriundas dos vínculos estabelecidos em programas sociais.

Única moradora de um barraco cedido de favor, foi despejada durante o período de internação, sendo acusada de ser uma figura manipuladora, exigente e hostil. Aos poucos, a situação de desamparo foi sendo definida pelo processo de exclusão social e absoluta fragilidade fortalecidos pela internação. Sem ter construído um lugar razoável no desejo do outro, sem contar com esse investimento vital de cuidado para um sujeito ameaçado de forma real pela morte e sem qualquer figura responsável por seus cuidados, H foi encaminhada após a penúltima internação a uma instituição asilar – providenciada pela equipe de assistência social do hospital como resposta à demanda apresentada pela paciente. Pouco tempo depois, H retornou à instituição já em estado comatoso para a morte.

Já nas primeiras internações, H portava um corpo emagrecido, cadaverizado, esquelético, encarnava esteticamente os sinais de morte do sujeito tomado pela ação consumptiva do câncer – mais tarde diagnosticado. Foi diagnosticada pela equipe de terapia nutricional com todos os sinais clínicos de desnutrição, intolerante à dieta oral, com quadro de diarreia persistente, principalmente nos meses finais de vida.

De forma incrivelmente incomum, a paciente mantinha sua posição exigente e seu funcionamento psíquico quase totalmente preservado, sustentando-se resistente aos processos orgânicos em curso (desnutrição, quadros infecciosos persistentes, alterações renais) e aos traumas das rotinas invasivas do cenário hospitalar – fatores também tão decisivos para o desencadeamento dos quadros agudos de desorganização mental.

O humor deprimido, o choro fácil, a fala queixosa e a difícil relação com a equipe hospitalar, eram os pontos mais sintomáticos do funcionamento psíquico de H. Suas exigências de que os profissionais da equipe resolvessem suas pendências sociais também eram comuns. A equipe médica ouvia diariamente sua demanda de alta hospitalar. Mesmo em

condições orgânicas precárias e recebendo incontáveis orientações sobre os riscos envolvidos em sua saída precoce do hospital, além do conhecimento da paciente em relação à inexistência de um local de moradia e de um outro responsável por seu cuidado, H insistia em recusar o tratamento ofertado e em deixar o hospital ainda que “*para morrer embaixo de um ponte*”.

A médica responsável por seu caso costumava dizer que H tinha um tempo de “validade” no hospital, confirmando sua tentativa de manejar a paciente para controle dos sintomas até o momento suportável para ela, sempre de forma a privilegiar a alta breve. Contudo, o descontrole sintomático, o risco de morte e a falta de recursos sociais foram pouco a pouco impedindo que a equipe hospitalar atendesse as urgências psíquicas da paciente em relação ao desejo de permanência breve no cenário de internação. Essa recusa de H parecia se ligar à tentativa da paciente de não fazer existir o sintoma e a angústia de morte. Uma vez que a gravidade de seu quadro era admitida apenas pela ciência, e não em seu repertório de representações, cortar esse vínculo com a instituição parecia ser sua tentativa desesperada de apagar as representações da doença e da morte em relação à fragilidade do corpo. A ambivalência de H em relação ao hospital era evidente. Quando os sintomas alcançavam o nível do insuportável, H se internava com o imaginário da cura e o desejo de alívio do corpo, sempre desconsiderando a gravidade mortífera do processo em curso. Diante da resposta insuficiente do outro, em função da impossibilidade de cura da doença e da irreversibilidade dos sintomas, H adotava a posição de queixa fazendo aparecer no outro a própria falta, recusado no corpo a dimensão de morte e de adoecimento.

Durante quase todos os atendimentos com a psicologia, H se apresentava organizada. Orientada no tempo e no espaço, com humor deprimido, chorosa, lentificada, com o tom de voz desinvestido, sem outras alterações significativas das funções psíquicas e com crítica preservada.

Já no primeiro atendimento H chorava muito, durante todo o tempo. Angustiada falava do desânimo e da desistência. Queixava-se da falta de soluções médicas para seu quadro clínico. Marcava sua demanda pela cura do processo de doença. Descrevia dores insuportáveis pelo corpo. Falava com grande pesar da perda funcional do corpo, sobretudo da perda da capacidade de marcha. Localizava o próprio desamparo, sem nomear figuras familiares, apenas amigos já falecidos. Não falava da hipótese diagnóstica de Câncer em investigação pela equipe médica; aliás, falava da palavra médica apenas para apontar sua insuficiência, recusando a gravidade da própria doença.

Apesar de não elaborar sobre o processo da doença, H deixava entrever sua angústia de morte por via do endereçamento de um discurso lacunar, defensivo, povoado por um afeto

desprazeroso, visivelmente sem representação suficiente na palavra. Chorosa, H queixava-se da inércia do corpo e do enigma associado à definição diagnóstica, como se nada soubesse, apesar de receber diariamente várias informações da equipe médica. Em relação ao tratamento, a fala era sempre a mesma, isto é, não trazia qualquer elemento que pudesse representar seu saber sobre a doença. De forma inespecífica, a paciente falava sobre a realização de exames e sobre o imaginário de que o diagnóstico pudesse abrir caminho para a recuperação plena do corpo. Na verdade, o discurso de não saber sobre a doença dizia sobre seu desejo de saber somente sobre a cura.

Com a posição de queixa, H depositava no outro da ciência o saber e a responsabilidade absoluta sobre o sintoma, recusando qualquer possibilidade de negociação e consideração da fragilidade irreversível do corpo.

Ao fazer sua existência passar apenas pela exigência de soluções para seu quadro de doença e diante do quadro real de devastação do corpo, H fechava-se para o relembrar elaborativo que a palavra possibilita. Em pouquíssimos momentos, H falava da passagem em outras instituições hospitalares, fazendo uma associação culposa entre o uso abusivo de álcool, e em menor proporção de outras drogas, e a situação de adoecimento. Esboçava, nesse momento, um dos poucos movimentos de implicação com o desgaste produzido no corpo pelo próprio funcionamento mortífero sustentado durante anos de vivência nos espaços de rua. Falava do uso de outras drogas, mas elevava apenas o sintoma etílico ao registro da dependência química. Afirmava o abandono do vício há alguns anos. A vivência no sistema presidiário também era mencionada de forma evasiva.

Diferentemente dos sujeitos tomados pela vivência de rua e pela toxicomania que apagam do corpo a dimensão de auto-preservação, H mantinha-se preocupada com o autocuidado. Sempre muito articulada, cognitivamente preservada, administrava, de dentro do hospital, por via do uso do aparelho celular, o benefício previdenciário que recebia, valendo-se dos poucos laços de afeto que até então havia conseguido preservar. Vínculos que se diluíram durante o processo de internação. Mas, ao mesmo tempo, repetia o modo de funcionamento erigido na relação com instituições sociais, voltando à posição demandante do sujeito confortavelmente habituado a encarnar o lugar de pedinte para o outro, à espera de respostas assistencialistas e sem considerar as possibilidades reais envolvidas em sua situação.

É preciso considerar que H se defendia da morte por via da concentração de seu investimento no apontamento da insuficiência da atuação da equipe de saúde. Apenas desse modo o sintoma do corpo era considerado, mas a dimensão da morte, não. A posição de recusa da doença, que inicialmente parecia ser um impeditivo para direção de tratamento,

passou pouco a pouco a alimentar a posição que permitia o movimento de desejo e de vida para a paciente, que nunca abandonava sua forma exigente de endereçamento.

Também diferentemente dos pacientes apassivados pela objetualização produzida pelas rotinas de cuidado hospitalar e pela própria fragilidade do corpo, H não se abatia, nunca calando a primeira forma de laço estabelecida pelo sujeito com o outro: H não silenciava sua demanda. Nos momentos de maior apatia do corpo, em que até a voz se encontrava desvitalizada, a posição reivindicativa, por muitas vezes hostil, parecia ser o mecanismo defensivo que preservava seu funcionamento mental, tornando-se o único movimento de vida possível.

Havia nessa forma de endereçamento ao outro, a retomada e o investimento ativo da pulsão contra os mecanismos de morte e o apassivamento inevitável em curso. Desse modo, H assegurava a preservação de seu funcionamento mental, recusando de forma evidente a angústia de morte, as perdas funcionais e a realidade traumática ao seu entorno. Por manter esse comportamento, era classificada pela equipe como uma pessoa manipuladora.

Como bem observado por Jacques André, é preciso considerar as fantasias que se associam ao leito de um hospital: “a posição deitada lhe evoca em demasia: uma operação cirúrgica [...] seu corpo despido, antes de ser aberto, e, atrás [...], o médico, pondo as mãos em suas têmporas” (André, 1996, p. 143). Processos que são por si só traumatizantes e devastadores e que carregam de forma paradoxal a dimensão dúbia de vida e de morte.

De forma bastante interessante, esse mecanismo de defesa não foi abandonado nem mesmo nos momentos de confusão mental aguda, provocados pelos quadros recorrentes de sepse, nos quais H intensificava as queixas, fazendo com que a dimensão da morte fosse nomeada a partir de uma defesa paranoide nas manobras de cuidado da equipe vistas de forma persecutória. Apesar de enfraquecida, H transbordava um afeto angustiado, falando em tom muito baixo, quase sussurrado. Descrevia cenas em que estava sendo perseguida no hospital. Orientada no espaço, mas não no tempo, mistura dados do tempo presente com um passado recente da internação. Verborrágica, chorosa, voltava a falar da insuficiência da equipe, localizando faltas na instituição, mas com o discurso marcado por percepções delirantes e pela perseguição do outro – “*estão tentando me matar, estão colocando comprimidos no meu soro*” – apontava para o alto indicando uma mancha no frasco deixado para soroterapia. Associava o uso dos comprimidos ao agravo do quadro de diarreia, queixava-se de que lhe estavam sendo negados os comprimidos para dor. Expulsava de forma evidente os processos mentais fragmentadores que a ameaçavam de dentro, expondo seu funcionamento ao lugar de corpo psíquico violentado, oferecendo perigo à preservação dos contornos egoicos.

Elegendo figuras da equipe de saúde para o lugar odioso da transferência, descarrilhava o discurso, intensificando a ideia de conteúdo paranoide. Com riqueza de detalhes, descrevia a cena em que homens falavam em códigos sobre formas de persegui-la e matá-la dentro do hospital. Misturava-os às figuras da equipe falando de ternos de linho branco – material e cor dos uniformes profissionais –, demandando a ida para um abrigo ou para qualquer lugar longe do hospital. Falava de um prêmio para quem a tirasse do hospital e da disputa por ele entre seus perseguidores. Mistura representações.

Em momentos de maior desorganização, fazia aparecer de forma evidente à dimensão sexual do corpo penetrado pelo outro, dizendo sobre um edema vaginal. Nesse momento, descrevia a descoberta de que a enfermeira colocava um pó branco em sua genitália para produzir o inchaço da vagina. Em seguida recusava a explicação dada pela equipe, afirmando nunca ter tido alergia a fraldas.

Durante esse período de crise, H era muito clara ao dizer sobre o sentimento insuportável de ter o corpo apassivado e entregue à intrusão violenta e imaginária do outro. Deixava estampar na fala queixosa o processo de anulação da subjetividade produzido pela rotina inerente a cena hospitalar. Desorganizava-se com os efeitos do afeto angustiado. Falava da insuficiência de um outro, marcava o sentimento de desamparo e o abandono diante da devastação do corpo, da eclosão da angústia de morte e da impossibilidade de defesa contra esse outro consistente e traumatizante que garantia a oferta de cuidado ao corpo.

Depois do controle dos processos infecciosos responsáveis pela desorganização aguda da paciente, H retomou seu modo habitual de funcionamento psíquico, sustentando as queixas contra a instituição dentro de um juízo preservado de realidade e abandonando completamente a dimensão paranoide da acusação. Apesar disso, foram se agravando os sintomas psíquicos associados à prostração e à apatia do corpo. Desse modo, H seguiu demandante, mas apresentando sintomas que visivelmente diziam sobre o modo como os mecanismos de morte operavam para silenciar de forma definitiva a existência do sujeito psíquico.

De forma incomum, no momento da crise infecciosa, H produziu como suporte defensivo precário um delírio litigioso de natureza paranoide, evidentemente associado ao momento de confusão mental aguda. Mas, ainda que fosse uma defesa psicótica, contra processos desorganizadores de maior intensidade, esse mecanismo é incomum em relação aos casos gerais de confusão mental, nos quais os processos mentais estão gravemente comprometidos. Diferentemente disso, a experiência clínica costuma apontar que os pacientes nessa situação desorganizam-se de forma ainda mais severa, sem conseguir sustentar uma sistematização de ideias, em função do prejuízo do curso de pensamento. Além disso, as

funções de memória alteram-se com facilidade, fechando-se para fixação da realidade atualizada ao entorno. Os sintomas ligados diretamente aos processos de deterioração do corpo, e não aos processos de natureza conflitiva do psiquismo, eclodem, silenciando ainda mais as manifestações espontâneas do sujeito. Anorexia, sonolência, aproexia, embotamento afetivo, mutismo, enfim, o que pudermos traduzir como sendo um desinvestimento da libido dos processos secundários do funcionamento psíquico, com um silenciamento quase completo da demanda do sujeito, são processos mais comuns nesses momentos de desorganização mental aguda. Tanto é assim que esse mecanismo orgânico, que ocorre à revelia do sujeito e a despeito daquilo que ele consegue representar sobre a situação, é comumente psicologizado no discurso da equipe e associado com quadros depressivos de ordem conflitiva “*ela está se entregando*”. Mas, diante da acusação paranoide, o recuso utilizado não era o de silenciamento e nem de entrega, era de reivindicação.

Lembramos que, segundo Freud (1927-1931/1996), a passividade psíquica evoca na vida mental dos sujeitos uma resposta ativa correspondente. Desse modo, a resposta psíquica de H parece se traduzir em uma “revolta inequívoca contra a passividade e uma preferência pelo papel ativo” (Freud, 1927-1931/1996, p. 244). Nesse caso, a resposta psíquica paranoide extenuante de H, antes ligada à acusação neurótica demandante, aparece atrelada de forma evidente à passividade absoluta da paciente diante da intrusão penetrante do cuidado do outro.

Diferentemente do caso K, no caso H não encontramos facilmente a estrutura do automatismo mental, isto é, a esfera neutra e inespecífica que atormenta o sujeito. Isso porque o processo de desprendimento do pensamento fica, nesse caso, evidenciado e mais intimamente associado à atuação dos processos infecciosos do organismo. Não por acaso escolhemos a exposição desse caso clínico. Nele, ficam evidentes os mesmos processos que encontramos em uma psicose funcional, apesar de não haver dúvida de que estamos tratando de uma psicose orgânica. Surpreendentemente essa continuidade entre as diferentes psicoses fica explicitada pelo modo como na formação confusional aparecem os produtos do delírio paranoide, diretamente ligados aos processos de subjetivação presentes nas rotinas de cuidado hospitalar. Além disso, a passividade violentada e a esfera sexual penetrada das construções delirantes, também gravemente alimentada pelo trauma dos cuidados médicos, ficam claramente evidenciadas.

Essas experiências estampam no assujeitamento psíquico do paciente um elemento estranho que opera de forma vivificada, independente e automática nos processos mentais. Até o momento, fizemos um percurso pela obra freudiana orientado pela pesquisa dos elementos teóricos associados com a temática da feminilidade. Agora, tentamos retomar a

obra freudiana para realizar uma investigação mais cuidadosa sobre o texto “*O ‘Estranho’*” (1917-1918/1996), por considerarmos que esse fantástico texto de Freud reúne vários elementos essenciais que podem clarear a relação que tentamos estabelecer entre a feminilidade originária e as psicoses. Nesse processo de investigação tomaremos como norte a importância dada pelo autor à estranheira de alguns processos mentais.

4.2 O Estranho como elemento central no automatismo dos processos mentais

Esse texto de Freud é dedicado ao estudo do estranho, isto é, ao estudo de elementos da ficção e da experiência humana que se associam ao assustador, ao horror e ao medo. Para começar sua investigação, Freud faz um exame do uso linguístico desse termo em diversas línguas, comparando principalmente os termos em alemão *Unheimlich* – estranho, assustador – e *Heimlich* – nativo, doméstico. Como resultado da pesquisa, o autor acaba encontrando por verossimilhança, definições que se desenvolvem na direção de uma ambivalência, mas que terminam por coincidir em seu deslizamento semântico, de tal modo que ambos os termos têm como significação a noção de obscuridade e de ocultação de conhecimento.

Depois de obter essa constatação, que na verdade visa a sustentar a ideia de que o estranho carrega uma natureza assustadora associada àquilo que já é conhecido ou doméstico, Freud aponta o modo como um elemento conhecido pode ser “acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 239). O autor confere maior valor a sua investigação percorrendo textos literários e aspectos da experiência.

Inicialmente, Freud destaca a esfera do estranho associada ao enigma sobre os autômatos, quanto ao fato de um objeto inanimado poder ganhar vida, e o efeito aterrorizante, para o observador, dos acessos epiléticos e as desorganizações psicóticas “porque excitam no espectador a impressão de processos automáticos e mecânicos, operando por trás da aparência comum de atividade mental” (Freud, 1917-1918/ 1996d, pp. 244 -245).

Esse efeito aterrorizante nos interessa especialmente.

É necessário destacarmos a centralidade dessas situações nas quais o sujeito parece estar apassivado, dominado por um mecanismo do próprio corpo ou psiquismo. Lacan (1981/2008) toma essas situações para dizer que na psicose “O que caracteriza as relações do sujeito com o exterior é antes a perplexidade” (p. 63). Nos casos clínicos apresentados, essa qualidade passiva também estava presente. Nos delírios oníricos, muito comuns nas psicoses

confusionais (Ey, Bernand & Brisset, n.d.), essas experiências aterrorizantes ficam mais evidentes. É o que foi possível notar em um paciente imobilizado de forma irreversível por um trauma raquimedular em altura cervical, quando ele dizia, choroso, sobre seu temor de ser morto, implorando a presença da equipe enquanto fixava um olhar vago no ambiente. Chorando apavorado, o paciente dizia ter tido um pesadelo. Na verdade o trabalho onírico ainda estava em curso enquanto o paciente alucinava a presença de um monstro ameaçador. A situação era de tamanha angústia para o sujeito, obviamente alienado em sua condição, que não deixava de evocar algum mal-estar para os profissionais responsáveis pelo seu cuidado. Era como se seu terror e estranhamento se propagassem nos espelhos subjetivos ao seu entorno

Considerando que há um desconhecimento científico sobre esses fenômenos, Freud se posiciona afirmando que mesmo diante da explicação racional do conteúdo, não encontramos formas de apagar o estranhamento produzido por eles. Na tentativa de interrogar a psicanálise sobre essas experiências, Freud toma novamente a ameaça de castração como norte.

A partir da análise da história de “*O Homem de Areia*” de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, Freud destaca que a ansiedade relativa à ameaça de perda dos próprios olhos e de outros órgãos, presente no conto, parece cumprir a função de um substituto do temor da castração. Nisso o autor retoma a centralidade do complexo de castração na produção dos fenômenos da vida mental dos sujeitos. Naturalmente, é o Édipo que está em jogo quando há a eclosão da angústia e, no conto, segundo Freud, o pai temido desde a infância, representado pela figura do Homem de Areia, é a fonte da ameaça e do terror para o filho Nataniel. Contudo, é importante destacar que o pai castrador é o mesmo pai protetor, é o objeto dúbio também responsável pelos investimentos pulsionais de vida da criança. O pai do conto é o pai ambivalente, sedutor, que porta os elementos de vida e de morte implantados no psiquismo da criança.

Mas o complexo de castração como elemento causador dos sentimentos de estranheza não é, à primeira vista, suficiente para esclarecer o desconforto da dúvida provocada por um autômato. Porém, isso não é considerado por Freud (1917-1918/1996d), uma vez que, para ele, a boneca automática do conto, responsável pela produção da incerteza sobre a vida e a morte, representa a “materialização da atitude feminina de Nataniel em relação ao pai na sua infância” (p. 250). Freud, dessa forma, retoma o complexo de castração como uma identidade externa que confronta e escraviza o personagem a um amor narcísico, associando as representações do feminino com a qualidade daquilo que é castrado e passivo.

Além do fenômeno do duplo, no qual nos concentraremos à frente, Freud sublinha como a repetição involuntária e independente de certos conteúdos na experiência humana provoca a sensação de desamparo e estranheza. Esse mecanismo, segundo ele, está ligado à predominância da compulsão à repetição e à natureza da atuação da pulsão no psiquismo. Um elemento demoníaco capaz de anular e prevalecer sobre o princípio de prazer.

Outros exemplos inegáveis associados ao estranho, segundo o autor, ligam-se à natureza onipotente do pensamento humano. Neles estão incluídos os pressentimentos e o mau-olhado, principalmente. O mais interessante é notar que a atividade de pensamento, nesses casos, ganha também um caráter externo, desprazeroso, paranoide, também associado a uma independência angustiante dos eventos aparentemente inexplicáveis que atingem os sujeitos.

Para compor o quadro de explicações sobre os fenômenos do estranho, Freud propõe que esse estranho é sempre algo de natureza familiar, estruturado nos momentos iniciais da constituição psíquica e alienado pelos processos de recalçamento. Ele resume suas principais manifestações nos seguintes eventos: animismo, magia e bruxaria, a onipotência dos pensamentos, a atitude do homem perante a morte, a repetição involuntária e complexo de castração (Freud, 1917-1918/1996d). Para concluir sua explicação sobre o estranho, ele afirma que seus efeitos podem ser sentidos quando uma impressão qualquer é capaz de fazer reviver uma crença primitiva ou é capaz de evocar um complexo infantil. É a realidade psíquica do inconsciente infantil que confere às experiências estranhas a sensação assustadora e terrificante. Desse modo, fica evidente como Freud estabelece que o estranho se origina nas vivências infantis, no complexo de castração e, em alguma medida, nas fantasias de retorno ao útero. Isto é, o estranho se enraíza na realidade psíquica, sendo a realidade material insuficiente para dirimir os sentimentos por ele desencadeados.

Naturalmente, esses deslizamentos sobre a temática do estranho levam Freud também a considerar o fenômeno do duplo. Esses fenômenos envolvem diferentes modos de expressão, mas estão, fundamentalmente, ligados ao espelhamento entre dois elementos. No caso da personagem Nataniel, o duplo era um objeto sem vida, a boneca. Mas é, sobretudo, entre duas pessoas que possuem uma identidade, ou alguma semelhança na esfera dos processos mentais, que encontraremos a evidência do duplo. Mais especificamente, Freud fala sobre esses processos mentais usando o termo telepatia, mas seria mais apropriado tomarmos suas considerações pela ótica dos fenômenos do transitivismo¹⁸. Nessas situações, Freud

¹⁸ “Na vivência transitivista, de uma forma geral, o sujeito prova como sendo dele ações ou sentimentos supostamente vividos pelo outro, situando no seu próprio corpo um objeto exterior” (Rahme, 2006, recuperado

propõe que o sujeito se identifica ao outro, chegando a duvidar do seu próprio eu ou substituí-lo pelo outro. “Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 252).

O autor parece associar o fenômeno do duplo com a repetição de algo da natureza do próprio sujeito que aparece na realidade externa. Para Freud e Rank (1917-1918/1996d), o espelhamento é um dispositivo psíquico de segurança contra a destruição do eu. É essa a função exercida pela criação imaginária da imortalidade da alma e pelas crenças em fantasmas e espíritos. Essas são ideias que para Freud se enraízam no narcisismo primário predominante na mente da criança e do homem primitivo. O curioso e obscuro desse mecanismo é que “Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte” (Freud, 1917-1918/1996, p. 252).

Inevitavelmente, consideramos que as proposições de Lacan sobre “O Estádio do Espelho como Formador do Eu” (1966/1998) podem enriquecer muito essa discussão levantada por Freud. É possível compreender junto com Lacan que o momento de formação do duplo, da imagem especular, se dá num momento em que a criança está “ainda mergulhada na impotência motora e na dependência da amamentação” (1966/1998d, p. 97). Mesmo antes de a linguagem conferir à criança seu lugar de sujeito desejante, a matriz simbólica do eu se precipita em uma forma primordial. O eu é tomado “numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída” (Lacan, 1966/1998d, p. 98).

A identificação produzida com um elemento externo, com a imagem colocada fora – que Lacan trata como um complexo virtual que se reduplica no próprio corpo, em pessoas e objetos das imediações – faz com que o sujeito esteja desde os primórdios condenado à própria alienação. Considerar essa noção faz com que possamos retomar que

a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o ‘duplo’ ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado – incidentalmente, um estágio em que o ‘duplo’ tinha um aspecto mais amistoso. O ‘duplo’ converteu-se num objeto de terror, tal como após o colapso da religião, os deuses se transformaram em demônios (Freud, 1917-1918/1996d, p. 254).

De forma muito clara, é possível compreender nessas colocações que o duplo tem a função de possibilitar o desenvolvimento mental por via da imagem narcísica refletida pelo outro, ao mesmo tempo em que impõe que o sujeito esteja “sempre descentrado em relação ao eu, não chegando nunca a ser recoberto por ele” (Steffen, 1988, p. 53). Daí a posição de

Lacan em recusar a lógica de que o eu é puramente a instância racional, organizadora da realidade. Pare ele, o eu é marcado pelo desconhecimento e pela alienação. A pregnância dessa imagem no eu o faz fecundo de representações da “estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação” (Lacan, 1966/1998d, p. 98). Lacan, dessa forma, evidencia como o eu parece marcado pela dimensão do estranho e pelo horror alienante desde os momentos mais iniciais do desenvolvimento humano. Não coincidentemente, tomando por referência a temática do duplo, Freud enraíza as perturbações do eu, o estranho que o habita, em “uma regressão a um período em que o eu não se distinguira ainda nitidamente do mundo externo e de outras pessoas” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 254). É evidente o modo como Freud nessa afirmação liga o fenômeno do duplo às experiências descritas na fase do espelho.

Obviamente, a mãe tem papel fundamental para a composição desse quadro inaugural de formação psíquica do eu. A ela é dado o lugar de outro especular por excelência. Também em Lacan, a posição dúbia da mãe é localizável. A ela cumpre a função de narcisizar o filho-falo enquanto objeto de desejo nos primeiros tempos de vida da criança, até o momento de abrir-se novamente para a presença do pai, renunciando ao objeto de amor. Com esse movimento, a mãe possibilita a instauração da falta para o desejo da criança e para o próprio desejo, e ambos perdem-se enquanto objeto de satisfação amorosa, ao mesmo tempo em que possibilitam a entrada do pai como terceiro da relação. Como representante maior da lei da castração, o pai “substitui o significante do desejo materno pelo significante do nome do pai” (Steffen, 1988, p. 57).

No texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1966/1998), Lacan retoma pontos importantes que tratam sobre a relação especular mãe-bebê. Para tanto, ele expõe três esquemas – L, R e I – que indicam o modo como essa relação imaginária inicial é tomada no campo simbólico. O esquema R indica que a falta retira o sujeito do campo imaginário para alocá-lo no campo simbólico. É o momento em que o bebê percebe que não pode ser o falo perdido da mãe. Essa é a hiância imaginária que Lacan designa como algo que aliena o sujeito de sua imagem ideal – como eu ideal da mãe – conferindo-lhe, assim, acesso ao Ideal do eu, inalcançável.

Porém, a separação essencial entre mãe e filho ocorre no momento em que entra em cena a figura do pai, isto é, no momento em que a mãe volta-se para ele como mulher. Isso rompe a completude entre a mãe e a criança. Junto a esse processo consagra-se a travessia dos tempos do Édipo pela presentificação da figura do pai, primeiro imaginária e depois simbólica

(Quinet, 2006). Disso resulta a constituição do falo simbólico, que impõe a renúncia do objeto de desejo, “a”, o objeto para sempre perdido. O desejo barrado coloca em pauta o operador universal, o significante paterno. É o que Lacan esclarece com o emprego da fórmula da metáfora paterna que sublinha a substituição do significante do desejo materno pelo significante do Nome-do-Pai.

A partir dessas proposições, Lacan (1966/1998a) considera também os efeitos psicotizantes do desejo devorador da mãe quando a criança é fixada na fase do espelho como objeto de satisfação do desejo materno. Mais especificamente, o autor propõe como consequência dessa operação a concretização da forclusão (*Verwerfung*) do Nome-do-Pai e a incapacidade metafórica de simbolização do desejo da mãe.

Não desejamos nos alongar nessas considerações tão exaustivamente teorizadas nos textos de Lacan e de seus discípulos. Mas destacamos nela o modo como o outro entra no circuito de constituição psíquica da criança fazendo às vezes de um objeto dúbio que possibilita a vida, ao mesmo tempo em que presentifica a morte. Se a mãe falta ou se impõe de forma absoluta, o sujeito em constituição tem um encontro com a esfera da morte, ou do ponto de vista do registro da necessidade do corpo ou do registro da indiferenciação psíquica.

Como é possível notar, desse modo, na teorização sobre o estágio do espelho, a vulnerabilidade do corpo da criança também tem um lugar de importância. O modo como ele é tomado nesse complexo virtual de espelhos evidencia de forma determinante o modo como o sujeito é fabricado, “apanhado no engodo da identificação espacial, nas fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica” (Lacan, 1966/1998d, p. 100) Como bem observado por Freud, o duplo traz ao homem simultaneamente a ideia da eternidade e da vida, ao mesmo tempo, em que estampa a morte.

No Estádio de Espelho, Lacan afirma o modo como os contornos do corpo despedaçado na esfera psíquica são dados pelo outro, por uma imagem para sempre alienada. De forma não muito clara, o autor também aponta como o narcisismo primário não pode ser reduzido à ideia de uma libido do eu, a uma noção auto-erótica. É preciso que se considere “a evidente relação da libido narcísica com a função alienante do Eu” (Lacan, 1966/1998d p. 102). Lacan, assim, aponta não para um “auto-erotismo”, mas para um “outro-erotismo”, definindo como esse investimento libidinal do outro é decisivo para formação do eu. “A identificação com a imagem de outrem e a introjeção da relação amorosa desempenham um papel decisivo (e propriamente vital), culminando no momento estruturante que Lacan designou com o estágio do espelho” (André, 1996, p. 135). Contudo, é preciso dizer que

Lacan deixa evidente outra face da atuação do outro na estruturação especular do psiquismo quando parte para suas teorizações sobre as psicoses e o empuxo-à-mulher, do qual nós ainda nos ocuparemos.

4.2.1 Relações entre o Estranho e o Corpo Cavidade

Apesar de não conseguirmos estabelecer uma correspondência termo a termo entre os autores que consideram a atuação desorganizadora de uma materialidade estrangeira no psiquismo, parece que esse é um ponto de convergência teórica entre eles. Recuperando a teoria da sedução generalizada, encontraremos também a presença materna como representante do duplo, da alteridade constituinte da criança. A mãe, outro sedutor, é fonte de trauma e implantação das mensagens sexuais nas montagens somatopsíquicas do corpo vulnerável da criança. A mãe eleva a sedução ao nível de uma necessidade vital para criança, cabendo a esta a tarefa de dominar e simbolizar o elemento sexual veiculado pelo cuidado adulto. É preciso lembrar que, nessa tentativa de tradução do conteúdo sexual estrangeiro implantado pelo adulto, a tópica psíquica se instaura e o resto não simbolizável passa a existir como objeto-fonte, como corpo estranho do inconsciente.

Do mesmo modo, Jacques André propõe que consideremos o corpo estranho interno, tal como “o pênis no interior da vagina” (André, 1996, p. 114), como esse produto da alteridade implantado no psiquismo da criança. Um corpo responsável pelo ataque interno dos limites do eu, por uma penetração de dentro para fora. Reunindo essas dimensões podemos entender que o corpo penetrante, oriundo da intrusão da alteridade, e o psiquismo penetrado compõem a natureza complexa de uma forma de funcionamento psíquico que articula o inconsciente, o interior e o feminino.

De forma interessante, também nesse texto, Freud localiza na genitália feminina a natureza do estranho, fazendo uma associação entre a vagina e a fantasia de retorno ao útero:

Acontece com frequência que os neuróticos do sexo masculino declaram que sentem haver algo estranho no órgão genital feminino. Esse lugar *Unheimlich*, no entanto, é a entrada para o antigo *Heim* [lar] de todos os seres humanos, para o lugar onde cada um de nós viveu certa vez, no princípio (Freud, 1917-1918/1996d, p. 262).

Apesar de Freud desconsiderar, essa observação neurótica condensa a dimensão do horror do sujeito confrontado com o corpo cavidade efractado pela violência do outro nos

tempos iniciais do desenvolvimento. Mas o que Freud desconsidera também é que a volta ao útero e a situação originária representam um momento de indiferenciação e de abertura narcísica equivalente a um encontro ou retorno pleno à passividade pulsional e à morte.

4.2.2 O Narcisismo e as Feminilidades de Jacques André

De forma não muito clara, Jacques André tenta definir a existência de uma feminilidade que atua pelos processos de fechamento e estruturação narcísica. Todavia, os efeitos de um elemento feminino desorganizador estão claramente marcados em seu texto, uma vez que ele emprega o termo “feminilidade” tanto para tratar de uma feminilidade fragmentadora quanto para tratar de uma feminilidade obturante. De forma não muito precisa, Jacques André tenta esclarecer que a feminilidade pode carregar elementos de vida que diferenciam, desse modo, a intrusão psicotizante da sedução estruturante – que, apesar do desvio, porta elementos de ligação trazidos pelo Eros.

Ainda no capítulo anterior, traçamos de forma diferente do autor os elementos que diferenciam a feminilidade originária da feminilidade psicosexual das origens. Principalmente em relação às ligações da feminilidade com a estruturação narcísica do sujeito, essas distinções tornam-se essenciais. Apesar de reconhecermos que não estamos nos distanciando do que Jacques André propõe em sua obra, temos que enfatizar que as diferenças traçadas entre a feminilidade originária e a feminilidade psicosexual estão sendo estabelecidas em nosso trabalho de investigação. Desse modo, essas distinções não são encontradas na obra do autor; ao contrário disso, elas aparecem reunidas de forma equivalente, problemática e, por vezes, contraditória com o emprego indiscriminado do termo “feminilidade”. Essas contradições ficam evidentes, sobretudo, quando Jacques André tenta sustentar, de forma paradoxal, que a feminilidade atua atacando contornos ao mesmo tempo em que afirma que ela opera para possibilitar o fechamento narcísico. O modo como diferenciamos a feminilidade originária da feminilidade psicosexual parece ser suficiente para diluir esse impasse teórico. Consideremos um pouco desse percurso.

Laplanche destaca a natureza traumática produzida pela diferença radical do mundo sexual adulto e do mundo sexual ainda em formação para a criança. Esse encontro é por si só desorganizador para a criança, ainda incapaz de metabolizar o conteúdo sexual presente nas mensagens enigmáticas veiculadas pelo cuidado adulto. Partindo dessa noção, Jacques André

formula o modo como essa intrusão da sexualidade adulta no psiquismo tem efeito efractante, fazendo com que a feminilidade – que tomaremos como originária – seja “por excelência aquilo que ameaça os contornos” (André, 1996, p.76).

A atuação da alteridade no aparelho psíquico provoca, em um só movimento, a formação dos contornos de um corpo psíquico penetrado, como também a representação que deve ser banida para o inconsciente, ao mesmo tempo em que oferece material para formação desse corpo, que passa a ameaçar de dentro os limites erigidos para sua existência na divisão tópica do aparelho, forçando no psiquismo uma abertura narcísica insuportável para o eu. A dificuldade de diferenciar um elemento de outro está no fato de que estamos tratando de uma grande estrutura determinante, no sentido empregado por Clérambault. Desse modo, o psiquismo, enquanto corpo cavidade, não existe sem o corpo estrangeiro penetrador, sendo as duas representações essenciais para entendermos a formação e a qualidade traumática dos efeitos da feminilidade no inconsciente.

Jacques André pressupõe que a penetração do corpo que confere o acesso à feminilidade “não seja o equivalente inconsciente da evisceração ou do despedaçamento” (André, 1996, p. 136). Isso porque o prazer só é possível na esfera psicosssexual da feminilidade se a representação da integridade do envoltório corporal não está ameaçada. Como bem observado por Laplanche, “para o pequeno humano [...] a única problemática será, isto sim, a de se fechar, de fechar um si mesmo, ou um ego” (Laplanche, 1992a, p. 100). Desse modo, conforme Laplanche recupera em Freud, o mundo subjetivo diferenciado da realidade só é possível por via de um processo de inibição ou recorte (leia-se recalque) do universo perceptivo ao entorno. “É inibindo um certo tipo de processo que tem sua origem no interior do sistema, é unicamente diminuído a intensidade deles [...] que se marca essa distinção (Laplanche, 1992a, p. 100).”

A feminilidade que se relaciona com esse processo é a feminilidade obturante, psicosssexual, portadora dos elementos de vida que possibilitam, após o primeiro fechamento recalcante, após os processos de inibição e retomada ativa da pulsão, uma abertura psicosssexual ao outro. É surpreendente a noção de que, para que seja possível o processo de abertura sexual ao outro, antes seja necessário que haja um fechamento da posição de abertura absoluta do corpo originário: “O que nos importa, em relação à feminilidade, é esse movimento de autonomização, de fechamento em si em que consiste o narcisismo” (André, 1996, p. 136).

De forma mais clara, é possível dizer que com esse primeiro fechamento a feminilidade originária é banida para o inconsciente, diferenciando-se da feminilidade

psicossexual, e ficando para sempre associada aos processos fragmentadores que ameaçam os contornos egoicos. Desse modo, a feminilidade se liga a uma lógica que vai inicialmente da efração à intrusão e da intromissão sedutora à penetração sexual do outro, sem perder, obviamente, os componentes inconscientes perturbadores que sempre vão acompanhá-la ainda que em sua expressão psicossexual.

4.2.3 A Feminilidade do Empuxo-à-mulher

Na obra lacaniana poderíamos reconhecer essa temática que se relaciona à efração/intrusão quando a invasão do gozo do Outro toma lugar determinante nos processos de funcionamento inconsciente. Essa noção está bastante evidente nas teorizações lacanianas dedicadas ao empuxo-à-mulher.

Consideramos que Lacan faz contribuições muito importantes à temática que liga à feminilidade à psicose ao destacar o modo como a produção delirante anuncia, em um arranjo estrutural, a forma como o sujeito é invadido pelo outro, por via de processos mentais que operam de forma independente. Para Lacan, esse mecanismo se enraíza nos processos de subjetivação da psicose ligados a forclusão, isto é, no “mecanismo que faz voltar de fora o que está preso na *Verwerfung*, ou seja, o que foi posto fora da simbolização geral que estrutura o sujeito” (Lacan, 1981/2008, p. 60). Freud sustenta essa ideia em relação ao fenômeno do duplo ligado aos fenômenos de transitivismo. Assim, ele afirma, antes de Lacan, a correspondência dos processos mentais do eu com o outro em um mecanismo de duplicação em que “há o retorno constante da mesma coisa” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 252). Não de forma equivalente, esse mecanismo pode ser encontrado nas neuroses, nas quais também podemos tomar a atividade mental como um corpo parasitado que, mesmo nas reminiscências histéricas, carrega “algo que retorna vindo de outro lugar, talvez uma pseudolembança vinda... do outro” (Laplanche, 1992b, p. 13).

Em seu seminário sobre as psicoses, Lacan (1981/2008) discorre longamente sobre o modo como a estrutura psicótica opera como uma língua fundamental, singularizada, na qual a correspondência de sentido com o outro não está presente. Destacando o papel fundamental das alucinações verbais, dos neologismos da psicose, Lacan demonstra a noção freudiana de que “Quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 261) há nele o estranho efeito de desprendimento da palavra. Esse significante

coisificado representa a realidade psíquica vivificada em uma dimensão independente, tal como ocorre nos processos que conferem ao psiquismo uma natureza automática – aí se poderia incluir a atividade superegoica na melancolia, o delírio, o pensamento obsessivo.

Dentre esses processos mentais, Freud destaca especialmente o efeito estranho provocado pelas crises de epilepsia e pela loucura. Para ele, o leigo espanta-se diante de forças desconhecidas que, na verdade, enraízam-se em regiões obscuras de seu próprio ser. Mais do que isso, “todas essas coisas tem algo peculiarmente estranho a respeito delas, particularmente quando, como no último exemplo [epilepsia e psicose], mostram-se, além do mais, capazes de atividade independente” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 261).

Nos efeitos de feminização da psicose temos de considerar também essa atividade terrificante do estrangeirismo mental. Para acessarmos essa noção, a consulta às teorizações de Lacan sobre o caso Schreber é mandatória.

Freud é enfático em suas considerações ao atribuir a enfermidade de Schreber ao aparecimento de uma fantasia feminina, homossexual passiva, que toma por objeto, inicialmente, a figura do médico Flechsig (Freud, 1911-1913/1996). Dentro da cadeia de representações de Schreber, o autor aponta a substituição da figura do médico pela figura superior de Deus como o caminho fundamental para solução do conflito psíquico do paciente. Mas há em sua construção delirante uma vivência de natureza repugnante para o sujeito, a saber, a de “ser transformado num corpo feminino e como tal entregue à pessoa em apreço com vistas a abusos sexuais” (Freud, 1911-1913/1996, p. 29).

Lacan traz considerações importantes sobre o caso Schreber em seus “Escritos” (1966/1998a). No texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*”, ele enfatiza a experiência de Freud em considerar que o sintoma está claramente articulado à estrutura psicótica. Além disso, Lacan retoma as teorizações de seu seminário sobre as psicoses (1981/2008) afirmando que Freud estava atento à língua fundamental, isto é, às locuções neológicas submetidas às regras da língua própria do sujeito. Seguindo esse percurso teórico, o autor destaca novamente a centralidade da entificação do significante pela via de seu desprendimento do sentido.

Mas para tratar de forma específica sobre o caso Schreber, Lacan (1966/1998a) propõe o esquema I (p. 578). Nesse esquema, ele enfatiza os efeitos da falta do significante fálico na estruturação do mundo simbólico do sujeito, evidenciando “os efeitos da indução do significante, recaindo no imaginário” (p. 579). Como resultado dessa confrontação Schreber se depara com “as feições de crepúsculo do mundo, exigindo, para responder a ele, novos efeitos de significante.” (Lacan, 1966/1998a, p. 579), isto é, Schreber responde

defensivamente em seu dizer psicótico com a produção da língua fundamental, com a própria construção delirante.

O efeito de indução significativa é provocado no caso Schreber pela nomeação para Juiz presidente de um tribunal. A isso Lacan (1966/1998a) associa a convocação do significante foracluído para o sujeito. “É preciso ainda que esse Um-pai venha no lugar em que o sujeito não pôde chamá-lo antes.” (p. 584). E ainda: “É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamento do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário” (Lacan, 1966/1998a, p. 584).

Esse Um-pai cumpre uma função abusadora e tiranizante, sem os efeitos estruturantes que caracterizam a função do pai simbólico. Nesse ponto, podemos assinalar a única citação direta de Lacan sobre o termo empuxo-à-mulher já exaustivamente mencionada nos textos que tratam sobre essa temática em sua obra –, na qual o autor se refere ao esquema I:

poderia demonstrar, no que ele tem de sarcástico, o efeito de empuxo-à-mulher que se especifica pelo primeiro quantificador, depois de precisar que é pela irrupção de Um-pai como sem-razão que se precipita, aqui, o efeito sentido como de forçamento para o campo do Outro a ser pensado como o mais estranho a qualquer sentido (Lacan, 2003, p. 466).

Como se pode notar, o pai imaginário é o pai presente na descrição dada a Um-pai pelo autor. A relação entre o empuxo-à-mulher e o estranho também está aí estabelecida.

A falta do significante do Nome-do-Pai expõe o sujeito a esse Um-pai, forçando sua vivência de gozo “fora dos limites fálicos, a um gozo não delimitado, sem razão e aberto ao infinito.” (Castro, 2000, p. 28). Essa qualidade ilimitada do gozo psicótico, para além do falo, é o que faz a proximidade entre o gozo da mulher e o gozo da psicose, tendo em vista que ambos excedem os limites colocados pela função fálica. “A ausência de limite à função fálica [...] assemelha a posição feminina à posição do psicótico” (Millot, 1992, p. 36) Contudo, no caso do gozo da mulher, esse limite nunca é abandonado, ele não chega a desaparecer completamente como na psicose.

Essa noção indica que apenas por via desse gozo pleno e ilimitado a mulher pode existir. “Cabe averiguar que mulher, então, é esta que o psicótico inventaria, sem o registro da castração” (Gama & Bastos, 2010, p. 146). Sem dúvida, esses apontamentos reabrem o caminho para crítica sobre a falta de uma teorização suficiente em Lacan sobre a posição distinta do gozo da mulher em relação à lógica fálica. Além disso, a relação evidencia de forma mais clara a posição dada à mulher na psicanálise lacaniana – quando muito a de um gozo a mais que a coloca próxima à psicose.

Entretanto, não é essa aproximação feita entre a psicose e a feminilidade, por via do uso das lógicas de sexuação e da recorrência que se faz a noção do pai totêmico, que mais nos interessa no que Lacan desenvolve sobre a temática do empuxo-à-mulher. A nosso ver, não é exatamente essa noção que está explicitada pelo autor quando ele se refere à irrupção de Um-pai, ainda que se tente fazer aparecer aí o “ao menos Um”, associado ao pai real. Esse Um-pai tem a função imaginária de pai abusador ainda distante da função atribuída mais tarde ao pai real. É preciso considerar, desse modo, que a falta da vertente simbólica do pai “que tem por função domesticar o gozo” (Gama & Bastos, 2010, p. 144) faz eclodir a outra face imaginária de um pai abusador

provocando os fenômenos típicos da psicose, como a experiência de feminização com o transbordamento de gozo que lhe é peculiar: o sujeito torna-se objeto de um gozo sexual excessivo, às vezes inadmissível e aviltante, nas mãos do Outro que dele se apodera como, no seu entender, se faz com uma mulher (Gama & Bastos, 2010, p. 144).

Essas considerações sobre a ação invasiva da irrupção de Um-pai guardam relação com o corpo schrebeano copulado por Deus, penetrado pelo outro, no qual localizamos “a dimensão puramente objetual [...] vivido pelo psicótico como uma força que pressiona, que vem de fora, retornando do lugar do Outro que goza de sua feminização” (Gama & Bastos, 2010, p. 147). Schreber produz em sua estrutura delirante o protótipo ideal do que seria a vivência psíquica experimentada na psicose, isto é, o cerne delirante é associado à construção delirante de ser o próprio corpo cavidade, penetrado e violentado pelo outro. Isso evidencia que “A ideia de ser transformado em mulher foi à característica saliente e o germe mais primitivo de seu sistema delirante” (Freud, 1911-1913/1996, p. 31).

Lacan situa essa ação penetrante da atividade mental independente do sujeito principalmente nas alterações da linguagem que atingem o Outro, que, nessa situação, “não está além do parceiro, está além do próprio sujeito – é a estrutura da alusão – ela própria se indica num além do que ela diz” (Lacan, 1981/2008, p. 66). Essa presença do outro no automatismo mental é percebida quando o sujeito se dirige “verdadeiramente ao Outro, A maiúscula” ” (Lacan, 1981/2008, p. 66) e dele recebe “a mensagem [...] sob uma forma invertida” (p. 66). Isto é, é com o inconsciente que o sujeito fala, mas com um inconsciente estrangeiro e independente que opera de forma penetrante e invasiva.

Em todas essas alterações, os efeitos do imaginário estão muito presentes. Essa é a noção colocada por Lacan, também associada à lógica imaginária presente no Estádio do Espelho na qual o eu se encontra “cheio de delírio” (Lacan, 1981/2008, p. 172). Preso a uma

relação especular, o eu se apresenta como depósito de um gozo estrangeiro, totalmente alienado pelos processos que envolvem sua relação com o outro e como “*um cadáver leproso que arrasta atrás de si um outro cadáver leproso*. Bela imagem efetivamente para o eu” [itálicos do autor] (Lacan, 1981/2008, p. 172). Novamente, estão aí estabelecidas às relações entre o duplo especular e o corpo tomado pelo estranho, penetrado por uma alteridade estrangeira, transformado em corpo cavidade.

Partindo desses aspectos, podemos ver que os efeitos de empuxo-à-mulher são correlatos aos efeitos produzidos pela feminilidade originária. Essa articulação sobre a forma invadida e objetalizada como o psicótico é teorizado na obra lacaniana reúne o que há de mais interessante, a nosso ver, na temática do empuxo-à-mulher. Contudo, segundo o nosso modo de pensar, não é a convocação do significante paterno que provoca a desorganização/feminização de Schreber. Apesar de não discordarmos totalmente da noção de que as representações evocadas pela feminilidade originária se ligam de fato à ação penetrante do pai, mas de um pai sedutor, é preciso considerar também que a esfera feminina psicotizante é evocada a partir de momentos originários, nos quais estão presentes as representações ligadas ao corpo efractado originário. Essa é a grande estrutura erigida na qual se enraíza o delírio de Schreber também reeditada na relação com a figura de Deus-pai. Ao ser acessada, essa estrutura provoca a irrupção do estado psicótico e dos processos mentais que operam de forma independente, produzindo os efeitos de feminização.

4.2.4 Duas questões sobre a teoria lacaniana

Antes de seguirmos com as temáticas sobre a feminilidade e a psicose faremos uma digressão, aventurando-nos na tentativa de formular algumas reflexões em relação aos conteúdos pesquisados na obra lacaniana, sem a pretensão de alcançar respostas para nossos questionamentos.

Em primeiro lugar, gostaríamos de considerar um aspecto sobre a questão do empuxo-à-mulher que constatamos em nossas pesquisas. Antes, é preciso dizer que, mesmo sem uma ampla revisão sobre o conceito de empuxo-à-mulher na obra de Lacan, observamos que ele desfruta, em todos os trabalhos consultados, de um estatuto conceitual na obra do autor. Essa consideração é feita inclusive de modo direto: “Após cunhar o conceito de empuxo-à-mulher, Lacan volta a falar da neurose, deixando-nos a tarefa de desenvolver este conceito essencial”

(Gama & Bastos, 2010, p. 146). Entretanto, sem grande esforço, é possível notar que essa noção só ganhou sua força conceitual nas teorias desenvolvidas pelos discípulos de Lacan, tendo existido nas teorizações do autor, arriscar-nos-emos a afirmar, apenas como um efeito linguageiro, como um modo de dizer, presente no texto “*O Aturdito*” (2003). Tudo que foi dito por Lacan sobre empuxo-à-mulher em sua obra está situado no trecho que citamos desse texto. Porém, é essencial reconhecer que os efeitos de feminização na psicose têm, de fato, um lugar de importância na teoria do autor – talvez em função mesmo do lugar ocupado por estes fenômenos de feminização no texto de Freud sobre o caso Schreber. Mas não há associações diretas e sistematizadas de forma conceitual, na obra de Lacan sobre a teorização da feminilidade nas psicoses e o conceito de empuxo-à-mulher, tal como ocorre, por exemplo, com o significante do Nome-do-Pai e outros conceitos presentes em sua obra. Essa relação é estabelecida por outros autores que tratam da teoria lacaniana, e não teríamos como precisar aqui quem foi o primeiro a fazê-lo.

Além disso, as associações feitas entre o efeito de empuxo-à-mulher presente em “*O Aturdito*” e os desdobramentos sobre a partição dos sexos parecem ter sido também estabelecidos sem a consideração de alguns elementos. É preciso lembrar que, na citação contida em “*O Aturdito*”, Lacan está retomando a função hiperbólica, o objeto assintótico do desejo de feminização de Schreber, presente nas teorizações do texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1966/1998). Nesse texto, o Um-pai não guarda ainda relações com o pai real, com o “ao menos um” ou com as novas versões do pai, construídas a partir da consideração do mito totêmico. O Um-pai, nesse momento, é o pai imaginário e não o pai mítico que, nunca é demais lembrar, contrariamente ao Um-pai invasivo e abusador, cumpre a função de ordenação do gozo como pai castrador. Essa parece ser a relação de base estabelecida por Lacan ao tomar o Um-pai como pai mítico na associação feita entre o gozo da mulher e o empuxo-à-mulher.

A outra questão que gostaríamos de abordar diz respeito à forclusão (*Verwerfung*). É possível considerar, sobretudo na leitura do seminário sobre as psicoses (1981/2008), que Lacan fala da incidência da forclusão em relação à afirmação primordial e nem sempre em relação ao Nome-do-pai. Muitas interpretações sobre o texto são possíveis a partir dessa confusão conceitual que consideramos ser um ponto problemático sobre a forclusão.

O que Lacan trata por forclusão e que tão comumente encontramos incidindo sobre o Nome-do-Pai também é uma ação psíquica que se relaciona com outros mecanismos que poderíamos situar em momentos mais primitivos de formação do psiquismo. Como é mais destacado na obra de Lacan, o autor propõe a forclusão em relação ao significante do Nome-

do-Pai: “Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, *Verworfen*, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocando em oposição simbólica ao sujeito” (Lacan, 1966/1998a, p. 584). Entretanto, ele também faz incidir essa operação sobre a afirmação primitiva (*Bejahung* ou *Zeichen*, signo de percepção, percepção original, simbolização primitiva, significante primordial): “A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como processo primário” (Lacan, 1966/1998e, p. 389). Em alguns momentos, Lacan não se refere a uma incidência da forclusão sobre a afirmação primitiva, mas a uma exclusão mútua; ou seja: ou temos a existência de um mecanismo ou de outro na formação psíquica. “Há portanto, na origem, *Bejahung*, isto é, afirmação do que é, ou *Verwerfung*.” (Lacan, 1981/2008, p. 101). Mas esse não é o ponto mais problemático.

A nosso ver, é extremamente complicado supor que a forclusão de fato incida sobre a afirmação primordial, tendo em vista que “Desde que o sujeito fala, há o Outro com A maiúsculo. Sem isso, não haveria problema na psicose. Os psicóticos seriam máquinas de fala” (Lacan, 1981/2008, p. 54). Se o sujeito fala, se opera com a língua e de forma sistematizada, ainda que com uma língua fundamental, ele se insere no universo da linguagem. É preciso admitir “atrás do processo de verbalização, uma *Bejahung* primordial” (Lacan, 1981/2008, p. 21). Isso nos faz pensar se podemos mesmo dizer que o psicótico está fora do universo simbólico, já que, como propõe o próprio Lacan, a resposta do sujeito é justamente essa – a de construir uma língua própria, ainda que não compartilhada.

De forma um pouco obscura, Lacan associa o significante primordial ao Nome-do-pai deixando entrever uma relação de quase equivalência:

é também ao significante que se refere à *Bejahung* primordial [...] onde é expressamente isolado como termo de uma percepção original, sob o nome de signo, *Zechein*. A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo (Lacan, 1966/1998a, p. 564).

É possível perceber nessa afirmação uma relação quase equivalente entre o significante primordial e o Nome-do-Pai. Apesar de não termos feito uma ampla revisão sobre as relações da forclusão com a afirmação primordial e com o Nome-do-Pai, é possível dizer que, no desenvolvimento de sua obra, principalmente em seus seminários sobre “*A relação de objeto*” (1956-1957/1995) e sobre “*As formações do inconsciente*” (1957-1958/1999), Lacan estabelece de forma mais consistente a relação entre o Nome-do-pai e a forclusão. Nesse

sentido, o significante paterno assume, na constituição psíquica do sujeito, a posição central nos processos de subjetivação que determinam o Complexo de Édipo.

Essa associação com o Édipo não só retira do significante paterno a qualidade originária que o aproxima da afirmação primordial, como também confere a ele uma nova função, isto é, a de ser também o significante que representa a lei da cultura. Em relação a isso, Lacan é enfático: “A Lei fundamental é simplesmente uma Lei de simbolização. É o que o Édipo quer dizer.” (Lacan, 1981/2008, p. 102). Como representante dessa lei “O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 174).

Mas essa relação entre o significante paterno e o Édipo retira do Nome-do-Pai de forma ainda mais evidente sua qualidade primordial no sentido de sua posição originária na constituição psíquica: “A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 180). Essa afirmação permite que consideremos que o Nome-do-pai não é o significante primordial, e que ao contrário disso, é a mãe, ou a função materna, que se relaciona com ele em suas origens.

Mas não pretendemos com isso defender essa relação da mãe com a afirmação primordial. Para que se entenda a função da afirmação primordial, é essencial considerar que ela é anódina, não comporta representações ou significações de pai ou de mãe, sendo eles significantes ou não, apesar de não podermos desconsiderar que essa afirmação originária advém do campo do outro. “O que quer dizer significante primordial? É claro que, de modo bem preciso, isso não quer dizer nada” (Lacan, 1981/2008, p. 178).

Como se pode notar, a íntima relação estabelecida por Lacan entre o Nome-do-Pai e a foraclusão compromete suas afirmações que atribuem à foraclusão um lugar originário, tendo em vista que podemos associá-la aos tempos de travessia do Édipo, considerando, desse modo, os momentos de formação mais secundária do psiquismo. Contudo, é preciso responder a tentativa de Lacan de fugir a essas considerações que buscam diferenciar os tempos de formação psíquica.

Em relação a isso, ao desejo de não responder a essa questão, Lacan recorre à explicação mítica: “o que lhes conto é também um mito, pois não creio de modo algum que haja em parte alguma um momento, uma etapa em que o sujeito adquire em primeiro lugar o significante primitivo” (Lacan, 1981/2008, p. 179). É preciso mesmo considerar que buscar por esse momento é algo bastante complicado, o que não quer dizer que não possamos situar

na história de constituição psíquica do sujeito um processo de sucessão de mecanismos que operam progressivamente no concurso de sua formação. Aliás, esse Lacan, adepto ao mito, é bastante diferente do Lacan que de forma brilhante recorre à proposição do estágio do espelho, na qual encontramos inclusive a menção aos tempos do desenvolvimento infantil “Essa atividade conserva para nós, até os dezoito meses de idade [...]” (Lacan, 1966/1998d, p. 97).

Há um aspecto que consideramos ainda mais confuso na tentativa de Lacan de esclarecer o mecanismo de foraclusão ao situá-lo no caso Homem dos Lobos. Retomando a noção de que aquilo que é recusado no campo simbólico retorna no real, Lacan se refere ao texto freudiano, a “*História de uma neurose infantil*” (1917-1918/1996), para afirmar que “o Homem dos Lobos [...] não deixa de testemunhar tendências e propriedades psicóticas” (Lacan, 1981/2008, p. 22) e que “ele tenha rejeitado todo o acesso a castração” (p. 22). Para tratar sobre a ação da foraclusão, Lacan se refere especificamente à curta alucinação do paciente de Freud: “com a sua faca, ele cortou o dedo” (Lacan, 1981/2008, p. 22). A essa representação do Homem dos Lobos, Lacan associa a foraclusão e o retorno no real do conteúdo rejeitado. Isso nos faz pensar, sem dúvida, que Lacan afirma a psicose do Homem dos Lobos e os efeitos da foraclusão em seus mecanismos psíquicos.

Se isso é colocado em relação ao funcionamento psíquico do Homem dos Lobos, poderíamos considerar, sem receios, seguindo os passos de Lacan sobre os efeitos da foraclusão, que há aí um “corte pela raiz”, “um puro e simples furo” deixado pela ausência do significante primordial (*Bejahung*). Contudo, não é isso que Lacan estabelece, tratando sobre o estado primordial da foraclusão e afirmando que os fenômenos de memória são fenômenos de linguagem, ao retomar o modelo de organização e registro da memória proposto por Freud na “Carta 52” (1886-1889/1996). Esclarecendo sobre o modo como a instalação do material significante permite a significação, Lacan retoma o caso Homem dos Lobos para afirmar que

a impressão primitiva da famosa cena primordial permaneceu lá durante anos, não servindo para nada, e no entanto, já significante, antes de ter o direito de exprimir seu efeito na história do sujeito. O significante é, pois, dado primitivamente, mas ele não é nada enquanto o sujeito não o faz entrar em sua história (Lacan, 1981/2008, p. 185).

A qual significante Lacan se refere? Tenderíamos a reconhecer aí uma menção ao significante primordial (*Bejahung*). Ainda que essa compreensão seja recusada, isto é, de que Lacan não esteja se referindo à afirmação primordial, ainda assim, é possível interrogar que significante é esse que opera na mesma lógica que encontramos inaugurada a partir da

inscrição da afirmação primordial. Há como se negar o lugar primordial da cena destacada por Freud no caso Homem dos Lobos?

Esse percurso nos faz considerar que existe não só uma afirmação primordial, como também um recalque originário nas psicoses. Para sustentar essa noção não faltam elementos na própria obra lacaniana que definem a existência do eu na psicose, isto é, sobre a existência de um agente psíquico que opera com as funções defensivas do aparelho e que pressupõe, na sua origem, uma divisão tópica por via da formação do recalque originário.

Todas essas considerações abrem um leque de interrogações: sobre o que a forclusão incide? Sobre a *Bejahung*? Sobre o significante do Nome-do-Pai? Se o sujeito psicótico fala com uma língua fundamental, como pensar o apagamento da *Bejahung*? O que é excluído de fato do campo simbólico?

Não temos a pretensão de responder a essas questões. Contudo, tendemos a considerar que a afirmação primordial está presente na psicose, abrindo os caminhos que permitem que o psicótico faça uso da linguagem, ainda que de modo singular. Desse modo, é possível que pensemos a atuação da forclusão em momentos mais tardios dos processos infantis de subjetivação, assim sendo, seguindo os apontamentos de Lacan que associam aos processos defensivos à consolidação psíquica provocada pela travessia do Complexo de Édipo. Todavia, é preciso que se faça uma investigação mais cuidadosa sobre essa temática que aqui expusemos, de forma apressada e até mesmo arriscada, para que possamos chegar a respostas consistentes.

4.2.5 Algumas relações entre o estranho, o supereu e o automatismo mental

Antes de passarmos às considerações finais e tendo em vista que a temática do estranho é o que norteia nossas reflexões sobre a feminilidade originária e as psicoses, não poderíamos deixar de tocar nas questões que associam a atividade superegoica com os mecanismos da psicose.

O mecanismo de projeção de algo da realidade interna do aparelho para a realidade externa é perpetuado ao longo da existência dos sujeitos. É desse modo que Freud considera a formação da atividade de censura da consciência, gradativamente diferenciada da função egoica. Essa formação crítica do eu desprende-se em algumas situações como função independente nos processos patológicos. Nessa perspectiva, é preciso considerar o modo

como o eu se divide, duplica-se, em duas instâncias. “Forma-se ali [no ego], lentamente, uma atividade especial, que consegue resistir ao resto do ego, que tem a função de observar e de criticar o eu (*self*) e de exercer uma censura dentro da mente” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 253).

Tomando a explicação de Freud, podemos dizer que o autor faz uma “Representação de uma força pulsional que, interiorizada, virá exceder a capacidade egóica de simbolização. Por intermédio desta figura, reencontramos os fundamentos do caráter persecutório do superego – incorporação no ego de elementos inassimiláveis” (Cardoso, 2002, p. 30). O grande complicador dessa noção freudiana é que, para o autor, este seria uma auto-ataque pulsional que se enraíza nos mecanismos de atuação da pulsão de morte, essencialmente ligada à natureza biológica do organismo. Essa lógica está explicitada no texto “Além do princípio de prazer”: “Trata-se de instintos componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para morte” (Freud, 1920-1922/1996, p. 50). Isso quer dizer que a etiologia instintual da pulsão de morte encerra-se em si mesma, isto é, no próprio organismo que a origina, excluindo a função essencial da alteridade nos mecanismos de fundação e atuação pulsional.

Mas, apesar da importância do fenômeno, Freud (1917-1918/1996d) enfatiza que é ao retorno do reprimido que devemos conferir os processos mais intensos de rejeição pela crítica do eu, considerando esse como o material que recebe a qualidade real do estranho dentro do aparelho psíquico. Essa afirmação obscurece o entendimento dos arranjos inconscientes colocados em jogo em relação ao elemento estranho ao psiquismo. Seria a instância crítica a parte que se desprende em uma atividade independente e desorganizadora ou o recalado seria o estranho que retorna e que habita desde sempre os porões do inconsciente? Isso não fica claro na formulação freudiana sobre o estranho, apesar da ênfase dada ao retorno do recalado.

Essa é uma questão na qual não poderemos nos aprofundar, mas arriscaríamos a pensar que, nos processos de automatismo mental, o corpo estrangeiro ligado ao recalado confronta-se diretamente com essa força pulsional da censura, expressa na formação delirante por via das acusações de perseguição e de injúria. “Temos aí o sentimento de que a injúria de que se trata – o termo injúria é aí realmente essencial, e ele sempre foi posto em evidência na fenomenologia da paranoia – concorda com o processo de defesa, via de expulsão” (Lacan, 1981/2008, p. 63). Ao acusar o ataque do corpo psíquico estrangeiro dentro de um registro insuportável para os contornos egoicos, a própria acusação se desprende tornando-se um elemento irreal do delírio.

No texto “*O ‘Estranho’*” (1917-1918/1996), Freud está esboçando os traçados que mais tarde serão reunidos com a proposição da instância superegoica. Tanto na psicose quanto na melancolia, o autor propõe uma cisão do eu, na qual uma parte opera como instância acusadora da outra. Desse modo, a vertente superegoica atuante nessa perspectiva patológica dos processos mentais carrega a dimensão de ataque pulsional, dentro de uma lógica persecutória. Esses processos mentais, conforme indicado no texto freudiano (1917-1918/1996d), são também outro representante do estranho em atividade no aparelho psíquico, intimamente ligado ao ataque pulsional de uma instância crítica. Porém, é preciso dizer que, Freud concentra grande importância na ideia de uma fonte pulsional endógena, ou biológica, ignorando outros recursos teóricos presentes em sua teoria e que falam a favor da fonte pulsional localizada na alteridade (Cardoso, 2002).

É preciso considerar que o autor destina ao pai a principal fonte de identificação presente na gênese do supereu, destacando os elementos normatizantes do ideal do ego. Para Cardoso (2002), a atuação superegoica pode ser compreendida, a partir dos dois pólos principais presentes na obra freudiana, quais sejam, o supereu pulsional pré-edípico e o supereu edípico representante da lei, considerando-se sempre que “Trata-se, em última instância, da interiorização dos aspectos punitivos, atacantes, vindos de um pai originário, supostamente terrível” (p. 31). Parece, retomando o que já consideramos sobre o pai, que o supereu se constitui em um percurso iniciado com a confrontação do sujeito com o pai libidinal sedutor até seu encontro com o pai simbólico da castração e da cultura.

4.3 Considerações Finais

Para concluir com nossos comentários, começaremos pelo fim, isto é, pela morte. Nos casos clínicos que destacamos, é possível ver como a questão da morte se reflete nas representações mentais associadas à aparição dos processos de desorganização e apassivação psíquica do sujeito. Em relação aos processos de subjetivação produzidos pela ameaça de morte imposta pela doença e pelo horror inscrito nas paredes hospitalares, a experiência clínica é rica em relatos que descrevem os mecanismos defensivos empregados pelo paciente na tentativa de se livrar dessa representação. Tanto é assim que alguns autores como Kübler-Ross (1998) se arriscaram a estabelecer fases psicológicas ou emocionais do doente em situação terminal, incluindo entre elas a negação.

Não nos interessamos pelo processo de classificação do processo de morrer. Entendemos que categorizar fases em nada contribui para acessarmos aquilo que de singular o sujeito endereça em seu processo de finitude. Esse raciocínio categorizante é muito bem-vindo para o que tomamos como sendo um tipo de psicologia médica que necessita trabalhar com a descrição classificatória que reconhece as manifestações do sujeito, transformando-as num objeto produzido e determinado por um código, por quadros patológicos ou por escalas de desenvolvimento (Vorcaro, 1997). Como nunca é demais afirmar com Freud, é preciso considerar que “o que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo” (Freud, 1920-1922/1996, p. 50). Isso impõe que o sujeito, em seu processo de finitude, não tenha sua morte generalizada em categorias estabelecidas *a priori*. Até porque, a experiência clínica comprova que os mecanismos de subjetivação não se permitem capturar por esse tipo de fórmula.

Mas é preciso considerar o que a morte coloca em jogo. Concordamos com Freud em relação ao fato de que o estranho mais desorganizador na experiência humana está presente nas relações que os seres humanos estabelecem com a morte:

Difícilmente existe outra questão, no entanto, em que as nossas ideias e sentimentos tenham mudado tão pouco desde os primórdios dos tempos, e na qual formas rejeitadas tenham sido tão completamente preservadas sob escasso disfarce, como a nossa relação com a morte. (Freud, 1917-1918/1996d, p. 259).

O confronto com a morte impõe para o sujeito o estado de absoluto desamparo, reeditando os momentos originários dos processos de constituição psíquica. Desse modo, é necessário considerar que a morte desperta na experiência humana os estados de angústia e sofrimento mais traumáticos, tanto para quem vivencia o processo de finitude do próprio corpo, quanto para quem o acompanha, experimentando os mecanismos de luto. Isso porque “o primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação” (Freud, 1917-1918/1996d, p. 259). As afirmações de Freud sobre a morte permitem que pensemos que nem mesmo a angústia de castração consegue ocupar, dentro do repertório traumático de experiências humanas, um lugar tão perturbador quanto à angústia provocada pela ameaça de morte.

É verdade que a afirmação ‘Todos os homens são mortais’ é mostrada nos manuais de lógica como exemplo de uma proposição geral; mas nenhum ser humano realmente a compreende, e o nosso inconsciente tem tão pouco uso hoje, como sempre teve, para a ideia da sua própria mortalidade (Freud, 1917-1918/1996d, p.259).

No caso H, o mecanismo desencadeado pelo agravamento do quadro clínico da paciente parece indicar que mesmo o inconsciente tenta reverter à ameaça de penetração e apassivamento psíquico produzidos pela doença e pelos processos de cuidado por via de uma resposta ativa de qualidade paranoide. “A identificação com o pólo ativo lhe permite [...] ligar aquilo que constitui excesso na posição passiva, aquilo que ultrapassa as capacidades integradoras do eu. Um excesso que reside na conjunção da passividade pulsional com o ‘seduzido’” (André, 1996, p. 107). Acrescentaríamos à passividade pulsional e ao seduzido a função devastadora da ameaça de morte. É essencial notar que os processos psíquicos desencadeados pela situação traumática de adoecimento e hospitalização parecem, a um olhar mais apressado, distanciar-se das representações inconscientes de fundo, que associam à morte e ao despedaçamento psíquico diretamente ligado à feminilidade originária.

Os elementos psíquicos associados com a morte fazem da experiência hospitalar uma experiência maciça de feminização, uma vez que os processos de objetualização e invasão do corpo estão presentes em sua força maior. Desse modo, não é a ameaça de castração que está em jogo, mas a ameaça de aniquilamento, de apassivação total do sujeito psíquico, isto é, de reedição da própria sedução originária com uma face ainda mais mortífera, sexual e perturbadora. Mas é preciso dizer ainda de forma mais clara o que associa a desorganização mental das psicoses, a morte e a feminilidade.

Para estabelecermos de forma evidente as relações entre a feminilidade e as psicoses, temos que entender que também nos processos de desorganização mental estão presentes as experiências que se ligam aos aspectos da morte. Os fenômenos elementares indicam de forma evidente como estão colocados em curso processos mortíferos que envolvem a fragmentação psíquica e o despedaçamento da imagem corporal. Sendo assim necessário lembrar que é “a feminilidade [originária] por excelência aquilo que ameaça os contornos” (André, 1996, p.76).

Esse raciocínio é que nos leva a pensar que a estrutura que fundamenta a eclosão desses processos está posta desde os processos originários que constituem o psiquismo, e não somente naqueles em que a encontramos de forma secundária, estruturando as experiências edípicas e a castração. Nem mesmo a função do pai pode ser tratada somente aí. Como pai sedutor/penetrante, a função desse agente deve pertencer às representações mais originárias do inconsciente.

Isso nos faz considerar que a primazia do significante e a forclusão não são centrais nos processos que determinam a psicose. Apesar de termos destacado as teorizações de Lacan sobre as alterações da linguagem, não estamos considerando a primazia do significante como

fator determinante dos processos inconscientes, apesar de não ignorarmos a sua importância. Ao invés disso, estamos tentando vincular esses aspectos em uma grande estrutura, na qual as vivências originárias, as experiências corporais e as alterações de linguagem se coadunam para compor os quadros de desorganização aguda das psicoses.

É preciso dizer que as teorias de Lacan que mais interessam ao caminho teórico que privilegiamos estão concentradas no que o autor propõe com o Estádio do Espelho. Em especial, consideramos essencial a formação primitiva e alienante do eu. É o que está proposto em relação à emergência da imagem especular “ainda mergulhada na impotência motora e na dependência da amamentação que o filhote do homem nesse estágio *infans* parecer-nos-á pois manifestar [...] a matriz simbólica em que o (eu) se precipita numa forma primordial” (Lacan, 1966/1998d, p. 96). Mesmo tentando evitar a referência a um narcisismo primário, tendo em vista sua preocupação em não endossar a ideia de um auto-erotismo originário, Lacan (1966/1998d) deixa marcada a “evidente relação da libido narcísica com a função alienante do [eu]” (p.102). Isso quer dizer que além da marca do outro, a estrutura egoica nasce com a “ilusão de autonomia em que se fia” (Lacan, 1966/1998d, p. 102).

No Estádio do Espelho temos evidenciados os efeitos formadores da imagem especular estrangeira sobre o organismo, isto é, os efeitos obturantes sobre o corpo despedaçado mergulhado na situação originária. Nessa relação especular adulto-criança, junto com os elementos penetrantes e fragmentadores, estão presentes os elementos narcísicos que fecham de forma alienante e mais ou menos frágil a imagem egoica. Também por isso, encontramos no eu, como Lacan insiste em dizer, os elementos do estranho que o tornam “algo fundamentalmente morto” (Lacan, 1981/2008, p. 172).

De forma paradoxal, Lacan define o papel do eu na formação dos mecanismos psíquicos da psicose, esclarecendo sobre o modo como sua condição inconsciente, alienante e especular, toma lugar central nos fenômenos elementares. Em relação a isso, Lacan (1981/2008) é claro em afirmar que “A fenomenologia mais aparente da psicose nos indica que esse eu ideal fala” (p. 172).

Sob essa perspectiva, é preciso que pensemos na existência de um recalque originário na psicose e na atuação de um agente psíquico já em momentos originários, como fica muito bem estabelecido nos processos primitivos de formação da função egoica descritos no Estádio do Espelho. Isso quer dizer que é necessário que o inconsciente seja fundado por uma operação originária anterior, de modo que o próprio inconsciente e as instâncias psíquicas se constituam para que seja possível pensarmos em uma ação orientada do psiquismo (Ribeiro,

2000). Isto é, se na psicose há um eu que fala – especular ou ideal – temos de considerar os processos que o constituíram, temos que considerar o recalque.

Essa noção também é sustentável a partir das reflexões de Lacan, mas não sem tocarmos na obscuridade teórica que cerca a questão que já levantamos sobre a forclusão. Que Lacan afirme a existência do eu na psicose, isso é perfeitamente comprovável nas inúmeras passagens do seminário sobre as psicoses, nas quais o autor se refere à instância egoica. Mas é novamente no Estádio do Espelho que encontramos elementos para afirmar as bases que nos permitem trabalhar com a noção de um recalque originário na psicose, sem que seja preciso abandonar as reflexões feitas pelo próprio Lacan.

Em relação à estrutura egóica, Lacan (1966/1998d) sugere “que partamos da *função de desconhecimento* que o [o eu] caracteriza em todas as suas estruturas [...] pois, se a *Verneinung* representa sua forma patente, latentes em sua grande maioria permanecerão seus efeitos” (p. 103). Se a qualidade estrangeira do eu é determinada pela *Verneinung* e ele está presente de forma ainda mais alienante na psicose, temos aí traçados os caminhos para pensar o recalque originário a partir da formação da função egoica, já que Lacan considera a relação da *Verneinung* com a estruturação da neurose, logo com o recalque.

Contudo, é preciso dizer que, tanto em seu texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1966/1998a) quanto em seu seminário sobre as psicoses, Lacan não considera que a *Verneinung* tenha lugar nos processos psíquicos da psicose: “Ele [o termo *Verwerfung*] se articula nesse registro como a ausência da *Bejahung*, ou juízo da atribuição, que Freud postula como *precedente necessário* a qualquer aplicação possível da *Verneinung*” [itálicos nossos] (Lacan, 1966/1998a, p. 564). Nesse ponto, esbarramos novamente em um paradoxo da obra lacaniana.

Se há eu na psicose, lá encontraremos a *Bejahung* e a *Verneinung* e, portanto, o recalque originário. Mas como não consideramos a psicose como um fenômeno determinado pela primazia significativa, não temos a tarefa de responder a essa questão, mas apenas de indicá-la. Contudo, tentaremos esclarecer o que é o recalque produzido pela formação da imagem do eu dentro da perspectiva teórica que privilegiamos.

Partindo da perspectiva que sustentamos, a feminilidade originária se distancia da feminilidade psicosexual e, desse modo, daquilo que se desencadeia na criança mais concretamente a partir da descoberta da diferença anatômica dos sexos. Logo, como elemento mais primitivo da constituição psíquica, a feminilidade originária nos coloca em um período anterior àquele processado no momento de passagem do sujeito pelo complexo de Édipo.

Ribeiro (2000) oferece uma explicação mais clara em relação ao modo como ocorre a transformação da feminilidade originária para a feminilidade penetrada. Para ele, o desejo de penetrar e ser penetrado presente no adulto opera, na criança, a tradução inicial necessária para a concretização dessa transformação do conteúdo feminino. Além disso, há no campo da alteridade a presença de elementos narcisizantes responsáveis pela obturação do corpo fragmentado. Elementos que, na teoria lacaniana sobre o Estádio do Espelho, relacionam-se com a imagem obturante dada pelo outro ao corpo despedaçado da criança. Desse modo, o outro que traumatiza também produz o apaziguamento das excitações que provoca na criança. O adulto que violenta com a inoculação da sexualidade inconsciente é também o adulto que promove a tradução das mensagens enigmáticas implantadas no bebê. Naturalmente, essa tradução só pode ser parcial, deixando um resto inassimilável.

O corpo fragmentado, completamente entregue à efração do outro, o corpo da feminilidade originária, sobra como resto não representado na operação de recalque. Isso quer dizer que a produção do feminino penetrado, associado à feminilidade psicosssexual, opera uma totalização precária dessa carne dispersa no processo primário de efração da sexualidade adulta na criança. A essa situação originária vão se somar os elementos narcísicos ligados mais tardiamente à libido genital narcísica (André, 1996), colocada por Freud como um elemento masculino da sexualidade e que poderíamos associar também aos elementos fálcos do inconsciente. No momento em que essa operação originária se efetiva, vários processos são também concretizados, sobretudo a diferenciação inicial do eu. Desse modo, o corpo do bebê, colocado em uma posição feminina e completamente entregue à intrusão do outro, é rebaixado ao nível inconsciente pela ação recalcante da tradução também ofertada pelo campo do outro. Isso é o que o aloca na condição de corpo originário recalçado, despedaçado, sobre o qual repousa o eu-instância, ou seja, a representação totalizante do corpo (Ribeiro, 2000).

O eu surge sobre a égide da negação desse duplo simétrico, num processo contemporâneo ao recalque das vivências de excitação, bem como da produção do caráter intrusivo e fragmentador dessas vivências, colocado em evidência pelo aparecimento de uma primeira e precária delimitação corporal (Ribeiro, 2000). Com o papel de manter esse corpo aprisionado ao inconsciente, sendo ameaçado constantemente por ele, o eu torna-se também um corpo penetrado de forma persistente por esse outro corpo recalçado estrangeiro.

Para concluir, é necessário dizer que o corpo originário é o corpo cavidade da feminilidade originária, o recalçado por excelência. Nesse sentido, um material inconsciente, ao qual Laplanche se refere a partir da conceituação do objeto fonte da pulsão como componente perturbador não traduzível que permanece nos porões do aparelho psíquico e

contra o qual o eu age defensivamente de forma exaustiva.

Pensando na fundação do eu e nos processos tradutivos que se inauguram a partir daí, é possível que pensemos também em que momento deveríamos localizar o recalçamento secundário. “O ser humano é e não cessa de ser um ser autotradutivo, autoteorizante. O recalçamento originário é apenas o momento primeiro e fundador de um processo que dura a vida toda” (Laplanche, 1988, pp. 120-121). Se o eu é uma estrutura formada em momentos ainda iniciais da constituição psíquica e a partir dele os processos autotradutivos são desencadeados, pensamos que entre o recalçamento primário e o recalçamento propriamente dito, muitos outros processos tradutivos são colocados em curso, sobretudo se considerarmos as fantasias que antecedem e possibilitam a travessia edípica (fantasia originária, fantasias de espancamento). Desse modo, apesar de Freud afirmar que “o complexo de Édipo, é o complexo nuclear das neuroses” (Freud, 1917-1918/1996a, p. 218) e também por isso o recalçado por excelência, estamos nos afastando dessa perspectiva de centralidade do Édipo para colocá-la como uma experiência de consolidação de processos mais originários.

Essa questão nos faz retomar a noção de que não é a ameaça de castração e a passagem pelo Édipo que estão postas no cerne dos processos que constituem as psicoses. Para entendermos os mecanismos que determinam os fenômenos elementares e psicotizantes, é preciso considerar a existência de um conteúdo ainda mais originário e perturbador. Na psicose estão evidenciadas as angústias de morte associadas ao fantasiar aterrorizante de retorno à posição feminina originária. Mas esse retorno ao originário não exclui os processos defensivos que se consolidam com o Édipo. Assim sendo, poderíamos pensar a foraclusão como uma arma psíquica defensiva que coloca para fora o corpo estranho que parasita o aparelho psíquico, criando essa ilusão de externalidade daquilo que ameaça despedaçar o sujeito de dentro – “Antes devemos dizer que o que é rejeitado [...] volta do exterior” (Lacan, 1981/2008, p. 59) –, sem, contudo, tomá-la em uma dimensão estrutural de compreensão da psicose e nem tampouco como mecanismo que rejeita apenas aquilo que pertence à ordem significante.

Como tentamos enfatizar até o momento, é preciso lembrar em relação a esses mecanismos (foraclusão, recalque, projeção, sublimação), que os próprios mecanismos defensivos em vigor no eu se formam a partir de elementos alienantes introduzidos no psiquismo ainda em momentos primitivos pela alteridade (o narcisismo comporta seus componentes de morte e alienação). “Não há, portanto, eu sem esse gênero, digamos, cheio de delírio” (Lacan, 1981/2008, p. 172).

Para destacar bem a qualidade inconsciente das funções egoicas, é preciso manter em mente que, em sua qualidade inconsciente, o eu porta-se como uma entidade fantasmática obturante da fragmentação psíquica, na tentativa de produzir uma unificação imaginária. Sem dúvida, é essencial que se reconheça que o eu é formado por estruturas que também comportam uma natureza inconsciente e sediciosa. Todavia, além dessa dimensão estrangeira, muito bem localizada por Lacan, é necessário considerar que o eu possui outro componente inconsciente marcado por um caráter dúbio, isto é, caracterizado pelo desempenho de uma função psíquica estruturante, mas não menos alienante para o sujeito. Partindo dessa noção, retomamos os efeitos da primazia fálica na produção teórica da psicanálise.

Concordamos com Jacques André em relação ao fato de que, na teoria freudiana, o falo está a serviço da dimensão narcísica egoica, aparecendo em vários momentos do pensamento freudiano como o maior atributo narcísico do eu. É essencial reconhecer, então, o falo como elemento de dominação e virilidade. Isto é, faz-se mister considerarmos que a lógica fálica também tem como norte a lógica egoica.

Lacan (1975/1985) chega a abordar essa questão quando, em seu “*Seminário 20: Mais, ainda*”, associa o Um da relação sexual ao gozo fálico. De forma mais explícita, Lacan atribui ao Um as ligações de Eros (“será ele [Eros] tensão para o Um?”) (Lacan, 1975/1985, p. 13) e a dimensão imaginária identificatória: “a questão do que faz o Um, quer dizer, a identificação” (Lacan, 1975/1985, p. 14). O Um, em suas associações com o falo, opera no psiquismo com a lógica de unificação narcísica, produzindo o apagamento daquilo que possa representar algo estranho a ele. Como se pode notar, mesmo na teoria da sexuação de Lacan, parece haver o domínio da teoria infantil da lógica fálica, na qual o culto ao falo – tal como na fantasia da criança – se impõe como uma tentativa de entender a diferença anatômica por via do apagamento desta.

É bem o movimento resolutivo da lógica fálica: apagar a alteridade, reduzir tudo à figura do mesmo, quer o tenhamos ou não. Uma lógica como esta nunca introduziu a diferença entre os sexos, mas apenas a um sexo que a faz a diferença (André, 1996, p. 62).

Sem dúvida, essa qualidade fálico/egoica aniquiladora das diferenças também guarda sua esfera inconsciente e devastadora.

Todas essas considerações colocam em evidência como o inconsciente opera de forma desestruturante mesmo nos processos que aparentemente estão colocados a serviço da preservação da integridade psíquica do sujeito. Além desse inconsciente presente nos processos defensivos de elaboração secundária, temos de considerar o inconsciente atuante

nos processos de desligamento e fragmentação que existem desde os momentos originários como componentes que operam para despedaçar os contornos egoicos. E, apesar de não enforcarmos essa noção, já dissemos que há participação da atividade superegoica nos processos de desorganização psíquica. Na psicose, ao acusar o ataque do corpo psíquico estrangeiro dentro de um registro insuportável para eu, a própria atividade de censura se desprende tornando-se um elemento do delírio.

Um outro aspecto deve ser destacado em relação aos processos secundários do inconsciente relacionados aos momentos iniciais da constituição psíquica. Ao contrário do que Freud postula, as representações sobre a castração e os amores edípicos – apesar de participarem de processos secundários do inconsciente que também carregam sua face perturbadora – atuam como mecanismos recalcentes, que tornam mais manejável a angústia fragmentadora atrelada à feminilidade originária. Isto é, essas representações estão a serviço dos mecanismos de tradução. Há, nessa lógica, um encontro conflituoso entre duas forças pulsionais desorganizadoras, a força recalcente da libido genital narcísica, como uma retomada ativa da pulsão, apoiada pelas insígnias do gênero, e o excesso pulsional convulsionante do elemento feminino, associado ao corpo efractado, invadido, despedaçado. Sem dúvida, essas são as duas principais correntes de investimento libidinal concorrentes no psiquismo.

Tendemos a pensar que o fracasso egoico, na função de agente recalcente, faz com que os conteúdos inconscientes tomem lugar na consciência sem serem inibidos nas fronteiras do eu. Esse fracasso desencadeia a expulsão/rejeição desses conteúdos por via dos processos de automatismo mental, o que não garante, de modo algum, que, com isso, o agente psíquico interno deixe de ser parasitado, efractado e invadido pelo produto de sua própria defesa.

A partir do nosso percurso teórico de investigação, é possível dizer que não consideramos que a evocação do Nome do pai, ou do significante primordial que falta ao sujeito, seja o mecanismo desencadeador da psicose e desse fracasso do eu. O que consideramos se encontrar na base dos processos psicóticos está intimamente associado a situações (que misturam a realidade interna e externa) que se impõem para ao sujeito e que o confrontam com um elemento estranho, insuportável e apassivador. Isto é, quando “O Ego [...] é tomado pelo ataque interno de seu objeto fonte que não consegue mais se simbolizar” (Laplanche, 1992a, p. 107). Isso nos permite pensar que na psicose esse ataque interno dirigido ao eu torna-se tão insuportável que precisa ser rejeitado, banido, de modo que esse corpo interno estrangeiro se desprenda como algo vindo de fora.

É preciso dizer em relação à psicose que Freud associa a base do espírito litigioso da paranoia à fantasia original de ser agredido pelo pai (Freud, 1917-1918/1996a). Todavia, essa não é uma construção delirante endereçada à figura do pai, ou uma resposta advinda por sua falta simbólica. Mais do que isso, essa é uma tentativa de rejeição estabelecida contra a representação da efração e de todos os processos que impõem ao eu os fenômenos que se associam à feminilidade originária. Em relação a essa concepção de um psiquismo tomado pela ameaça estrangeira, podemos associar a representação do pai que seduz sexualmente a criança por via de sua ação penetrante inconsciente.

Façamos um último esforço na tentativa de pensar a relação da diversidade de fenômenos da psicose com aquilo que é próprio do originário. Para tanto, passemos a pensar em algumas expressões clínicas da experiência psicótica.

O desencadeamento da psicose puerperal poderia ser considerado como resultado do encontro do sujeito com a passividade pulsional absoluta do neonato e, conseqüentemente, com o corpo efractado da feminilidade originária. Situação que impõe à mãe fragilizada pelo processo traumatizante do parto, por si só apassivador e invasivo, o encontro com a situação originária e perturbadora do bebê.

Na paranoia poderíamos pensar que a penetração perturbadora do corpo estrangeiro no psiquismo faz com que o eu responda por uma via igualmente violenta de expansão dos processos defensivos. Como consequência dessa resposta, os processos de defesa expulsam as representações de ataque do corpo invadido e se desprendem em uma grande estrutura independente, automática, imaginariamente externalizada, e não menos desorganizadora e penetrante para o psiquismo.

Em relação à psicose esquizofrênica podemos supor que a capacidade defensiva da função egoica estaria reduzida a tal ponto que o psiquismo estivesse ameaçado pela fragmentação de forma ainda mais efetiva. Nela, a feminilidade originária estaria operando em sua força fragmentadora máxima, a fim de efetivar o despedaçamento egoico, marcando seus efeitos inclusive nos fenômenos de mortificação do corpo e de fragmentação da fala. Sendo assim, na esquizofrenia, mais do que na paranoia, a função simbolizante do eu, sua esfera de ligação narcísica, estaria bastante comprometida pela força da atuação dos elementos de feminização.

Não muito distante das psicoses esquizofrênicas, estariam as psicoses confusionais. No caso destas, os processos psíquicos passíveis de representação e simbolização não comporiam o cerne dos fatores que as fariam eclodir. Mas de forma não menos desorganizadora poderíamos ver os elementos associados à feminilidade originária serem reeditados de forma

terrificante pelos processos de adoecimento do corpo, pela presença da ameaça real de morte e pela relação brutal de cuidado ofertada ao sujeito tomado pela afecção orgânica. Desse modo, mesmo em um funcionamento neurótico, as psicoses confusionais eclodiriam, favorecendo o transbordamento dos elementos ligados ao recalcado.

Em todas essas situações clínicas, a estrutura elementar evidenciada pelos fenômenos de automatismo mental nos permitiria acessar os processos psíquicos associados à atuação da feminilidade originária na experiência psicótica. Em suma, é possível dizer que, partindo da diversidade fenomenológica das psicoses, poderíamos chegar a um estado de passividade anterior, ligado à sedução originária, em seu estado bruto e traumático, no qual encontramos as bases que fundamentam a gênese do delírio. Isso nos permite dizer, finalmente, que se procure na psicose pela estrutura feminina originária, elemento determinante dos processos de desorganização aguda do psiquismo.

REFERÊNCIAS¹⁹

- André, J. (1994) L'originare Féminité. [Versão eletrônica]. In Laplanche e collaborateurs. *Colloque international de psychanalyse* (pp. 129-130) Montréal: Juillet, 1992.
- André, J. (1996). *As Origens Femininas da Sexualidade*. (V. Ribeiro, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. [Versão eletrônica]. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 49-63.
- Arán, M. (2009). *A psicanálise e o dispositivo diferença sexual*. In: *Revista Estudos Feministas*, 17(3), 653-673.
- Barros, M (1994). *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bernardes, W. S. (2005). *A concepção freudiana do caráter*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Recuperado em 15 de novembro de 2011, de http://teses.ufrj.br/ip_d/wagnersiqueirabernardes.pdf.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cardoso, M. R. (2002). *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Castro, H. S. (2000). O desencadeamento da psicose e o empuxo-à-mulher. In: *Correio - Escola Brasileira de Psicanálise*, Belo Horizonte, 29, 20-29.
- Celes, L.A.(2005). Sedução e Feminilidade em Transferência. [Versão eletrônica]. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 8(1), 77-94.
- Clérambault, G.G. (1924/2004). Definição do automatismo mental. A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria — os fenômenos elementares. *Revista Tempo Freudiano - Associação Psicanalítica*, 1(3), 193-196.

¹⁹ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Clérambault, G.G. (1926/2004). Psicose à base de automatismo – Apresentação à sociedade clínica. A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria — os fenômenos elementares. *Revista Tempo Freudiano - Associação Psicanalítica*, 1(3), 197-207.
- Ey, H., Bernard, P. & Brisset, C. (n.d). *Manual de Psiquiatria*. (P.C. Geraldês, S. Ioannides, trads.). (5a ed). Brasil: Masson.
- Fédida, P. (1991). Nome, Figura e Memória: a linguagem na situação psicanalítica. (M. Gambini e C. Berliner, trads.). São Paulo: Escuta.
- França Neto, O. (2009). O impasse causal da psicopatologia: problema ou solução para a clínica? *Revista Cartas de Psicanálise – UNIPAC*, 1(5), 10-19.
- Freud, S. (1886-1889/1996). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1896).
- Freud, S.(1901-1905/ 1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol.7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1905).
- Freud, S.(1911-1913/1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1911).
- Freud, S. (1915-1916/ 1996). Conferência XIII – Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 15). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1916).
- Freud, S. (1916-1917/1996). O sentido dos sintomas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 16). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1917).
- Freud, S. (1917-1918/1996a). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo das origens das perversões sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1919).
- Freud, S. (1917-1918/1996b). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1918).

- Freud, S. (1917-1918/1996c). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. Uma contribuição ao estudo das origens das perversões sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1917).
- Freud, S. (1917-1918/1996d). O Estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1919).
- Freud, S. (1920-1922/1996). Além do Princípio de Prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1920).
- Freud, S. (1923-1925/1996a). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1925).
- Freud, S. (1923-1925/1996b). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1924).
- Freud, S. (1923-1925/1996c). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1924).
- Freud, S. (1923-1925/1996d). A organização genital infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1923).
- Freud, S. (1927-1931/1996). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1931).
- Freud, S.(1932-1936/1996). Conferência XXXIII - Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1933).
- Freud, S.(1937-1939/ 1996). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. (J. Salomão, trad., vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1937).

- Gama, V.C. & Bastos, A. (2010). A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. [Versão eletrônica]. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, 22(1), 141-156.
- Generoso, C.M. (2008). O funcionamento da linguagem na esquizofrenia: um estudo lacaniano. [Versão eletrônica]. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(2), 267-281.
- Guerra, A. M. C. (2001). A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. [Versão eletrônica]. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(1), 85-101.
- Harari, A. (2006). *Clínica Lacaniana da Psicose*. (V. Ribeiro, trad.) Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Jaspers, Karl (1913/2000). *Psicopatologia Geral*. (S.P. Penna, trad.). São Paulo: Editora Atheneu.
- Kaplan, H.I, Sadock, B.J. & Sadock V.A, (2007). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. (C. Dornelles, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Kübler-Ross, E. (1998). *Sobre a morte e o morrer*. (P. Menezes, trad.). 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo.
- Lacan, J. (1956-1957/1995). *O seminário, livro 04: a relação de objeto*. (D.D. Estrada, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957-1958/1999). *O seminário, livro 05: as formações do inconsciente*. (V. Ribeiro, M. Vieira, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1966/1998a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. (V. Ribeiro, trad.) In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1966/1998b). A Significação do falo. (V. Ribeiro, trad.) In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1966/1998c). Intervenção sobre a transferência. (V. Ribeiro, trad.) In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1966/1998d). O estádio do espelho como formador da função do eu. (V. Ribeiro, trad.) In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1966/1998e). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “*Verneinung*” de Freud. (V. Ribeiro, trad.) In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1975/1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. (M.D. Magno, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1981/2008). *O seminário, livro 03: as psicoses*. (A. Menezes, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). O Aturdido. (V. Ribeiro, A. Harari, M. Vieira, A. Telles trads.) In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Laplanche, J. (1988) *Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios*. (D. Vasconcellos, trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1990) *Fantasia Originárias, Fantasia das Origens, Origens da Fantasia*. (A.Cabral, trad.) (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. (1992a) *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner, trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992b) *A Revolução Copernicana Inacabada*. (M.S Deweik e M.L.C. Costa, trads.) São Paulo: SEDES.
- Lispector, C. (1980). *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. (7a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lustoza, R. Z. & Calazans, R. (2010). Alcance e valor do nome-do-pai atualmente: algumas considerações. [Versão eletrônica]. *Psicol. Estud.*, 15(3), 557-565.
- Melman, C. (1924/2004). Contribuição da Psicanálise à Semiologia Psiquiátrica. A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria — os fenômenos elementares. *Revista Tempo Freudiano* -

- Associação Psicanalítica*, 1(3), 13-35.
- Millot, C. (1992). *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo: Escuta.
- Moura, A. & Nikos I. (2000). Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. [Versão eletrônica]. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 140/141, 69-76.
- Pereira, M.E (1999). O 'automatismo mental' e a 'erotomania', segundo Clérambault'. [Versão eletrônica]. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(1), 141-145.
- Pessoa, Fernando (1934/1998). *Mensagem*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Quinet, A (2006). *Teoria e Clínica da Psicose*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Rahme, M. (2006). Transmissão e laço social. *Psicanálise, Educação e Transmissão*, Ano 6 . Recuperado em 27 de Abril de 2012, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100056&script=sci_abstract
- Ribeiro, P. C. (2000) *O Problema da Identificação em Freud: Recalcamento da Identificação Feminina Primária*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro, P. C. (2006). O Analista como Guardião do Enigma: a visão de Jean Laplanche. In: Carvalho, A.C & França, C. P.. *Estilos do Xadrez Psicanalítico: A Técnica em Questão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rodrigues, A. C. T. (2005). Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia. [Versão eletrônica]. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(4), 754-768.
- Rodrigues, A. C. T. (2006). Considerações sobre as noções de primariedade e incompreensibilidade em Karl Jaspers: implicações para o conceito de delírio. [Versão eletrônica]. *Revista AdVerbum*, 1(1), 43-58.
- Rosa, M. (2009). A psicose ordinária e os fenômenos de corpo. [Versão eletrônica]. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(1), 116-129.

- Rosa, M. (2008). Ser um homem segundo a tradição? [Versão eletrônica]. *Fractal, Rev. Psicol*, 20(2), 437-446.
- Santiago, J. (1998) O mais-goza e seu efeito feminizante sobre o macho. In: *Primeiro Congresso da Associação Mundial de Psicanálise* (pp. 153-164). Barcelona: Relatório das Escolas - EBP.Sl. Cultura.
- Steffen, R. (1988). A Tópica do Imaginário. In: Checchinato, Durval et al. *A Clínica da Psicose*. 2º Edição. São Paulo: Papyrus.
- Teixeira, A. (2006). Entre o Signo e Significante: a esquizofrenia incipiente segundo Conrad. [Versão eletrônica]. *Rev. Dep. Psicol., UFF*, 18(1), 107-116.
- Vorcaro, A. (1997). *A Criança na Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Viganó, C. (1999). A construção do caso clínico em Saúde Mental. *Curinga – Psicanálise e Saúde Mental*. Belo Horizonte: EBP – MG, (13), p.50-59.
- Wacker, P, Nunes, P. V, & Forlenza, O. V (2005). Delirium: uma perspectiva histórica. [Versão eletrônica]. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 32(3), 97-103.
- Zenoni, A. (2007). Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. [Versão eletrônica]. *Psicologia em Revista*, 13(1), 15-26.